

Montanha

Azul

1.

Cheguei a casa e fiquei pensando na expressão "o cansaço do macho". Lembrava-me do Colinas, lá em Riachos, exaurido da sua vida boémia, um tipo que nunca havia acertado com as mulheres, um pouco à minha semelhança. Não tinha piada nenhuma este meu pensamento. Coisa tão óbvia!.... Decidi para mim próprio deixar a prosa, esta sequência de obras onde explanava o meu estilo próprio ao correr da pena e pensei em dedicar-me à poesia. Escrevi um pouco, um poema. Já em Lisboa, as ideias começam a aparecer e sigo com esta narrativa. Pela segunda vez, chamam-me de tarado na rua, nunca viram um filósofo que goste de sexo, nesta terra ou são toscos, absolutamente tarados, digamos assim, ou são falsos intelectuais em "falsete", como monges, desprezando os prazeres da vida, envoltos em inúmeras discussões retóricas que abafam o cidadão comum. Nesta terra há dinheiro, isso não falta. Mas pouca consciência cívica, nada de muito mais complexo ou elaborado através de teorias sociais ou filosóficas.

Levanto-me atordoado. À noite, vou comprar um Jameson por pouco mais de cinco euros, talvez como desculpa por não sair. De outro modo, que faria eu com dez euros nas Docas, sem passe? Inscrevo-me num site de encontros eróticos e o pagamento acaba por ser aceite, gerando uma filiação por três meses. Publico dois, três anúncios em revistas femininas e recebo algumas chamadas, mas ainda sem grande resultado. Lembro-me de Lilly, lá longe, sofrendo de uma ruptura no menismo, fazendo-se orgulhosa do magistério que exerce. Mais um fim de semana. Vou até aos velhotes no dia seguinte? Ou fico, na expectativa de conhecer alguém. Pouco saí de casa, apenas para ir ao supermercado.

2.

Como que não estou inspirado, após mais de duas semanas sem escrever quase nada. A bebida ficou para trás, foi água-abaixo pela sanita, enquanto a minha demanda pelo amor prossegue, bem como a pelo emprego e melhores condições de vida. Estou um pouco alheado das formulações filosóficas dos últimos anos, além do mais não tenho conversado com quase ninguém a propósito de nada. Talvez esse factor torne a minha obra única e singular, ao mesmo tempo que certamente desfasada do pensar e sentir dos tempos, actuais, correntes. Deixei de lado um conjunto de obras iniciadas, como *On Purpose* e *O Filósofo Inocente*. Tenho andado com grande diarreia, física, que a mental não me assiste. Talvez tenha, por ora, uma vida bastante ridícula, passando a maior parte do tempo em casa, com a tv ligada e o rádio na M80. Talvez não tenha saído ainda dessa década. Mas tenho uma doença que me constrange bastante, a doença da preocupação. E decidi descansar um pouco, aliviar a carga mental, a tensão interior, entre o que penso e o que vejo, nos meus dias oscilados entre o Oriente, a Baixa e o Aeroporto. Não consigo conceber outros lugares, como se tudo se estivesse fechando para mim. No entanto, consigo ter momentos de verdadeira felicidade, embora durma só. Penso em Lily e na comida que me vai fazer, usando a cozinha para todos os efeitos e mais alguns. Sim, pareço um Mustang, que apanha pancada de quase toda a gente e que acaba finalmente por vencer, ainda que ferido de quase-morte. Tentando sempre compreender, sair de mim mesmo, quando em mim-mesmo estou numa posição incómoda e perturbante, não sei bem porquê.

3.

Depois, abandonado ao Nada, pensei que estava cumprindo, desempenhando, um papel. Na casa dos pais, ninguém aparecia a perguntar por mim e em Lisboa era a mesma coisa. As pessoas, nesta pequena vila que era Moscat, faziam críticas, olhavam-me como se fosse um estrangeiro, ouvia as suas vozes dentro de casa, falando de mim e de tudo e mais alguma coisa. Eu podia sair, naquele Sábado, ir até ao centro, mas estava esperando um pretexto razoável. Bebi um pouco de cerveja, fui comprar cigarros avulso e reparei que o mónhé apenas me havia dado seis, para dois euros. Tudo bem, no dia anterior talvez me tivesse dado a mais. Fui lembrando que, quando tive vários problemas, os meus sempre ficavam do lado deles e não do meu lado, pelo que eu tinha de dar explicações por tudo e mais alguma coisa. Isso refletiu o modo como me tratavam, o que pensavam de mim. Se era assim com os meus, como não seria com os de fora? Se eu fosse contar o que passei nesses dias, o modo como as pessoas me tratavam, ninguém acreditava, nem os meus, achavam sempre que era culpa minha e que eu era responsável por isso. Não me estou fazendo de vítima mas, só dar dar um vislumbre, imaginai um fim de semana fechado em casa num dia solarengo, sem dinheiro, sem luzes, sempre sacando coelhos da cartola, sem nada para fazer. Massacrante...

Por vezes não nos apercebemos o quanto somos felizes, a sorte que temos. Eu estava atarantado e parti uma peça do autoclismo ao tentar deitar uma pedra de cheiro no tampo, mas como ele não abria, rebentei com qualquer peça que estava ligada ao botão. De repente, fiquei feliz, como se ficasse feliz com uma infelicidade, algo em prejuízo de mim próprio. Dei-me conta de que teria de comprar um novo e instalá-lo, pois um técnico só me complicaria a tarefa, para além do mais era bastante caro e nada me garantia que um equipamento novo

viesses a trabalhar em condições. Dor de cabeça. Cansaço. Não me apetecia sair. Entretanto, o Benfica estava para jogar um dos últimos três jogos rumo a um título possível... Depois, nesse dia, comprei uma garrafa de whisky, em vez da usual cerveja. Bebi um terço. Quando me encaminhava para a cama, cansado mental e fisicamente, prometi a mim mesmo apenas beber mais um fundinho, do quarto que havia bebido nesse dia. Encontrei-me à porta e olhei pelo buraco da fechadura, pelo visor, a luz estava acesa, mas ninguém aparecia e eu habituei-me a esperar mais e mais pela gente que viria a minha casa, longe estava a América, isto era a minha América, nesse dia ninguém mais ligou, mesmo com os quatro ou cinco anúncios que publicara. Notei que a placa com o meu nome e da minha irmã, do lado de dentro da porta, ainda lá estava. Tivera várias vezes vontade de a retirar, só pra mostrar o meu pretenso sentido territorial, mas, por uma razão ou outra, não me lembrei mais ou mesmo, ao contemplá-la, não fui capaz. Essa placa acompanhara-me desde o Alto de São João até aqui, passando pela Expo e notava que mais ninguém, nesses habitantes, tivera a coragem de o fazer, como eu, evidenciar o seu nome. Talvez tivesse mais amargos de boca e de consciência do que eu; ou talvez não, talvez nem se apercebesse disso...

4.

Ainda falando de mim, como falo de outros, o OCD não é uma deficiência, é uma patologia mais ou menos grave que muita gente tem, como tem bipolaridade (os governantes deste país e quem vota neles, essencialmente, o que reduz a população a um estado de doença patológica bem considerável), epilepsia, outras neuroses, esquizofrenia, psicopatia. Não é das patologias mais graves mas um princípio de genialidade e usufruto social se bem compreendida e aproveitada. Em *O Sussuro da Mente* expliquei detalhadamente os mecanismos desta doença, equivalente à fibromialgia quando verificada não nos músculos mas no hipocampo, equivalente à Sida, equivalente às doenças coronárias. Nessa noite, avancei um pouco mais nas minhas pesquisas, adiantei ainda mais esta obra, começada no dia anterior e apercebi-me que era mais-que-americano no meu arfar teórico-prático-poético, longe da poesia, da minha poesia dos dezoito anos, que podia muito bem ter seguido e porfilhado, muito bem refinado como aguardente no alambique. Sim, era, mais que americano, grego, revistando os mitos fundadores do cosmos e do pensar e, mais uma vez, ou até pela primeira vez, apercebi-me da imensidão e significado da minha obra e o que dizia isso ao mundo, tendo dele sido retirada e do mim-mesmo, nada, não dizia nada, e ainda bem, eu podia continuar a ser o mesmo ainda por algum tempo, ainda por alguma música, denotando a música que cortava o ar da sala nos meus tímpanos sem cera.. Apercebi-me que, em dois anos, fizera qualquer coisa de notável e que não podia descansar à sombra da bananeira, neste nicho da escrita, teria de avançar, "prá frente é o caminho", dizia o cromo todo lixado por ter sentido a minha presença ameaçadora de macho alfa... Finalmente, libertara-me...

5.

Não sabia bem o que dizer. Lily aconselhou-me, face à minha melancolia, a fazer aquilo que mais gosto de fazer e estou fazendo-o, pensar, escrever, à mão e ao computador. Não é fácil, sobretudo nestes tempos de crise, fazer uma tese em Filosofia. Nunca foi, talvez seja a área, dadas as areias movediças que implica, onde seja mais difícil fazer uma tesxe, um texto, se bem que muitos se especializem em tolices, verborreias e palermices filosóficas de toda a ordem, sem apoio algum de ciências sociais com a psicologia social, por exemplo. Já passou mais de um mês sem que nada me digam da tese ou dos concursos a que concorri, na faculdade de letras, suponho que tenho de esperar mais noventa dias. Estou confuso, desmoralizo facilmente, mas continuo a escrever abundantemente, desta vez à mão, a consultar o facebook e procurar mulher, quanto mais procuro menos encontro, isto é questão de santo espírito, sei lá, nada me corre bem, no entanto fiz coisas maravilhamente bem feitas e ensaiadas, pensadas e tudo o que se pensa existe e vou conhecendo raros momentos de felicidade dado a um método que eu próprio criei, o método Taigen. A minha universidade ainda está em pé, mas não tenho mais energia para a manter no alto, online e em termos físicos, nem sequer me sinto especialmente iluminado para escrever, mas prossigo, prossigo qualquer coisa, como se fosse um mineiro escavando um túnel que nunca tem saída até ao ponto em que resolve voltar para trás, para casa, para os seus...Foi nesse momento que eu percebi...eu era o Rei de Lisboa.

6.

Depois, tornava-me um tipo conservador, respeitador, até à agonia da maior dôr cerebral e percebia porque não podia fazer certas coisas, porque não podia ter feito certas coisas, sim, procurei exaustivamente a miúda certa e entre putas e santas, não encontrei, até que surgiu Lilly de novo no meu horizonte, negra e bela, compreensiva e dialogante. E eu desisti de procurar mulheres de corpo perfeito, que as que viviam por cá não tinham, nem de perto nem de longe, a perfeição do espírito daquela. Naquela noite não ia bater mais nenhuma punha, ficava pensando na minha santa do cambonblé evangélico, fazendo amor com o meu corpo, levando-me para uma dimensão de amor que eu nunca conhecera, eu, logo eu, o Dom Juan que pouco proveito tinha e que, na verdade, apenas vivia do conceito das iluminações fora dos bairros da capital portuguesa, os bairros lusófonos e feiteiros...tipo Lux e outros que eu ia esquecendo, abafado por uma grande punheta motivada por um vazia e a inexistência de um écran, sendo que a maior parte procurava de-monstrar algo, comprovar e defender algo, eu não tinha tanto interesse nisso porque o que era patente me bastava, o dia após dia, o normal e banal quotidiano, entre o obsceno e o transcendente...No fundo, em termos de expressão dramática e de toda a qualquer filosofia, o que importa será não a etnografia mas a performance, ou seja, quem vinga é o autor, pois o seu ego desaparece além do seu "acto", da manifestação da combinação entre papel e interpretação...

7.

Não sabia mais o que dizer, o que pensar, passava nesses dias de Maio, Mês da Mãe, Mês de Fátima, a maior parte do tempo em casa. Mas não me sentia especialmente mal. Ainda procurava uma mulher, se bem que tivesse Lilly do outro lado do horizonte, à minha espera. Ainda alugava o quarto e, fora a maluca que chamara a polícia porque pensava que eu lhe queria ficar com as coisas, nunca mais vivera com ninguém desde que chegara àquela casa em Moscat. Sabia que podia estar bem longe daqui, do outro lado do oceano, se fosse exibicionista poderia ter qualquer mulher em Lisboa, a maior parte eram apenas tontas e interesseiras, e embora eu sendo um bom partido, nenhuma se comprometia, incluindo a jovem brasileira, a quem ligara um par de vezes e, à noção de nada dizer, ficava cada vez mais longe...

Enquanto cientista social, percebia que as pessoas andavam mais do que sobrecitadas. Andavam loucas, talvez os hospitais e as prisões nunca tivessem tanta gente que, ora se reprime por ser louca, outra embate contra o Outro pelo mesmo motivo. Se regressasse a Leirena ou Pombais, talvez tivesse bastantes pretendentes, mas esse estilo de vida não me interessava nem um pouco, além do mais esses sítios nada me diziam... Sim, eu tinha visto muita porcaria na net, digamos que pornô hetero apenas, e isso havia modificado um pouco a maneira de pensar, havia-me tornado mais agressivo e menos ciente do que havia feito nesta vida até então, os escritos, o doutoramento. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia-me bem com esse mal necessário, jogava na minha cabeça com isso, pelo mero prazer de pensar. Podia ter ido mais longe na vida literária, inclusive conhecer meios, pessoas, interesses, motivos de êxito, fama e reconhecimento. Mas talvez por não aderir a tudo isso é que a minha obra era brilhante, única. Eu sabia bem distinguir as coisas e esse mal necessário se coadunava com uma certa

forma de azar e, essencialmente, falta de dinheiro e/ou emprego...ainda esperava pelos resultados das bolsas, das provas de doutoramento, dos concursos de professor, que durariam no máximo até Setembro desse ano...por isso, fui deixando de me importar.

Acabou. Passa mais um dia e ainda estou (um pouco) atónito com a recusa da minha tese pela faculdade de Letras. Não entrei em pânico. Fiquei desiludido, mas ao mesmo tempo aliviado, ainda que algo revoltado. Não é à toa que se recusa uma tese nestas áreas. Porém, aconteceu comigo, mesmo depois de tanto esforço. Não me causa nenhum prazer especial, não sou uma máquina, mas continuo, não sabendo bem onde vou chegar. Tenho tido dificuldade em encontrar uma companhia, uma companheira, uma pessoa para conversar nesta cidade de loucos. Ontem fui ao café pela primeira vez ver o jogo. Houve hoje problemas com o cartão no levantamento de dinheiro e outras operações, de modo que falei com a minha irmã, a titular da conta (conto tudo?...), é preciso pensar "fora da caixa", eu creio que uso as duas modalidades. Falei com duas ou três moças, mas poucas se manifestam interessadas em estar comigo a não ser para sexo. Eu quero isso, mas quero mais. Palpita-me que há aqui qualquer coisa de estranho, viver sózinho, ter toda esta capacidade de organização (mental) e calma que eu tenho e...ainda nada...

8.

Acordara mais bem disposto naquele dia chuvoso, mas não conseguira fazer nada do meu dinheiro da pensão, que segundo a minha irmã, já havia chegado. Coitada, tive de pedir-lhe mais vinte euros, por fora e foram num instante, bastou ir ao supermercado, comprar um maço de tabaco, uma amêndoa amarga. O meu estado de espírito era melhor, eu era absolutamente persistente, mas não podia, não podia mesmo procurar mais mulheres, ainda que desde o Natal, ia em cinco meses tivera uma fugaz relação. Depois, comecei a ler Michael Ruse e George Price, "the man who gave himself away". Estava convicto que o segredo da vida humana não era nem o egoísmo nem o altruísmo, não tínhamos absolutamente de chegar a lugar algum, o caminho que se faz caminhando era um chão (quase popular), um truísmo para continuar a caminhar. A existência e condição humana são essencialmente uma espera, sobretudo por algo que nunca vem, digamos assim, se não esperamos por nada, temos tudo e deixamos logo de ser felizes, de acreditar na realgião, entre outras coisas, como em nós mesmos. Esperamos, portanto, por coisas e estados de espírito que nunca chegam, mas o certo é que se por eles esperamos, hã-de vir algum dia ter connosco, isso é certo. Portanto, a condição da esperá implica tanto conseguir como não conseguir, esperamos a felicidade e ela chega ou não chega, a espera é ume stado de ocupação de nós mesmos, do crisol do Ego que somos e de certo modo é uma actividade, ocuação que pode bem tornar-nos bastante felizes ainda em vida e trazer para este mundo (o nosso mundo) o que normalmente pertence ao domínio do transcendente, do alé, ideias de PAZ, BEM, BONDADE e tudo o mais...

A tese estava mais do que boa, o problema é que eu tinha ido bastante longe com o meu cavalo, talvez até longe demais, sem grande possibilidade de apanhar os outros. È a cultura portuguesa, a burocracia, é preciso pedir licença a toda a gente e mais alguma para fazer alguma coisa, nomeadamente na cultura, há essa cultura enraizada do deixa andar e eu nunca simpatizei com isso, até porque não tenho as costas quentes...

9.

Estava novamente bloqueado. Isto acontecia-me sempre que me acontecia muita coisa, tinha tanto para dizer que não sabia por onde começar. Se continuasse a minha dolorosa demanda, seria um São Victos, um dia, mas eu não queria isso, queria apenas que lêssem os meus livros e provar que o estado de santidade, a bondade para com as coisas, as plantas e as criaturas, é qualquer coisa que não se consegue sem esforço. Mas...desejar...é fazer esforço? Não vai a natureza justamente por onde vai? Estava no reduto do meu esgotamento, eu não sabia porque razão não conseguia arranjar uma miúda, eu cria que seria por não ter grande dinheiro, por não ter carro, por não ter um emprego devidamente remunerado, mas estava percebendo que as mentalidades estavam mudando, o país americanizava-se, ou seja, tornava-se mais liberal, mais selvagem, muitas vezes em nome de um governo de esquerda, ou seja, eu tinha uma casa em Moscat há dois anos e nenhuma miúda se apresentara e dissera "quero viver consigo" ou, no mínimo, "quero conhecê-lo melhor", ou "quero namorar consigo, sair consigo". Eu sentia. Ao mesmo tempo, eu sentia que estava singrando, ou seja, talvez estivesse subindo, a custo do meu próprio esforço, na consideração das pessoas da cidade. Afinal, o que conduz à química dos amantes? Tal coisa existe? E quanto à química dos estrangeiros, dos migrantes, que muitas vezes nem tomam banho e vão encontrando a mulher dos seus sonhos, com a qual ficam o resto da vida? É claro que o homem, como a mulher, procuram sempre vantagem, isso é perfeitamente natural, quem gosta de estar em baixo? Quem não gosta de status e prestígio? Faz parte da natureza humana, é, mais do que natural, cultural. A pouco e pouco, fui sentindo o impacto não só do meu doutoramento, como das minhas ideias, nunca fora realmente defensor delas, mas começava a acreditar que valiam alguma coisa, mesmo "daqui para fora".

Depois, era um senhor, não precisava de me alarvar como um actor em diversas telenovelas, tinha obra escrita, tinha uma tese, duas até, tinha um caminho feito a sangue é suor e lágrimas, muitas das vezes sem apoio de dama alguma, na verdade, a maior parte do tempo sem o apoio de dama alguma. Eu, em cinco meses, não tinha conseguido namorada, não ia às Docas nem ao Lux, tinha tido uma relação ocasional com uma miúdo que se fazia passar por prostituta e que queria que eu fosse namorado dela e eu estava quase a aceitar...Na verdade, o motivo da minha grande tensão (social) era o facto de ninguém se importar comigo, ou até me deixarem liberdade para eu querer ser o que bem era, de certo modo comecei a entender isso tudo. Eu deixei Lilly, era essa a resolução dos dias narrativos de então, tinha deixado de estar interessado nela, ela era velha, tinha fibriomialgia, mas vamos a ver, há algum velho que não seja bom, tirando aqueles que estão revoltados contra tudo e contra todos porque nunca conseguiram vingar?

10.

Finalmente, apesar de tudo, tinha encontrado a minha dama, não em encargos, ela precisava de dinheiro para as suas excentricidades e eu cedia-lho, em troca de quase nada, apenas dormir comigo, apenas ser seu homem e amante, viver com ela e conviver debaixo do mesmo tecto, numa relação que ia muito para além do mito amor e uma cabana. Eu estava entre uma indiana por vinte euros, que eu podia muito bem como mulher e resgatar para a vida normal portuguesa e entre Fáfátim, a mulher que me apareceu porta dentro, pedindo-me cinquenta euros para fazer amor com ela. Ela fez a coisa tão bem feita que ao fim de vários dias, não conseguindo deixar de pensar nela, resolvi propôr-lhe ser minha namorada e ela como que tinha aceite, era jovem e talvez quisesse um homem como eu, firme e fiel. Os seus seios eram belos, a crica também, cada vez que me encaminhava para a cama, lembrava-me dela de pernas abertas e o seu sexo volúvel exposto, à minha mercê. Enfim, queria que fosse minha mulher, ao fim de tanto tempo talvez estivesse conseguindo uma namorada, não da alta estirpe (cultural) lisboeta, mas uma jovem que, para se vender em termos de sexo, estaria transviada como ovelha que procura o seu pastor... Eu era, nesses tempos, um tipodemasiado importante para dar um passo em falso, mas nenhuma miúda se aproximava de mim, eu desalentado e elas a gozarem-me, sem que tivessem mais qualquer coisa do que eu tinha, mas enfim, o orgulho humano por vezes mede-se apenas por um certo nível de status em termos de jetset, não se dando grande valor a quem foi subindo à custa do seu próprio esforço, muitas das vezes sem grandes amigos, sem grandes interesses, sem grandes alianças...

11.

Depois, percebi que ela nada queria a ter comigo. Esperei, esperei, até liguei para um número que anunciava uma indiana, só por causa da tosse. E era o mesmo sítio onde tinha estado duas ou três vezes e ela nunca mais aparecia e percebi que a sobriedade de qualquer ser humano é ditatorial, enquanto a embriaguez é humana e mais do que humana...sendo que muito se alarvam de grandes feitos sem terem feito nada de especial ou tendo apenas seguido a lei ou a religião. Deles próprios. Eu queria essencialmente arranjar um trabalho como professor de Filosofia, agora que o projecto Cosmos havia ido por água abaixo, ou seja, pensava que tinha concorrido a algum lugar na universidade Nova, mas não tinha. Naquela semana, havia ficado mais um tempo na Lisboa que eu tanto gostava, a minha cidade, desde sempre, que por ter odiado em certo sentido porque não me sentira bem, aprendi a amar e de certo modo transmitia essa experiência aos outros. Mesmo que não fosse professor, ainda tinha a esperança da tese, havia recorrido, solicitado a apresentação de uma nova versão, mas tudo bem, eu afinal não tinha feito grande mal a ninguém, continuava com os meus propósitos e sonhos, com as minhas derivações e não se podia pedir muito a quem não muito tinha (dinheiro), mas tinha fé, esperança, boa vontade e vontade de vencer.

12.

Depois, comecei a perceber porque a minha irmã e o meu irmão fugiam do meu pai quando ele se enervava e eu ficava ali, firme e hirto, como que o defendendo, ao fim de tanto tempo acabei sendo como ele, só que mais calmo, mais frio, mais ponderado e mais letal. Nisto tudo, a minha tese havia sido rejeitada por Adriana Serrão, e eu, ao invés de capitular, senti-me extremamente revoltado e ainda que tal não me trouxesse grande governo ou dinheiro, decidi lutar até ao fim naquele lugar, o seja na Clássica, obrigá-los inclusivé a ir a tribunal se fosse preciso, porque sabia que a tese era válida e que eles tinham um véu de moralismo bacoco que não fazia lembrar a ninguém. Eu sabia o que iria acontecer, ela dignar-se-ia a falar comigo, sendo eu também abordado pelo seu marido, sob diversas ameaças, mais ou menos intelectuais e sob pena de ficar calado sobre o que se passara, ficaria apto para passar com a tese, ou seja, ser discutida sob pena de não pagar coisa alguma. Eu aceitaria isso? Eu, que, afinal, dormia só todos os dias da minha vida? E o que de há de mais injusto que isso? Não a tese, não os livros, mas a falta de carinho desta gente que eu não reconheço e que não existe. Mesmo em democracia, pode ter-se razão e não fazer valer essa razão. No fundo dos meus achaques mentais e aventuras intelectuais, de desventuras amorosas, eu sentia ser um extraordinário otimista, sobretudo porque estava num lugar onde não me dava com quase ninguém e persistia, ora estando em casa fazendo uma coisa e outra, ora saindo, agora não já por muito tempo desde há mais de uma semana. Ainda que não tendo feito nada de especial para isso, eu sentia que havia perdido muita coisa, mas sentia também que havia ganho, como uma nave acoplada à nave mãe que acaba por se desligar e seguir sózinha na sua órbita. Mas ficava pensando que não se rejeita facilmente, é muito raro, rejeitar, uma tese em ciências humanas, em Filosofia muito menos,

a não ser que se tenha algo contra a pessoa ou a não ser que essa tese seja bastante boa ao ponto de jogar contra muitos dos interesses instituídos nessa universidade, o que só a premiará o tempo, o passar do tempo e o pó dos livros perto acerca dela. Ou então, vontade (política, politqueira) de para qualquer coisa, um ímpeto pessoal que o é também social. Assim, cada vez mais brilhante, sempre tirando notas no enésimo caderno, depois e entre as voltas de um lado para o outro em casa, sentia que era lentamente esquecido. Muitos gozavam comigo e me ostracizavam e eu até levava para a brincadeira, porque era naquele tempo, sobretudo em televisão, dizer legalmente tudo e sobre tudo se dizia alguma sem que alguma coisa se dissesse na verdade. As pessoas não aprofundavam, por vezes encontrava-se algo na internet, mas muito inicial e pouco fundamentado. Quanto às críticas, na rua, em vários locais, elas persistiam, e aumentavam até, sem que eu tivesse ganho algum com isso ou a minha situação de ser conhecido por cá, ou seja, na maior parte das vezes falavam comigo a gozar, uma especial forma de tratamento que o português tem, normalmente gorducho e de nariz abatado, mas aumentava porque eu também não dava grande réplica, mas por vezes respondia e por isso não aumentava ainda mais. Se ficava mais de uma semana em Lisboa acabava por ficar um pouco louco e ansioso, quando uns olhavam outros humanos a ver quem era o correto e quem não era. Mas tudo bem, eu não procurava já nada de especial, nem namorada, nem trabalho, deixava-me estar a ver tv e entretido com os meus livros tentando chegar sempre a bom porto nas minhas ideias, enquanto a minha mãe (e, por essa via, o meu pai) exigiam mais e mais de mim, que trabalhasse, que ganhasse dinheiro, o que chegava a ser cruel. Mas também o meu irmão gozava comigo, como se eu não fosse tão duro quanto ele, tão bem-sucedido quanto ela. Cada um é como é e eu estava, naqueles tempos, gostando bastante de mim, da minha força e capacidade de motivação e trabalho a todos os níveis. Não contava com grande reconhecimento nem já perseguia ninguém, não valia a pena, a poeira um dia iria assentar...

13.

Desde há muito tempo que a maioria dos antropólogos me tinham inveja (e não só, artistas também), da minha veia artística, do meu sucesso (social) sem precisar de sucesso e reconhecimento, como um ou outro humorista, mas eu não estava disposto a cumprir uma guerra contra tudo e contra todos, mesmo que tivesse bastantes inimigos. Mas não tinha carro, tinha de estar ali, naquele apartamento, vendo TV e escrevendo as minhas coisas, quase sufocado, abafado pelos mais de trinta graus naquela tarde de Maio, véspera do 13 de Maio em Fátima.

14.

Muitas pessoas têm pavor de estarem só. Não conseguem conviver com elas mesmas, não se suportam, pavoneiam-se dos seus feitos, sejam concretos sejam abstratos. Por isso, embarcam nas mais diversas relações, onde tentam afirmar um mainstream de comportamento, ou seja, tentam convencer todos menos elas próprias de que valem alguma coisa, inclusive que são os melhores. Depois, perde-se em solidariedade e inclusive têm filhos dessas relações, porque o sistema educativo e a sociedade em geral os oprime e obriga a terem sucesso, não vão por eles mesmos...

15.

Estava ao mesmo tempo em branco e ao mesmo tempo cheio das merdas que inculciam às pessoas, não a respeitando, como se fosse a política ou a religião uma saída para a felicidade. Não era, nunca foi senão alienação, muitos julgavam-se felizes por ter esta e aquela e decerto não sabiam o que era a felicidade. Na verdade, em toda a minha relativa experiência, não vejo nada mais do que os amores, os desamores também, são eles que nos mantêm atentos à vida, ao lado de cá da vida. Depois, cheguei cá, ao lugar onde durmo só, sendo sem dúvida o melhor escritor actual português, não precisando de ter toda a minha obra lida, porque afinal o conhecimento face à consciência pública não traz assim tantas vantagens, de modo que se gera uma situação absurda, se não és feliz sózinho, mais trabalho tens em ser feliz com outra pessoa, quanto mais casar, tipo contrato social. Não tinha a vontade de outros tempos em escrever, fosse porque ninguém me entusiasmado, fosse porque na verdade a minha obra (recente, digo de há dois anos) não era lida, a não ser no academia.edu ou outros links mais ou menos literários. Estava cansado, mas ainda tinha bastante energia. Liguei ao Danny e tudo se reconciliou, ele sabia o que era aturar uma faculdade inteira. Eu sabia o que era arcar com o sentimento de várias faculdades e não ter incentivo algum, produzir e fazer tudo e mais alguma coisa e..ganhar o quê? O reconhecimento social? Isso dá alimento? Digo, paparoca, quando via cada vez mais mendigos? Afinal, eu apenas duraria o que duram os CD's, como dizia o Vitor, ou seja, no máximo mais vinte anos. Isso não me atrapalhava muito, pois se desse entretanto algumas fudas, ficaria bastante satisfeito, com o dever cumprido do dever cumprido...Eu sabia que não tinha nada a perder, tinha ganho tudo em meu caminho, talvez tivesse alguma coisa a ganhar, enquanto muitos usavam o moralismo como factor de diferenciação societal, eu procurava levar a vida de um modo mais ou menos interessante, mesmo não tendo grande sorte com as mulheres.

Muita coisa se passava, é natural, o devir dos tempos, uns mais novos e outros mais velhos, substituindo-se, mas eu ouvia umas vozes na minha cabeça que ora eram do vizinho falando todo o dia e toda a noite de mim, por cima de mim, ora era o chefe dos inquilinos, o velho chato que não tinha piça para foder a mulher. Mesmo em Riachos, eu sentia essas vozes. Que iria eu fazer, agora que me transformara num certo cientista social? Ainda esperava, ainda bebia, ainda fumava, mas com pouca sorte para as mulheres e descansava ali, mesmo sem ter grande vontade de me deitar e adormecer, esperava por uma bolsa, por um recesso da tese, por um lugar de professor. Mas já não dependia de mim, aliás, não punha o fogo por eles, os da academia, nem esperava nenhum tipo de compreensão ou empatia da parte deles. Na verdade, talvez pela primeira vez na minha vida, o meu futuro, pelo menos imediato, não estava nas minhas mãos, e isso não me atrapalhava nem um pouco, eu havia feito tudo o que podia, inclusivé passar duas semanas em Lisboa sem falar com ninguém relativamente conhecido, a não ser que não fosse para o aluguer do quarto ou uma ou outra tentativa de relação, que era sempre fugaz e fruste. Esta merda e particularmente o que se estava a passar em Lisboa, a falta de ética e respeito, enervavam-me solenemente. Olho para um retrato meu, de há uns dez anos e penso, "tipo bonito, inteligente, bom coração", "merecia um pouco mais da vida, que o tem tratado mal". Mesmo assim, conseguiu muita coisa e muito mais há-de conseguir, porque é um resistentemte, um lutador, o seu espírito está sempre inquieto. Perito em situações sociais. É certo que este actor, social ou outro, tem andado entretido com a homogeneidade e ortodoxia, tanto na escrita quanto na biografia, ou seja, o monotéismo de que falava Freud, ou seja, arranjar uma mulher para vida bem pode ser uma seca tamanha, um sofrimento até, por mais espírito aberto que tenhamos, por mais escapadelas que ele dê ou ela. As regras sociais também são para brincar, ponto de excitação, ensaio para qualquer coisa que se cumpre, no espaço diante de nós.

16.

A minha vida estava dando uma volta, não tinha encontrado a tal do pacto secreto que os amantes figadais fazem, mas tinha vá lá, cinco, seis mulheres na minha órbita, não vou dizer como nem porquê, porque podia arrnajar sarilhos para tal e, com tudo isto, continuava a escrever sobre a minha vida e a dos outros, com ciência social e alguma filosofia à mistura. Estive três dias sem receber chamada alguma dos anúncios que colocara em revistas femininas, passei o cabo dos trabalhos no apartamento, ouvindo vozes de todos os lado, tanto através dos ouvidos quanto da própria mente, que muito chamam de ouvido interno. Eu sempre tiverá propensão para a voz do social e ouvia-a mesmo em Riachos. Mas...quem me mandou ser cientista social? Isso fora uma coisa que eu havia preparado desde cedo e, ao ver Brigida lidando com um par de catos viçosos, recuperava o espanto e a admiração ante o mundo, o das mulheres, dos homens e de todos os outros. Lembrava-me do Senhor Ruas, que tinha um conto policipiado, uma recensão, de um livro americano das aventuras da colonização e descolonização portuguesa em África, a escrita escorreita, sensível, bonita, escorreita, assim como é a nossa vida por vezes. E vamos tentando, às vezes com tanta força e violência que acabamos invadidos pela natureza boa das coisas, das plantas e das pessoas. Revi o Dicky, o cãozito que estava quase sempre preso e que mesmo assim nunca se tornara violento para nós, ao pé do Bil e das garotas de cima. A gatinha que parira na arcada do quintal quatro rebentos desaparecera com eles e os levara para o quintas dos Ruas, depois, com o Índio, já velhote e trôpego, porocurámo-nos na vizinhança, mas dá-me ideia que a marota aindou de volta de nós, meiguinha e agora se arvorada em mãe protetora. A minha era também assim, demasaído perfeita para estar sempre contente e eu retirava da pela da minha alma as pústulas das suas agressões, como quando chegava a casa e compunha

a minha "memória da agressividade", como cyborgue que se autorepara... Depois, mais adiante no caminho, tendo andado em vários círculos mais ou menos concêntricos, como Dante e Virgília, percebi que as pessoas simples são aquelas que mais respeitam os outros, pois sabem esperar e aprendi a ver na complexidade do pensamento, o meu e o dos outros cruzado uma forma de beleza, uma maneira de como os humanos, com porrada ou tiros, com ou sem isso, se relacionam entre si. É essencialmente isso que define o homem, é um ser relacional e logo simbólico, porque fantasia e articula o desejo e ao extroverter desdramatiza, ou seja, mesmo na relação psicanalítica ou psicoterapêutica, há um exterior que recebe qualquer coisa do interior, ou seja, como se a alma fosse uma caixa, uma embalagem, algo que precisa de -pela educação- ser atulhada de conceitos, imagens e representações, quando o segredo não esteja talvez na *mindfulness* mas na *emptiness* das coisas e da mente, muitas vezes até do coração, porque o excesso de sentimento leva a um desapontamento, a uma resiliência quase sexual que destapa uma proteção do homem contra a barbárie e gera sujeitos e sujeitas violentos, sem intuição e tino, pouco civilizados e a breve trecho conduz à depressão, à morte, ao suicídio. Na minha vida, passei muito tempo tentando ser aceite, nunca me comprometi demasiado com as coisas mas, lateralmente, gerei um compromisso com toda a minha vida de estudo, trabalho e no relacionamento com os outros. Por isso, enquanto cavalo Mustang, resolvi correr sózinho. Depois, quando não geras nem sabes gerir a empatia (as formas simpáticas do relacionamento) não insistas, mas também não baixes os braços, mas também não desistas, porque o mundo te proporciona sempre escapes, mas não andes a vida a escapar de nada, mesmo que tenhas feito merda, porque a polícia, quando interroga o pequeno crime, em geral, não está para te pôr abaixo mas sim para te corrigir, estuda, leis, se for preciso, uma pouca de medicina e viaja, viaja o mais que puderes, pois o conhecimento de outros contextos linguísticos e culturais te trará uma abertura de espírito avassaladora, porque muitos fazem muito sexo e vêm nisso uma panaceia pessoa para outras lacunas tanto de personalidade quanto de formação de que talvez nunca se aperceberão. Por isso, muitos morrem estúpidos.

17.

Em 1453, O Império Otomano estava no seu auge. Terão sido os marinheiros lusos empurrados para a globalização atlântica e Índica devido a uma pressão deste mesmo império, que chegava aqui bem perto mesmo? Sim, em vez das razões económicas, do trigo, do milho, das razões religiosas, já não se podiam combater os turcos outra vez, como nas Cruzadas... Sim, os ET's somos nós, estamos sós, pelo menos nesta planeta, ou seja, estamos cá, na nossa organização social mundial, para estudar a Terra, com a nossa diferença e heterogeneidade. E, nesse dia, resolvi ir até Montariol no final do mês e passar em Penafiel na casa de uma pessoa amiga, não sabia se o dinheiro haveria de chegar, eu próprio era um ET encantador e lírico e lembrava-me da putinha da loja de relógios que me pedira cinco euros para uma pilha de relógio Swatch quando nos chineses as pilhas custam cinquenta cêntimos. Portanto, muitos ET's não faziam coisa nenhuma de jeito neste planeta e não era certamente eu que iria dar sentido ou consentimento ao seu porte ou discurso...

18.

Sim, as coisas complicavam-se, mas por outra eram simples, mais uma vez eu tivera uma relação desprotegida e estava preocupado com isso, mas não muito, talvez por perceber que ela me perguntou se eu tinha alguma coisa e tendo dito que (ela) nada tinha, estas eram as coisas, tinham passado três semanas e eu ou iria fazer um teste ou esperaria pelo resultado das manifestações corporais, mas sentia-me muito forte, talvez mais do que nunca, bastante lúcido mentalmente, bastante positivo, bastante certo daquilo que devia ou podia ou não fazer. Temo-nos uns aos outros e não nos suportamos e talvez isso faça de nós pessoas melhores. Eu desisti de insistir em ser famoso, essas coisas acontecem em novo e depois se desvanecem, acontece uma vez ou outra um escritor melhorar com o tempo, talvez não seja o meu caso, talvez seja, não sei bem, mas resolvi viver e descobrir outras coisas no mundo, nas pessoas e fazer da escrita um trabalho, para mim bastante solitário, isolado e quase penoso, mas eu retirava prazer da escrita e mesmo da sua preparação, um prazer imenso. O homem quer não queria ser santo. A mãe frente à tv com as mãos juntas no regaço, à espera das notícias. O pai deitado no sofá a ponto de adormecer, bem descontraído. Até que tive uma ideia que considerei bastante brilhante: "Alugo quarto a senhorita em troca de mimos"...Ou..."partilho apartamento t2 em troca de mimos"... Bem jogado.

19.

Sim, eu estava entre o banal e o supranatural, espaços que tinha habitado desde há bastante tempo, oscilando, tal como a antropologia filosófica da experiência (William James, William Blake). Depois, mais adiante, percebi que a maioria das pessoas estavam doentes, talvez como eu mesmo estava, ou seja, permitiam sedativos e toda a espécie de anti-depressivos e anti-psicóticos, reféns dos médicos e das farmacêuticas, que nunca se viam a fazer um desporto, uma corrida, por exemplo. As pessoas não levam a vida a sério, puxam para cima sempre que se sentem mal, como se dessem guinadas, como se bebessem demasiado, como se batessem os carros uns com os outros como nas estradas. E tudo se acaba, talvez porque falem demais, tenham demasiado coração e queiram muito onde nada há, talvez seja um defeito de visão, as pessoas não falam umas com as outras, falam sózinhas, mesmo que estejam diante de alguém, de tão doentes que estão. E a TV só diz disparates... Eu podia arremeter com violência para com muita gente, que me tem gozado todo este tempo, esta é a terra do gozo, por isso tão pouco têm, como diz o Caetano, mas tenho pena deles e procuro levar a coisa pelo melhor, porque afinal, eles padecem de um erro de perspectiva, quando estão mal vão tomar medicamentos, vão ao psiquiatra, ao psicanalista não têm coragem, porque no fundo têm baixa auto-estima, o problema são eles mesmos, não os outros, no tanto regabofe que fazem e eu procuro levar os dias em *low profile*, por isso pouco se metem comigo diretamente, no fundo são todos uns meninos carentes que fazem birra, que nunca tiveram amor e em grandes procuram a compensação para algo que sempre faltou, sempre faltará. Vão a correr à psiquiatria, quando a solução está um pouco mais lado e não digo mais nada por enquanto...

20.

Os lugares são, assim, local de estafa e estada para quem está e para quem passa. Não podemos, neste país, perder a bondade do coração que nos distingue além-fronteiras, essa forma de universalidade e cosmopolitismo que parece ingénuo e absurdo de tão puro que é, porque parte afinal, do conhecimento que tivémos dos povos e não perdemos isso, como os gregos e italianos não perderam noção da sua história, coisa que lhes está no sangue. Ao lado destas considerações, o escritor escreve o que lhe vai de facto acontecendo, sendo que outras vidas são vistas e apreciadas de outra maneira, quer de uma forma mais peregrina, quer de outra forma mais turística. No fundo somos todos uma forma de inteligência que vem de outro planeta e aqui pernoita nos dias de uma forma mais ou menos ilustrada, de uma forma ora a um tempo tosca ora a outro tempo religiosa e refinada. Assim, enquanto uns se contenta com uma vida simples, outros procuram na complexidade das coisas, das pessoas e da relação entre elas um ponto de realização. No fundo, o tiro da nossa existência tem a ver com uma corrida, coisa que já fizémos quando éramos emente, coisa que fazemos agora enquanto cospor dispostos e disposicionais na esfera e arena do mundo, social e mental, espiritual e económico. E, olhando o meu ambiente de trabalho, fiquei pensando no homem que se perdeu, ou libertou, "the man who loose himself"...

21.

Estava chegando a um ponto em que procurava ajudar-me a mim próprio, depois de cinco meses com duas relações esporádicas, conheci duas miúdas, que tive com ardor nesse mesmo dia em que estava chegando o verão. Então, nesse fim de semana, o que se passava comigo? Estava um pouco melhor de ânimo, ainda esperando o resultado da bolsa, ainda vendo uma oportunidade para reiterar o pedido de discussão da minha tese, no mesmo lugar institucional, pois não queria andar a "vender" os meus pressupostos de universidade em universidade, além do mais, podia dar um bom livro e eu tinha essa mentalidade, era cada vez mais uma pessoa aberta, tanto em Riachos quanto em Lisboa, enquanto muitos se preocupavam em ser o pináculo de qualquer coisa, tornando-se pessoas inacessíveis, não degustando o prazer de conviver com as pessoas simples...

Por mim, não sabia bem o que fazer. Toda a vida procurara uma relação estável, mas quem se digna de ter isso nos dias de hoje, talvez eu veja mais o conflito do que a bonança, a iirisão do que a tranquilidade, é claro que gostaria de ter o meu emprego certo, a minha mulher certa, um reconhecimento social a partir disso, ou não talvez não seja nada disso, talvez não tenha necessidade disso, há certos erros que se pagam caro e o meu maior será o facto de não criar empatia facilmente, do pé para a mão, num certo instante em que a mente se suspende e ignora de si mesma. Fiquei pensando na atraente brasileira que me entrara pela casa, nos beijos que demos logo à entrada, no seu corpo e seios perfeitos, na sua ameaça de que tinha de ter cuidados com as damas, porque podia arranjar sarilhos e fiquei pensando nos lábios de Elba, a gorducha com quem estivera no dia anterior...

22.

Era Sábado em Lisboa. O Benfica estava a um passo de conseguir o título nacional, enquanto o Porto ainda podia ser campeão. A RTP Memória passava a final de Viena onde o Porto ganhou o Bayern por dois um, Paulo Futre ainda jogava, bem como Madjer, que marcou de calcanhar, num golo célebre que ecoou no universo futebolístico por várias décadas. Corria o ano de 1987. Depois, nesses dias, procurava uma forma de me preocupar com os outros, estava cheio de mim, pensar em mim e apenas falar sobre mim, o certo é que de certa maneira falava dos outros através de mim, mas ensaiava uma nova forma de compreender os outros e ajudá-los, para que a vida não fosse tão pesada, um pouco também de redimir-me de certa má vontade que alimentara contra algumas pessoas, mas tudo bem, eu continuava e, quando fui ao café de Ferdinando, o Benfica marcou um golo e o resultado estava já em três a zero. Eu continuava a escrever os meus livros, tendo mil e um projetos de fazer mil e uma coisas, enquanto outros apenas se serviam dos media para qualquer coisa que nada tinha de etnográfico. Continuava sem ter uma mulher que se comprometesse comigo. Sabia que se tivesse o orçamento de estado para viajar, como muitos colegas meus, filósofos e antropólogos, tinham, podia conseguir um certo grau de fama e realização, mas isso seria frustre face ao meu sentimento ante aquela cidade. Pela segunda vez, sentia-me o Rei de Lisboa, mas esse rei era quem servia, não quem humilhava...

23.

Tudo isto, toda esta situação, entre a resusa delas duas e o sofrimento da minha irmã, quando eu nem sequer era professor ou investigador, não recebia nada do estado, nem para fazer filosofia nem antropologia, nem para escrever literatura, deixava-me atónito e espantado, raivoso e indignado, mas eu, com maestria, procurava conter-me, não mostrar a minha raiva como em outros tempos, porque o meu objetivo era persistir, não me animava nenhum sentimento de vingança, embora tivesse razões de sobra para uma revolta e enrtetanto apareceriam os polícias, como sempre, talvez porque eu estivesse desafiando o poder, ou seja, os lugares dos outros que eu mesmo queria. O Benfica era campeão e eles tinham os seus luagres e abusavam das alunas, tinham os seus lugares de desvelo e manipulação, enquanto eu permanecia só, contra tudo e contra todos e ainda assim não chegava nem era isso que eu queria. Na verdade, eu era um pouco burro, porque estava fazendo tanto esforço e nem sequer tinha a imprensa ou as televisões do meu lado. Talvez nem sequer quisesse ter...

24.

De certo modo, sentia necessidade de perseguir a pessoa que recusara a minha tese, na verdade eram duas, um homem e uma mulher, mas eu não estava especialmente revoltado, estava extraordinariamente sereno e calmo, sem pressas nem vontade de vingança, mesmo em relação a antigos professores, porque sabia que, se voltasse a ser professor, iria, em nome de tudo e mais alguma coisa, sem escrutinado até ao fundo, pelo que não tinha uma especial pressa de fazer o que quer que fosse. Mas tinha de fazer aprovar a tese e não descansaria enquanto não o fizesse. Depois, talvez descansasse, talvez continuasse a escrever e a investigar, ou talvez não, talvez mesmo abandonasse tudo e me dedicasse aos meus pais, à pintura, à poesia, a outras coisas que me davam tempo para perdurar no tempo. Mas bom...o Benfica era campeão e essa alegria não me podiam tirar...

Estava, então, naquele mundo da minha casa, à tarde, num Domingo de tempo ameno, depois de mais uma noite efusiva diante do écran, pensava em minha mãe, no meu pai, nos pequenos. Uma ou outra mulher me ligara, eu estava algo em baixo, mas procurava relativizar, a semana estava por aí alvorecendo. Enquanto isso, alguns vizinhos continuavam falando de mim, das coisas que fazia a não fazia. Se me quisesse importar com isso, não faria outra coisa, porque eu ouvia-os facilmente, em cima e em baixo. Se me quisesse render a essa espécie de jogo decerto que em pouco tempo endoidecia. Assim, a minha vida naquela tarde-noite era um deserto de ilusão e delírio, entregue aos mais diversos pensamentos...

25.

E então, vindo do Vale Escuro, ouvi a voz de um homem negro a partir da sua horta para o metro que havia parado: "Tu, que estás com a luz, ninguém te pode afastar dos homens e mesmo que assim aconteça terás sempre a lembrança deles contigo". Fiquei intrigado com o que seria o significado daquelas palavras. O Metro arrancou em direção ao aeroporto. Depois, a eminência de umas cuecas rotas em cima da cabeça. E o chá chá chá e o fã fã fã, pã pã pã e o nhó nhó nhó. Depois, Lisboa estava a ferver e esse verão prometia muito, o Benfica era recebido nos Paços do Concelho e depois, lembrei da canção pimba "Se elas querem um abraço e um beijinho, nós pimba, nós pimba". Pimba pum pum tás zás catrapás arranha com as pás às arrecuas ao Brás e tentar ensaiar um fado porque resulta sempre, tal como o colibri que semeia por todo o lado. Depois, Quaiela ligou-me novamente, a brasileira por quem me apaixonara e que fundamentara muitas das minhas palavras aqui, neste "Mustang" ou "Hidalgo", ou mesmo "Fidalgo". Ao mesmo tempo, pensava em em Lilly, lá longe, com o joelho magoado e suas preocupações com a educação, tanto quanto o treinador Rui Lage, que fizera um apelo à economia, educação e cultura do país, coisa que seria bem mais importante na vida da cidade e do país do que o simples futebol.

26.

Atrever-me-ia a dizer, chutando a filosofia, que o grande homem não será apenas aquele que faz acontecer, a sua maior homenagem ao mundo a que pertence e que é talvez seja fazer tudo sem que nada se altere na natureza do social, ou seja, não deixar rastro, porque muito desacreditada está a função educacional, que tem a mãos a tarefa de educar, teoricamente, e se vê a braços com conflitos constantes entre pais, alunos, professores e sociedade em geral, muito por culpa dos programadores da televisão que só chutam telenovelas e filmes de orientação duvidosa, onde impera a lei do desenrasque na via prática e a hipócrita assunção de certos ideias mais ou menos caducos na vida mediática, inclusivé nas redes sociais. Há alguns que se preocupam com tudo, outros que pensam em tudo e outros que querem resolver tudo de uma vez. Decerto que a maioria dos políticos de Portugal e do Brasil não incarnam esse espírito. Esses homens são raros e, na maior parte dos casos, das geografias, estão a perder-se, facto inevitável que lançará grande parte do globo no caos e na guerra mental, simbólica, territorial, sexual.

27.

A tarefa fundamental do ser humano, muitos não se dão conta disso é evitar de pensar por palavras. Aí se conhece o desconhecido e o improvável nos outros, ou seja, quando procuramos fazer sentido, lógos, estamos em segurança, mas tanto na ciência acadêmica como na ciência da vida só se descobre alguma coisa quando saímos de nós mesmos, ou seja, quando deixamos a nossa zona de conforto e nos aventuramos por outras praias. Assim, podemos por exemplo, pensar por imagens, porque a mente funciona um pouco como uma câmara, como uma máquina fotográfica, no embrulho dos pensamentos, imagens e sensações que têm a ver com a forma como entendemos e lidamos com o mundo. Depois, mesma porcaria com os vizinhos, eu podia defender-me e colocar um precesso a cada um deles, porque, afinal, tenho os meus direitos, pá, já na Expo era a mesma coisa, infernizaram-me a vida, ainda mais naquele café, o caso é que eu aguento muito as merdas dos outros e vai o meu irmão, quando lhe conto, diz que estou a alucinar, como a minha irmã, que pensa o mesmo que, em Riachos, nem sequer uma conversa direita tem comigo, claro que me ajudou bastante, que por vezes não sou correto com ela, mas ela também despeja tudo em mim, sempre foi assim, sempre fui apertado pelos dois irmãos e a minha mãe, com o meu pai calado, ainda pior, dizem que, se tenho estes problemas, "alguma coisa fiz" e "cada um faz a cama em que se deita"... Sim, afinal de contas, parece que não estive internado por seis vezes, parece que não tomei mais de cinquenta qualidades de medicamentos, que não tive psicanalista, psicoterapia, psiquiatra, parece que não estive praticamente morto, por várias vezes e parece que nem escrevia mais de cinquenta livros, um por cada qualidade de medicamentos, pode dizer-se e que nem escrevi duas teses, uma delas recentemente recusada. O resto, não quero saber, apenas me preocupo com isso,

são os meus pilares do passado. Ou ainda me discriminam ou pedem demasiado de quem andou no convento, no seminário, quando os polícias e tropas andam à solta e fazem o que querem, ao lado dos ladrões e estupradores? Pensem nisto. Se eu quisesse ganhar montes de dinheiro e ter orgias e mil e uma gajas, teria feito outro curso, ou curso nenhum, que é o que se usa por aqui, então este gajo de cima chega do trabalho, não sei nada da vida dele nem quero saber, quase me agride por duas vezes, lançando-me olhares de ódio, chega a casa e o que faz, como o velho do condomínio, falar com a mulher de mim, tanto dizem bem como mal, começo a perceber que alguns tipos que por aqui pulula e tipas, sobretudo, só se sabem rir, sãõ pólipos do pópulo, ou seja, riem-se do pouco que têm, riem-se do que não conseguem fazer e riem-se uns dos outros, riem-se até da desgraça que está debaixo dos seus pés e, afinal, não andam muito para a frente, cada vez mais há quem se preocupe com tudo e mais algum coisa, só vejo tipos preocupados e tipas desleixadas, por afinal admiram o chico-esperto como se fossem americanos do sul...

28.

Nesse dia de Maio, desligaram-me a internet e a televisão. Fiquei também sem telefone. Comprei uma garrafa de Ginja por pouco menos de cinco euros, sentia estar a enlouquecer, mas recuava e dotava-se de pensamentos positivos, mais ou menos obsessivos. Estava algo ansioso, sem ter com quem falar, por isso pensava falando comigo mesmo Acedi de novo a merdas porno. Deixei de falar com Lilly, a quem contara quase tudo de mim mesmo sem a conhecer pessoalmente. Creio que ela estava também desligando e tinha consciência de certos pensamentos, de certas vagas mentais, onde nunca estivera antes, mas deixava-me estar e sentia-me quase no controlo da situação, aqui em Lisboa, ainda que desesperado, e lá em cima, em Riachos, junto aos meus pais. Pela primeira vez em muito tempo liguei ao meu pai e falei com ele. Fechei as janelas de casa e preparava-me para tomar o comboio, ainda tinha de pedir dinheiro ao meu irmão e irmã por meio de umas moedas que me haviam sobrado no dia anterior...

29.

A resposta da Doutora Ana não tardava e foi evasiva, como quem despreza, não se preocupando minimamente com o caso. Voltei a fazer pressão e respondi que há uma lei para autopropostos, pouca gente sabe, mas pessoas com o meu currículo podem apresentar tese sem frequentar as aulas, mesmo que não tenha terminado o mestrado. Assim, fui a pouco e pouco preocupando-me cada vez menos com a filosofia, depois de vinte e dois anos, podia dedicar-me a outras coisas, adeus professor de filosofia do secundário, adeus aulas na faculdade, ficava com os escritos e uma tese, uma Antropologia Filosófica, sim, talvez o problema tenha sido desafiá-la, àquela que se crê a melhor especialista em Antropologia Filosófica mas que nem sequer fez trabalho campo em etnografia. Não insistiria muito mais, sabia que tinha de procurar um emprego, melhor, ganhar dinheiro, iria ficar apenas um dia em Riachos (e uma noite), talvez convidasse a pequenita para sair e iria receber a brasileira que queria alugar o quarto na sexta seguinte. Trouxe uma garrafa de vinho para a Casa do Jardim, Lilly não disse mais nada, desejei imensamente fazer sexo e quase o fazia com qualquer uma que quisesse, porque afinal isso era, no momento, mais importante, mais carnal do que tudo. Depois, é fácil fazer filosofia quando se é professor, pode dizer-se toda a espécie de tonterias e eu começava a achar isto bastante frustrante, não podia avançar para um lado nem recuar para outro. O certo é que não estava disposto a recuar e os amigos em Lisboa eram poucos. Era a altura ideal para ir aos EUA, já tardava, mas não tinha dinheiro, a minha irmã, como outras pessoas, diziam que eu era um chulo, quando eles estavam agarrados à árvore, numa mafia carnívora que não tinha fim, ao passo que eu estava independente de tudo isso. Mas não me apetecia entrar em grandes quezílias com os tipos de Lisboa, que ora complicavam ora simplificavam segundos as suas conveniências. O meu pai entra pela casa e põe-se a ver televisão, apenas a pequenita falta comigo e com ela sinto

alguma empatia, a minha mãe obstaculiza tudo o que faço. Ninguém, nem sequer o remoto Danny, me dizem alguma coisa, ninguém, nem da família nem do resto. Em Lisboa, estaria naquela altura vendo os crimes da CMTV só para ocupar o tempo. É normal que, dado o desalento, acabe por ver pornografia. Sempre foi assim, comigo e com os outros. Só que eu ainda aqui estou, deste lado do ecrã, lutando e avançando para o lado de lá do ecrã, da história, do desenvolvimento... Todo este século, com o advento do cinema, do multimédia e da internet, não é um século que pode ser explicado, é, a meu ver, o século da dissimulação, a acção do actor social é coadunada com a possível reacção mediática que isso posso ter. Nada mais, nada mais simples e direto que defina este século, que começou com a fotografia e acaba na pornografia que gera a ilusão de poder fazer tudo neste mundo, sabendo muitos que a sua acção individual só faz sentido quando se respeita a fronteira do outro, mais, a fronteira de Si-Mesmo (ante o Outro). Nem Fukuyama, Benjamin, Zizek, Sloterdjick nem Vattimo ou Lipovesti. É o século da dissimulação da acção íntima e sexual e seu patenteio político em termos de favorecimento de uma imagem e papel social tendo em conta a capitalização simbólica do desejo e da volição, como se a vida, da cidade especialmente, fosse uma espiral recessiva, efusiva, um Triângulo das Bermudas da vida social, sendo que se reforçam as estruturas mentais mais simples, como a vida religiosa e militar, como a vida política, que se esfrega de contentamento para captar votos ao reiterar honestidade de empreendedorismo, não sabendo os cientistas sociais que a vida da cidade é não haver lei, é não haver literatura clássica, nem relacionamento sequer, apenas o enlevo mais ou menos depressivo num vagão de metro...Cheguei, assim, a um ponto em que procurava estar o máximo de tempo possível na minha ilha existencial e ser feliz por lá, viver longamente e com o máximo de felicidade possível. Sonhava com a minha pequenita e com a brasileira que haveria de ir ver o quarto, eu contava estas coisas sem desvelo algum, não alimentava nenhuma espécie de vingança "à la americaine" contra o mundo e achava sobretudo que a minha falta de sorte em certos quadrantes da vida (social e tudo o mais) tinha a ver com uma falta de competência da minha parte, assim como a competência em outras áreas também tinha a ver comigo e com as pessoas que tinha

encontrado. Ao mesmo tempo, a minha fantasia ia para Brígida, como que deslocada de Lilly, já de idade avançada, evangelista e secretamente embriagada por mim, pelo meu rosto algo singular e belo. O antropólogo lida com as três coisas, a saber, as coisas (a natureza, da natureza), as pessoas e as ideias e como que interliga tudo. O sociólogo apenas quer saber das pessoas e esquece a imanência do homem, o filósofo apenas se interessa pelas ideias, pelo deserto e proliferação das ideias, como que vago e ausente de sentimentos. Eu pensava na minha pequenita, na minha sobrinha e na empregada da loja de cafés do centro comercial e de certa maneira tinha razão, eu dava-lhe uma segurança física, em ser maior do que ela, uma certa segurança que era também psíquica, sonhava em levá-la lá a casa e fazer amor com ela, não teria mais de vinte e cinco anos mas era perfeitinha para mim, adorava poder conhecê-la e tocá-la no corpo e na alma... Olhava para as minhas mãos cheias de moedas e viam, ali seria feliz, no eixo entre Riachos-Lisboa-Nova Iorque, nada nem ninguém me podia impedir disso, Lilly ficara para trás, porque não manifestara possibilidade de vir a Portugal. Ao mesmo tempo, mantinha o anúncio de aluguer do quarto e, uma vez ou outra, em revistas femininas, em que na maior parte apenas apareciam mulheres carentes que queriam dar uma queca. A relação com os vizinhos melhorou consideravelmente assim que percebi que não era gente de má índole, em Lisboa é assim, é gente de bom coração, bairrista, marinheira, não vale a pena ver coisas onde não as há. Não sabia o que pensar, estava triste, seja porque dormia só, seja porque me aventurara na humanidade e talvez a minha obra fosse apenas conhecida após a minha morte. Mesmo que não fosse, eu estou aqui, olhando os momentos só e a necessidade do pornô como uma obsessão necessária que de certa maneira propulsiona, proporciona, um talento maior, um chamamento da vida e à vida, tudo em certo sentido é vida e emergência dela mesma enquanto misturada com a morte. A minha forma física melhorava, sabia que um destes dias, quer arranjasse mulher para viver ou não, iria comer Brígida, percebi que ela gostava de homem que sabiam equilibrar e dispor do equilíbrio entre mente e corpo e eu esta um dos primeiros na lista, o pequenito já pensava assim e era curioso notar a espontânea sexualidade (ou eroticidade) da pequenita, ainda que sem o seu desenvolvimento

pleno. E o que nos faz feliz a não ser uma sexualidade bem vivida? E não há norma, ou até, mas não há uma pré-determinação de como a se deve viver. Depois de ter estado com a filosofia imenso tempo, privado de muito afeto, masturbando-me grande parte do tempo, acabei por ter uma bela brasileira num dia e nesse mesmo dia uma portuguesa, lá em casa. Isto de acordo com o meu plano secreto de pôr anúncios em revistas femininas, em vez de aceder a sites de internet altamente perversos e refundido, como diria o caro Victor, já ido. Ele nem sabia a felicidade que eu tinha nestes encontros e pensava nele muitas vezes, já ido mas saudoso. Reparo que ao evoluir de um registo puramente intelectual, filosófico, para um registo brejeiro, que tem a ver como no campo e na aldeia (na ruralidade em geral) se lida com a sexualidade e o quotidiano das relações, comecei a ter menos dores de cabeça, comecei a ficar menos tenso, sendo eu mesmo, ou seja, muita coisa reprimida vinha ao de cima e precisava de pulular no meu cérebro, no sistema límbico talvez, para se libertar e deixar(-me) em boa disposição. Acontece isto com muita gente? Não sei, a minha mãe não parava de me chatear a cabeça, como se me quisesse aprisionar, isto sem maldade alguma, num registo que ela própria projetara para mim. Neste aspeto, acho que fazia o meu pai extremamente feliz e bem-disposto, visto que estava sendo eu mesmo e o Eu-Mesmo vinha à superfície, inclusivé em Lisboa, claro. Há um ideia de sublimação da posição social, de que necessidatmos de ser Outro(s) para sermos nós Mesmos enquanto "papel" social. Isso cansa e desgasta o sujeito, o indivíduo, o actor (social). Depois, fiquei pensando nos tipos que estragavam a sociedade (ou apenas se perpetuavam a si mesmos) ao condicionar as suas mulheres e suas filhas num território tão pequeno, onde se fala tanto e tão pouco se faz, ou muita selvajaria se faz, por outro lado, sendo que a profissão ideal é a fiscalização sempre de qualquer coisa que acontece, ou não acontece. Contrastes, a "amargura dos contrstes", diria José Rodrigues Miguéis... Pouco estão, mesmo antropólogos, atentos as estas ideias estranhas (no sentido de estrangeiras) que perpassam o territórios e das quais muitos mal ou bem formados se tentam proteger...

30.

O sexo é demasiado importante para ser banalizado. A civilização ocidental separou sexo de sexualidade, apenas ficando uma réstia antiga nas sociedades rurais, que brincam com o assunto mais do que nas grandes cidades, onde ele é visto sob o ponto de vista animal e predador. O facto é que a nossa felicidade vem fundamentalmente do tacto, dos sentidos face ao outro, do intercurso, é isso que nos perpetua. Ao banalizar-se esta área do humano, perde-se o interesse pelo Outro e se lhe trata como Objecto. Gera-se um mecanismo de substituição da procriação pelo jogo, pela recriação, isto confunde todo o jogo do social e da sociabilidade, onde face a um nada é permitido (missionário) e face a mim mesmo, no interior de mim, tudo é permitido, como se estivesse a desenrolar uma esquisita peça em que eu não confio em ninguém senão em mim e no fundo tudo é possível, tudo é admissível...

Qualquer coisa se passava comigo, sim, passava-se sempre qualquer coisa comigo. Mas desta vez era algo de simultaneamente estranho e bom. Tinha consciência de que estava (continuando) a singrar e que isso era, não como dantes, qualquer coisa de forçado, mas sim natural, por vezes experimentava momentos de desolação ao ponto de baixar os braços, de bruços e nada fazer. Outras corria desesperadamente à procura de qualquer coisa que nunca encontrava. Precisava de me apaixonar de novo e a minha pequenita crisálida não me saía do pensamento...mesmo que tendo voltado a falar com Lilly, mesmo que estivesse na expectativa de outra brasileira, jogos mentais que não correspondia a nenhuma prática regular porque eu não tinha um emprego oficial nem tão pouco um automóvel. Não tinha a calma de antes para me sentar a ler, e isso tinha a ver com o facto de não amar profundamente alguém nem me sentir amado... Depois, fico pensando nos intelectuais portugueses, nos escritores que se perpetuam nos prémios e mais prémios, quando não há ninguém que faça um caminho cruzado, transversal, uma ou outra pessoa que denuncia problemas sociais,

mas apenas ao de leve, a filosofia conheceu grande desenvolvimento desde o tempo do governante Sócrates, altura em que eu mesmo comecei a estudar, mas, que eu saiba, sente estudei filosofia, talvez nunca tenha deixado, num nível amplo ou mais curto. Grande parte dos estudantes de letras são indigentes, os de ciências sociais são na sua grande parte elitistas e apenas o resultado de gerações e gerações de snobismo e burguesia. Na filosofia também é assim. Quem mais acredita são os jovens, porque têm uma percepção aguda da realidade social, ainda que não tenham os quadros mentais e sentimentais de análise que o estudo, a observação, a troca de ideias e o tempo, trazem. Não sabia onde me levava esta minha demanda, tenho a impressão de que se tivesse um trabalho fijo, coisa algo difícil de encontrar naquele tempo, teria logo oportunidade de arranjar um carro, o meu pai nada dizia a respeito de nada, tendo eu de demonstrar tudo e mais alguma coisa quando certamente passava por (mais velho) dado o meu cabelo e barba quase brancos. Indignava-me, mas não tanto assim, estava mais calmo, porque sabia o que podia (e/ou não fazer). Em certos momentos sentia-me sacrificado e sem consolo, noutros sentia-me absurdamente feliz, como se tivesse muita sorte em ainda ver o mundo, ir ao café, estar em casa, estar no estúdio em Riachos...

Face ao meu esforço, a maior parte dos que me rodeavam eram um bando de hipócritas mal ambiciosos ou demasiado ambiciosos, eu não tinha grau de doutorado ainda nem artigos científicos e isso não invalidava uma carreira universitária, de modo algum, pois tinha uma vasta obra, talvez maior e de melhor qualidade do que a de muitos autores portugueses vivos. Mas parecia que nada chegava e eu continuava a esforçar-me, ainda que estranhando o rombo e o embalo, o roubo e o estalo e pontapé no cú. O meu pai parecia um morto insensível, se é que um morto pode ser sensível, a minha mãe como que me expulsava ainda de casa e compelia a arranjar de qualquer maneira um trabalho, o mesmo pensava a minha irmã e o meu irmão, sei isso. Não valorizavam o meu esforço para me valorizar e a elas, à família e aos conhecidos e sobretudo desconhecidos. Afinal, parecia estar refém do valor que havia dado a uma doença, não embarcando em lóbbis ou interesses deste país, nunca havia tido padrinhos. Mas também nunca tinha violado a lei, a não ser os livros que roubei,

em parte dei-os, e outra parte ainda os tenho, ao menos usei-os para uma boa coisa, ou causa, se se pode dizer... Estas questiúnculas, bem como a solidão, apoquentavam-me a cabeça, quando eu sabia que o mesmo se passara com o meu amigo Victor, coisa mais ou menos semelhante, depois de trabalhar meia dúzia de anos na Alcatel, decidiu andar pela aldeia, na terra dos pais, por motivos de saúde, ele não queria estar em Lisboa, achava aquilo deprimente e uma maluquice pegada. E eu ainda por lá permance, portanto pode imeginar-se por aqui como eu, face à similitude ao caso do meu amigo, como me deverei sentir...

31.

Depois, cheguei a uma ideia: a religião enquanto discurso da primitividade? Mas não há uma ciência, uma teo-logia que defende Deus, a religião, a Igreja? Tudo são logias, elas permitem-nos compreender o mundo e sentirmo-nos seguros, eivados de leis, do comportamentos e as cívicas, religiosas, militares, mais ou menos sacras. Eu estava mais calmo, não me apetecia correr em busca de uma coisa que talvez não existisse senão no meu espírito, no meu coração. Aliás, não tinha mais meios para os meus sonhos, pelo que teria de procurar por outra via. Aceitava o meu destino e, se sobrevivesse depois da partida dos meus pais, andaria entre Riachos e Lisboa, ainda que me apetecesse sair de carro até França logo que pusesse as mãos num volante... Dali a pouco, entre Zizek e Sloterdjick, preferia Onfray e Henry-Lévi...

Fiquei pensando, antes de ir dormir...a Professora Serrano certamente que não ia corresponder ao meu pedido de reconsiderar, dado que a tese estava na estação de correios de Moscat. Ora, eu podia não a levantar, ela certamente, em quatro exemplares, voltaria para trás...fiquei pensando nisso... A Filosofia enquanto religião...para mim. O homem torna-se mau à medida que envelhece? Velhaco, mesquinho? Ou a idade lhe paz sabedoria, paz e serenidade? De modo que não conseguia deixar de pensar na minha pequena, lá, servindo cafés nos centro comercial, na Lilly, lá longe, no Itaú, juntando dinheiro para vir pra cá passar a reforma, na brasileira que viria ver o quarto, na outra brasileira que quase dormira comigo e dentro da qual havia estado quase até ao fim. A minha mente estava em velocidade cruzeiro, sentia-me menos cansado e no dia seguinte voltaria para Lisboa, onde passaria o fim de semana e alguns dias para voltar pra junto dos meus pais. Eu tinha já alguma vergonha de estar numa aldeia com os meus estudos e sem ter grandes amigos, mas em Lisboa não era muito diferente e, normalmente, os mais

espertos e inteligentes fazem vida sós...está comprovado pelos maiores psicólogos. Por vezes, por mais positivo que tente ser, não consigo, parece que estou levantando uma montanha com as minhas coisas. A realidade portuguesa é assim, na cultura, na educação, a lei do desenrasque e quem lá chega primeiro açambarca logo o prémio para logo se julgar digno de muita admiração. Impera, mesmo na vida pública, a tolice e o despropósito (Serralves, o caso Joe Berardo), muitas pessoas acham que por terem um título, a maior parte das vezes conseguido não pela tecnicidade disciplinar ou competência, podem fazer a partir daí o que bem querem, na sua quintinha, com os seus amigos, como uma orgia báquica que se repete a cada estação seca...fora disso estão ao borralho, numa atitude nada americana de especulação, elucubração, atreitos a um quotidiano de reiteração de autores mais ou menos clássicos que, sei disso, não de continuar a relacionar-se com questões que nem sequer se punham no seu tempo ou antes disso, mas...é filosofia, não é? No fundo, o sujeito procura Deus e estar no seu âmbito, em seu âmago, em pleno sentido durkheimiano, quer nos termos do fenómeno social total maussiano quer na privacidade de um encontro que revela uma face mais bonita do que o esperado. Portugal não tem "medo de existir", como dizia José Gil, mas existe demais...esse é o problema. Assim, ante a imensidão do mundo, plasmado nos novos medida, a solução para, pelo menos, a sobrevivência do sujeito, é a reiteração daquilo que é clássico e ortodoxo, de uma certa forma de ser homem, de ser mulher, ou seja, ante a proliferação da diversidade de manifestações mais ou menos humanas, o homem escolhe um caminho como que de monge, de frade, ou seja, admite para si mesmo uma regra de que a sociedade dispõe, normalmente, no seu cardápio do sistema da crença e dos seus comportamentos associados. O homem que quer ir longe, por motivos estritamente económicos, gera um sentimento de felicidade que lhe é irreal, porque o português sempre quis partir (veja-se a inexistência secular de indústria no nosso país), porque é uma mistura de povos tanto potentes quanto potenciados por migrações diversas.

32.

No fundo, eu era uma espécie de padre, de pároco de Riachos, enquanto o verdadeiro pároco estava um pouco mais ao lado, no Maioral. Apeteceu-me ir ao café, nem que fosse para ver Brígida. Fiquei olhando o meu barrigão no espelho, que estragava o meu bom aspeto, pelo menos acima dos ombros. Ainda tinha uma hora, não sabia o que fazer...tinha tabaco, não tinha sono, amanhã teria de apanhar o comboio para baixo, para a maior cidade alentejana, Lisboa. Fumei mais um cigarro, lembrei-me do Rui Graça e as bebidas no Parque das Nações. Estava já com saudades de Lisboa e das miúdas que espreitava pela viseira da porta a ver se eram boas. Acho que iria prolongar o anúncio do quarto, bem como os outros nas revistas femininas. Que se lixasse. Talvez diz seguinte tivesse alguma resposta sobre a tese. E não me preocupem demasiado com as questões que estavam fora da minha órbita mental...

Não entendo aqueles filósofos que traçam um universo de infinidade de pensamentos e situações nesta e na outra vida, aquela que se desenha além da morte do indivíduo e que vêm a vida deste lado como um rol de chorilhos e razões absurdas pelo abandono e negação de Deus. Para mim, a vida, a existência, pelo menos a individual, tem a ver com coisas simples, ciclos, produção, reprodução, recriação e prazer. Nada mais há do que isso, a sedução e o enlevo romântico. A resposta face à tese tarda, é já sexta-feira, receio que vá ficar para depois ou nada me dirão mesmo. Estou inclinado em não levantar os quatro exemplares dos correios, assim eles voltam para trás e lá na faculdade ficam com espécie de pedra no sapatos, obrigados a dizerem alguma coisa, a fazerem mais alguma coisa. Não são mil teses, é só uma e nem sequer a leram em condições, suspeito que apenas viram os título e leram umas palavras diagonalmente. Assim, a minha tese também é política, ou se insere ou não. Fico com a impressão que a maior parte dos filósofos que leram a minha tese, são burros. É com essa impressão que estou agora. Depois, mais adiante, encontrei a

bandeira que tinha estado na lapela da minha varanda, na anterior casa, e resolvi levá-la na mala para Lisboa. Eu não concordava com uma Liga das Nações, sou do tempo em que só havia o Mundial de quatro em quatro em quatro anos e o Europeu de dois em dois anos, mas pronto, hoje é assim, o futebol espetáculo. Levo a bandeira para pôr na janela durante este tempo, pensando em João Félix, Rafa, Bruno Fernandes, Danilo, Gelson e outros. Em breve iria deixar Riachos, dava-me a ideia de que o meu pai era um homem feliz, talvez tivesse saudades e falta dos sobrinhos do lado do meu irmão, mas Bénard e Bénerd raramente apareciam, andavam nas suas vidas e eu continuava na minha demanda de emprego, enviei uma proposta para a Gulbenkian, ia fazendo as coisas sem grandes pressas mas sempre com alguma tensão criativa. Desde há alguns meses decidia ser feliz sendo eu próprio e era-o porque não era resultadista nem estava sempre numa névoa de transcendentalismo, aliás, não tinha rendimentos para tal, mas tinha bens, os bens que abandonara provisoriamente para me dedicar à religião, quase ao sacerdócio, lembro de Vilatuxe e dos tempos de retiro lá passados, enquanto Iturra estava bem por lá fazendo alguma coisa de cientificamente e sobejamente antropológico sob vários pontos de vista... Cheguei a Lisboa, vou ver a pequenita e ela parecia estar de folga, enquanto tomava um pequeno café, dois ciganos que vendiam perfumes vieram também beber o deles. Ali fiquei um pouco, até que me lancei até casa, onde as telecomunicações estavam restabelecidas e o WC em condições, pois tinham-me dado um aviso de inundação.

33.

Dor de cabeça. Formigueiro no cérebro. Recebo pessoas que vêm alugar o quarto. Sinto-me só. A vizinha de cima lê o meu pensamento e vai falando com o marido, ou o filhote, não sei bem, como que explicando-lhe alguma coisa. Já tive por duas vezes vontade de regressar a Riachos. Conheci uma pessoa especial que talvez venha morar comigo ou algo mais importante. O Sporting ganha a Taça de Portugal frente ao FC do Porto. Estou demasiado tempo em casa e a expectativa face ao resultado da tese incomoda-me e gera-me ansiedade e um estado de nervos que me põe a ferver em silêncio, atónito, quase desmaiando, sem saber o que fazer, dizer, pensar. Não sabia bem o que fazer, se fosse para Riachos estava cuidando dos meus pais, se ficasse por Lisboa tinha de arranjar um emprego que me desse sustento e à companhia que tinha em vista, ou seja, esperava que o amor me resgatasse e realizasse eu os meus sonhos em Lisboa, de pois logo se veria, de modo que equacionava todas estas coisas ao mesmo tempo que, de um lado e de outro, ia limando as arestas desta obra, como se estivesse a fazer a carpintaria de uma casa ou a fórmica de uma cozinha. E pronto, tinha o quarto alugado...

34.

Depois, comecei a pensar: um gajo desgasta-se para quê? Não é melhor a via sibilina em vez da via poética? Que ganhei eu com Lisboa todo este tempo que não fosse conquistado por mim? Não ganhei grande conhecimento, embora haja bastante gente que me conhece e reconhece. Chego à mesma conclusão de um dos meus grandes amores, citando Lily Caneças: "Estar vivo é o contrário de estar morto". Nesse dia, havia fumado "apenas" dez cigarros e estava a morder-me a mente, com uma dormência enorme, uma dor, um cansaço. Não me podia ir abaixo, tinha um papel a desempenhar por Lisboa e também em Riachos e ainda por cima ir aos EUA. O chorillho de críticas continuava e no dia anterior a este que escrevo, o vizinho de cima, juntamente com a mulher, estiveram quase todo o dia e parte da noite falando de mim. Eu, pelos mais diversos motivos, era um tipo falado, onde quer que fosse. E não sabia lidar muito bem com isso, talvez porque não tivesse "aquela" companhia, aquela força junto de mim por parte de uma mulher amiga e confidente. O desinteresse da portuguesas em mim vinha de longe. Ser de antropologia simplificava muita coisa, mas elas levavam a coisa pela rama e não queriam envolvimento a longo prazo. Sim, em Lisboa e mesmo em Riachos, podia-me queixar de muita gente, mas, sinceramente, já nem disso me lembrava, apenas queria continuar a fazer qualquer coisa, tinha bastante sorte emter ainda os meus pais vivos, mesmo tendo eles sofrido bastante, especialmente a minha mãe. Não estava especialmente obcecado em dar aulas ou mesmo trabalhar, sustentar uma mulher, achava que conseguia, depois de alugar do quarto, ter algum rendimento mais ou menos extraordinário, se bem que começara a fazer teses e trabalhos de Filosofia através da nete para ganhar algum dinheiro. Mantinha diversos sites e blogues, que me davam mais prazer do que

lucro. A contingência, a falibilidade da vida, a finitude, preocupavam-me um pouco nesses dias em que estava finalmente a conseguir bastantes coisas na minha jornada. Como se o perder fosse garantia de vida, de sobrevivência... Fiquei lembrando Montariolo e o meu saudoso amigo, o escritor Edward Grey, "the best writer in the world", e as nossas passadas para a faculdade de Teologia de Braga, isto a propósito do boicote eleitoral em Montalegre e o brasileiro é, em certo sentido, o português de há pouco e o português que vai vir a ser. Ambos estão irremediavelmente ligados, como estamos nós também ligados aos espanhóis, mais do que aos franceses ou ingleses. Também lembrava um grande amigo do meu pai, que partira há quatro anos, o Senhor Vivas, sua paciência e sabedoria que, surdo como era, percebia muito bem de origem clara o que se lhe dizia. Lembrava, nesse caminho do convento à faculdade, à passagem, um senhor filósofo do jornal "Otempo", e a única miúda da nossa turma, onde aprendíamos hebraico e canto gregoriano, para além de linguística. Sânia não saía do meu pensamento e seu corpo perfeito. Estando ela a viver com um velhote suíço de 75 anos, logo vi que, boa brasileira que era, procurava um gancho na Europa e, comigo, não se enganava muito, mas para isso teria de conviver com outra, tendo ou não relações com ela...

35.

A Ministra cega foi votar e os da direita, católicos convictos, gozavam com a situação nas redes sociais, não era nada mais nada menos do que fascistas que vêm menos felicidade do que evolucionismo mórbido no caminhar do homem e procuram uma vida de aperfeiçoamento e perfeição onde ela não existe, ou seja, a perfeição das coisas é a im-perfeição das coisas e pessoas...Muitas bibliotecas são enormes, albergam inúmeras pessoas, colóquios e filmes de diversa origem e orientação. Pois eu tenha uma biblioteca desse tamanho, com tantos ou mais livros, dentro de minha casa, era um DVD pendurado no móvel do estúdio, que fazia lembrar os CD's que eu via lá na aldeia no meio dos terrenos e hortas para confundir os coelhos e a passarada. Neste particular, andávamos em pequenos a apanhar bicos-de-lacre, pintassilgos e canários, além de verdelhões e toutinegras, com uma espécie de cola que colocávamos, eu, o meu irmão e o "tiro da bisnaga" e vinha-me uma saudade enorme da minha aldeia onde passara a infância e, enfima, grande parte da vida, adulta, sem grande sucesso entre as mulheres, talvez porque não aponte para lá as baterias do resto dos meus dias. Essa cola chamava-se visgo e creio que hoje em dia essa ratoeira é ilegal, mas tinha graça, eles ficavam presos na cola atraídos pela comida que colocávamos na ponta dos ramos. Era aos magotes de passaranha, ainda por cima no telhado da nossa casa, ninhos e ninhos de pardais com que fazíamos tachadas de passarada, além de irmos Sábado à noite ao Americano's comer codornizes antes de fazermos o famosos périplo na Elite, na Kyan, na Coqueteil, Brondy e mais uma ou duas discotecas, longe ou perto, para norte ou para o sul. Era o tempo da Green Hill, da Palace Kyay, obviamente, de U13, onde não íamos porque havia meninas a servir, o tempo da Império Romano, na Marinha, o tempo d eoutras na Praia da Vieira, o tempo do Incógnito no Bairro Alto, a 24 de Julho, o Frágil, antes de

começar a ser frequentado por toda a espécie de bicharada e bicheza e de se mudar para Santa Apolónia... Não havia docas. Claro que podia não ter fugido de um grande amor, mas já não o persigo mais, ainda que ainda seja romântico, sou um tipo mais prático e não confundo os tempos, uso-os conforme a intenção e o gosto, meu e do Outro...

36.

Entrava nessa tarde com alguma felicidade. Não estava iludido. Havia encontrado um amor, talvez o amor, no corpo de uma jovem de 24 anos, baiana, gira como o demônio que se encorpava em mim naqueles dias. Senti-me finalmente aliviado dos achaques que me haviam perturbado nos últimos meses, estando sob menos crise e tensão, eminentemente cerebral. Depois, pensei que não valia mais a pena escrever, que outros, com menos intento, talento e obras eram bem mais conhecidos, ainda que eu também o fosse pelo mero aparecimento em público. Tinha algumas saudades de Riachos, não sabia se iria lá dentro de dois, três dias...

Fui até ao supermercado, quando passei pelo preto que estava a guardar a casa, ele cuspiu, como se me odiasse, como outros fazem na rua. Estava em pulgas, apeteceia-me confrontá-lo, mas contive-me, afinal, aprecia que estavam todos contra mim e aqueles que estavam por mim não se manifestavam. Trouxe a minha cerveja, raivoso, acho que dava muita confiança às pessoas em geral, não fora eu um filósofo eminente. Tentei, pela segunda vez, submeter a tese. A noiva dormia, e eu acreditava no leitor, que nada me deu....

37.

Muitos afirmam a pés junto solidariedade pra com o meundo, mas quando lhe voltam as costas, atraçoam-no. Raul Iturra e Ricardo Veiria são esse tipode pessoa. Nunca tiveram academia. Os do ISCTE? Não me dizem nada e ainda esperam que os apoie? Os da Nova igual (mente). Os de letras? Néscios, literatos, não percebem o que as pessoas precisam. No entanto, trabalho para eles recebendo soldo da família...É o próprio pai que complica a vida do filho, porque é fascista e não o quer ver feliz, há muitos assim. Assim, opetei por conservar a minha raiva e transformá-la em ideias e atitude útiel. Voltei a propõr a minha tese, em certo sentido achava-me o melhor do mundo e talvez não estivcesse longe disso, enquanto o meu irmão me maltratava e a minha mãe me ostrcizava e eue stava falido, sem dinheiro, cheio de teoria.

38.

O verão entrava por dentro das casas como um fogo violento e desgovernado, como se a terra fosse uma arena dantesca, enquanto uns bebiam em casa, como eu, vendo TV, outros andavam em busca do produto e no comércio dos dizeres das mulheres pouco calmas, sendo que as calmas se poderiam rebelar contra um gafanhoto que apanhassem no riacho vertente. Ao mesmo tempo, eu não via nada de especial nesta coisa aberta do sul, esta cidade, porque quem mais se esforça acaba copiados, copioso e explorado. Não gosto de ver gente abatida, deprimida e triste, mas também tenho inveja quando estou triste de quem está alegre. Mesmo assim, Portugal era um grande país, a vários títulos, eu não podia estar sempre a dizer bem ou a dizer mal, é certo que quando as coisas nos correm bem, tendemos a extrapolar essa verificação para um contexto cultural do espaço-nação, de uma maneira de ser, de parecer. Quando a vida nos corre mal, talvez corra bem a toda a gente menos a nós. Mas tal sentimento, disfarçado de percepção quase sobrenatural, não é a mera constatação de que há uma relação entre nós e os cosmos, ou seja, de que não estamos sós, de que temos um deus quase científico que nos ampara na queda? E o que é a queda senão uma fase, um ciclo do andar, do caminhar, do nadar e do porvir? Depois, fiz também eu uma constatação que me equilibrou bastante a mente: os ciganos vendiam perfume na estação do Oriente. Isto para mim, enquanto antropólogo, seria bastante significativo: o povo ambulante, que não precisava de tomar banho todas as manhãs, vendia perfume, ironicamente, francês. Estavam a fintar-me e eu nem percebera, mas convivia bem com essa ideia. Lembrei o professor Bastos Lopes e o que seria feito dele... Ous eja, em toda a linha, o bucal tinha tudo a ver com o anal, de uma maneira ou de outra, enquanto meramente medical ou

gastronómico. Sim, reitero, os egredo de muita coisa que não sabemos, está nos estômago, Erasmo e Da Vinci sabiam disso e eu sabia que não era o único a pensar assim...

39.

O homem gosta naturalmente de viver na ilusão, a antropologia, pelo menos para mim, sempre foi coisa mais pesada do que a teologia ou a filosofia, pelo menos até ter tentado tornar essa ciência social mais "leve", pelo menos a minha "antropologia", digamos, social. A verdade custa a todos, é crua, pesada, mal-cheirosa e nem todos são parisienses. Falando de outro assunto, a maior parte dos políticos apenas quer enriquecer, saloios, só fazem porcarias, mais valia estarem quietos porque não têm grande ideia da alteridade e da cidadania. Depois, depois de falar com a minha mãe, percebi que tinha dado um grande tiro em cheio no alvo, tal como o golo de Éder na final do europeu. Voltei a falar com danny, ou seja, liguei-lhe, percebia nele um grande sociólogo que passara da fase da potência para a da maturidade, ou tipo que gostava da folia mas que nunca se metera em grandes confusões. E, depois, o meu irmão estava sempre a dar-me na cabeça, a minha irmã pouco falava comigo, tinha aquela porcarias do bócio e das enxaquecas que a traziam sempre irritada e nervosa. E lembrava-me das pessoas de Leiria, de quem tinha saudade, apesar de estar lá o Ricardo a fazer figura de urso. E eu entendia profundamente o tipo de Lisboa, o tipo que se ocupava do fado e da restauração, porque cá caíam todas as melhores gajas do mundo, até pretas americanas e brancas ruivas, que só queria um encosto bastante bom para se sentirem bastante ilusionadas, por isso também o madrileno tinha inveja de Lisboa, mesmo o francês, sem ser o Mathieu, porque não havia volta a dar, na passada se levava uma pegada. Eu podia estar me tornando um tipo chato, podia estar tardando um grau que sempre perseguira, com ou sem dinheiro, com ou sem conhecimentos, mas não me sentia frustrado, acho até que estaria bastante realizado comigo mesmo, mesmo que a prosa não saísse sempre bem, da melhor maneira, mesmo que já tivesse encontrado de novo o amor e, ainda assim,

olhasse as mulheres outras. Dalia um tempo fui urinar, depois de ter ido ao café do Ferdinando, falar e charlar um pouco, e senti um cheiro semelhante ao que tinha sentido em Paris, na Maison Blanche. Não, não estava louco e se loucura seria realizar alguma coisa, em já me sentia fora de mesmo. Depois, no fim da corrida, quando estava mesmo ganhando, faltaram-me as baterias e tinha de arranjar meio de fazer dinheiro para manter o meu estilo de vida. Senão, voltaria para Riachos de mãos vazias, para a aldeia global onde tudo se renovava e reiterava, à luz de Lisboa, uma aldeia de fantasia onde tudo e nada acontecia. Depois, aprendi a viver considerando que tudo, todos os momentos, não poderiam ser arrancados a alguma forma de genialidade, o segredo estava na perduração de um certo processo, de um certo modo de vida, de uma certa cultura do local onde vivemos.

40.

Nem sabia por onde começar. Tinha uma pessoa em minha casa que amava. A conta-gotas, falava um pouco com a minha irmã, sempre mal-disposta, sempre pronta a criar confusão por meio de acusações, como se eu tivesse a culpa da frustração dela, quando a maior parte do tempo tentava falar com ela suavemente, carinhosamente. O ambiente em Moscat também não estava nada bom, recebia ofensas diárias, baseadas em várias coisas, a umas respondia a outras não. Dava-me a ideia de que, mais do que ser parva e burra a maior parte das pessoas daqui e a minha família, eram más, diria até malignas, maliciosas, metendo o bedelho naquilo que eu pensava e agia. Mas nem toda a gente era assim, como em tudo, nestas situações, havia que me incentivasse e desse coragem. O próprio Danny parecia meio aluado, nada dizia, mas enfim, sempre fora um egoísta, queria que eu o apajasse mais uma vez quando ele, que sempre quis ser advogado, se exibia com títulos académicos, carros e dinheiro no banco. Mas bom, a maior parte das pessoas, mesmo em Lisboa, eram conservadoras e traiçoeiras, tinham um pensamento ora machista ora atávico, mas nem todas, porque afinal eu não percebia nem sentia espécie alguma de apoio e solidariedade. Os jovens eram atentos, curiosos e estavam a maior parte do tempo perto de mim, o que me agradava imenso, inundando a minha alma de uma ideia de conforto bastante agradável. Todos esses dias eram bastante pedagógicos e ilustrativos de muita coisa. Eu nem me atrevia ir a Riachos, a minha mãe cortava-me as bases, afunilava as minhas expectativas, como se fizesse e acreditasse em tudo o que o meu pai dizia e cria, como se eu não pudesse ser feliz, tal como de resto fazia a minha irmã pelas palavras que dizia, dizendo que não me podia ajudar mais, arranjando acusações e defeitos em tudo, na verdade, perdera qualquer tipo de confiança nela por ela a perder em mim. O

meu irmão sempre fora uma pessoa quadrada e agora dava-se a demonstrar, como se eu ficasse entalado entre ele e a minha irmã, com a ajuda da minha mãe e o alheamento e incúrio do meu pai. Muitos queria que eu cuidasse dos meus pais, mas eles tratavam-me mal a toda a hora e eu não tinha muita vontade de estar por lá, onde nada acontece, onde tudo é triste e feio, porque, afinal, o meu amor estava comigo e não lá, comigo em Lisboa., Finalmente.

62.

Depois de perceber que metade da cidade andava tentando falar com a outra metade para a convencer que tinha razão, percebi que o mecanismo central da argumentação filosófica tinha (ou não) a ver com isso. Eu não estava muito disposto a isso, nem sabia mesmo se queria mais ser professor, uma profissão cansativa, mal paga, stressante até à medula. Procurava não dar assim tanta importância ao futebol, procurava ser diferente quando já o era de raiz, procurava trabalhar em qualquer coisa que me desse gosto, prazer, rendimento. Frente a grande parte das mulheres bonitas e jeitosas, eu sempre ficava nervoso, tenso, como se de tanto desejar ficasse bloqueado, nevrótico. Com ela não era assim. EU, mais vinte e cinco anos mais velho, sentia-me como um pai ou irmão mais velho (coisa que também ela sentia), sentia-me como que estando a ler Proust. Eu procurei no seminário e no convento um *habitat* para entrever relações, pois é isso que o ser humano faz a toda a hora, mesmo imaginárias, mesmo na solidão da sua casa, de uma cela de prisão, de um manicómio. E estava prestes a encontrar isso em Lisboa. Florbela aceitava o facto de eu ser bi e dentro em breve seria mulher. A minha mulher...

63.

Tinha de tentar mais uma vez colocar novo requerimento junto da faculdade de Letras, ainda que quisesse adiar um dia após outro esse gesto, esse acto, como se pretendesse ter uma certa forma de controlo ou como se embirrasse e emburrasse com a situação de uma certa injustiça face a mim, quer no contexto universitário, académico, quer no contexto laboral. Isso servia de desculpa e pensava mais e mais na América. Meu irmão diria: se não consegues aqui, será que consegues lá fora? Muitos portugueses vão embora, muitos conseguem...porque não eu? E eu não me queria ir embora porque gostava disto aqui e, de certa maneira, estava conseguindo algo, que tinha mais a ver com uma meória quotidiana, o que é bastante com, do que com factos reais, conquistas reais. Em certo sentido, também era um felizardo, pois tinha todo o tempo (ainda que pouco dinheiro) para escrever e pesquisar. Por outro lado, eu tinha no meu íntimo, na minha história, um grande espírito de resistência (à crítica social, à auto-crítica), o meu cérebro e o meu corpo (o meu cérebro,era o meu corpo, de resto) como que se tinha transformado numa espécie de máquinas de viver, ou seja, eu não ia desistir, como na corrida em que fiquei em terceiro lugar, nos cinco quilómetros na Batalha, sobretudo quando percebia que estava quase a conseguir.

64.

Naqueles dias, conhecia uma felicidade inaudita, relacionada com o meu novo amor, uma jovem de 24 anos que entrara na minha vida de rompanete. A relação com os meus irmãos era flutuante, sabia que o meu pai não aprovaria, formalmente, a minha nova relação, a minha mãe não sei bem, mas, por outro lado, percebia intuitivamente que qualquer coisa de assombroso e positivo se passara na minha vida e na vida de alguns dos meus e de outros que me rodeavam, para além de outros ainda que nada ou pouco tinham a ver comigo. O bloco central, na política portuguesa, afirmava que o regime político estava em crise, sim, talvez o estivesse, mas crise de crescimento, a meu ver. Ela estava comigo e numa posição frágil, estávamos absolutamente sem dinheiro e eu ora pedia dez euros à minha irmã ora ao meu irmão e estava de novo na liça procurando dinheiro, depois de enviar de novo uma proposta de discussão e aprovação da minha tese. O meu irmão dizia que eu estava doente, o que diria o resto da sociedade. Não, eu apenas precisava de um emprego como professor para explicar os meus conhecimentos. Neste ponto, ninguém ousava propôr-me emprego algum, isto parecia mais-do-que-americano e eu sem dinheiro algum e dependendo de dez euros da minha irmã e dez do meu irmão. E ainda não tinha ido a Riachos, onde o meu pai nada me dizia. Começava a estranhar a situação e a acreditar que havia uma espécie de conspiração contra mim...

65.

A respeito de Bolsonaro e seu tratamento face à educação e cultura, no geral e às humanidades e ciências sociais em particular, a Associação Portuguesa de Antropólogo, a Associação Portuguesa de Filosofia associava-se em protesto e eu continuava a minha demanda, procurando ser equilibrado, não exagerar, enquanto o meu pai e a minha mãe ganhavam uma doença de nervos. E eu também, porque ninguém me dizia nada, nem dessas associações, nem de propostas de emprego, nem sequer da tese. Sentia-me humilhado e explorado. Talvez por isso fosse o melhor, áquela época. Depois, entre diversos acometimentos, senti um luz: talvez tivesse descoberto o objeto de estudo da filosofia, que seria encontrar as leis do funcionamento da realidade, o que implicava decerto o homem, as ciências sociais. Eu fazia estas ciências e grande parte dos sinais que recebia do exterior eram negativos, pelo que continuava a ter grande força de vontade e iniciativa própria em tudo isto.

66.

Deu-me vontade de desistir de tudo. Procurava argumentos fora do meu âmbito mental. À medida que me esforçava, mais e mais, parecia que a realidade, a minha e a realidade real, se distorciam, ficavam como que anquilosadas ao meu espírito. A voz do meu Ego e da minha consciência era quase obliterada pelas vozes dos vizinhos dentro da minha cabeça. Talvez estivesse inventando tudo. Mas aquilo, naqueles dias, era a realidade para mim. Esperava dez euros para comprar um pouco de comida e tabaco. Fizera amor com Lúcia no dia anterior. Ela dormia no sofá da sala enquanto eu escrevia estas letras. Eu, em Moscat, poucas palavras de alento recebia, no entanto era antropólogo até à medula e nunca tinha tido a necessidade de o ser, bastava ter ficado lá na aldeia do meu pai, isso garantir-me-ia a maior das felicidades, mas optei por vir até cá e não haverá grande motivo de censura à minha pessoa, disso estou certo, realmente nunca terei prejudicado ninguém nesta cidade, antes pelo contrário, fui, andando, prejudicado por muita gente, mas não faço disso alarve para propagandear o meu mérito mais ou menos masoquista ou tirar ganhos de vária ordem com isso. Logo, não sou um aproveitador. Estava com um ajovem que me compreendia muito mais e melhor, não somente em termos físicos, do que muitas mulheres. Era gentil, carinhosa, doce, um pouco reservada, mas aberta e singela.

67.

Percebia que estava chegando ao fim de qualquer coisa. No entanto estava no princípio de qualquer coisa. Havia feito muita coisa e meus pais ainda estavam vivos. Logo se veria o que iria acontecer. Talvez não viesse a ter, a partir daquela minha idade, uma vida muito ativa, ou talvez ainda tivesse, dado a pressão que fazia sobre mim mesmo e os outros, em geral aqueles que me tinham ensinado inúmeras coisas que sabia e não sabia, que usava e desusava. Sim, a partir daquele dia foi usando o meu esforço de forma mais parcimoniosa e apreciava estar em casa com a minha miúda, mesmo no fim de semana, em que podia perfeitamente sair, porém, andava de um lado para o outro, pensando e tematizando ideias, sentimentos, emoções, no espaço diminuto da casa. Nesta medida, refleti um pouco sobre a noção de trabalho. É certo que o trabalho dignifica o homem, mas há cada vez menos trabalho, tanto pelo exercício económico especulativo quando pelo "roubo" dele por parte dos robôs...mas , em tudo isto, não é o homem que continua comendando? Cada vez mais há estudos em ciências sociais, filosofia e psicologia nesta área. Cada vez mais, a felicidade depende do homem em si, do sujeito, do indivíduo, quando se sabe que a felicidade dependem mais do social, da entourage, do que do si mesmo, assim como a fronteira entre o normal e o patológico... Hoje em dia, as pessoas são mais felizes, sem dúvida, mas é uma felicidade que está pouco ligada à terra, tanto vai quanto vem, tanto aparece quanto desaparece e é complicado agarrá-la e aprisioná-la, o que muitos fazem, gerando uma mentalidade de gueto tanto em campo rural quanto citadino...

68.

Estávamos vendo televisão. Ela aproximou-se de mim e fez-me carinhos. Dali a pouco puxei de um cigarro e ela deixou-me. Mas estava fumando menos. Nesse tempo, vivia com dez euros por dia da minha irmã e outros dez do meu irmão. Mais tarde, já pela noite, tive vários bloqueios: não podia fazer sexo como outros faziam, mas talvez de certo modo faria sexo também. Sentia que ela estava feliz e que a podia ter como minha mulher. Alimentava-me melhor e inclusive quase deixara o cigarro de lado, ainda que bebesse ainda alguma cerveja ou um ou outro vinho. O sol e a claridade irrompiam pela janela e eu pensava em Riachos e na minha mãe, na minha irmã, nos pequenos. Os vizinhos, ouvia a sua voz dentro da minha cabeça, falavam de mim a toda a hora, ainda que fossem dois ou três apenas, sondando a minha mente, os meus sentimentos e pensamentos. Até um certo ponto eu nada podia fazer. De que valia enervar-me? Não levava a nada. Mas macerava minha cabeça, por um lado até diziam coisas boas, mas outras vezes cansava bastante. Ou seria a voz da minha consciência? Não creio. A minha irmã dizia-me "faz-te à vida", o meu cunhado também achava isso mesmo e eu pensava para mim "sim, fiz-me à vida", arrisquei a minha adolescência e juventude na religião, em nome do conhecimento, por assim dizer. No Iscte, do meio de um grupo de alunos, um mais alto e loiro dizia-me "não vales uma merda" e eu deu-me vontade de lhe dar um murro na cabeça, mas não o fiz, não sei ainda hoje porquê. Estava em casa com a minha miúda e pensava nos outros, que tinham buceta e mamas como suas mulheres e eu olhava para dentro de mim e dela e pensava: "tenho isso e muito mais". Não tinha já nenhuma necessidade especial de vingança a repeito de quase nada, não que não tivesse os meus pensamentos, mais ou menos negativos, mais ou menos obsessivos. Há

várias semanas que não ia a Riachos, talvez nunca tivesse ficado tanto tempo em Lisboa como agora, sim, era como a minha mãe dizia, "a aldeia nada te traz a não ser descanso e paz no fim da jornada". Além disso, não estava disposto a alimentar grande polémica com as universidades, é claro que havia escrito uma carta à procuradoria, mas sabia que isso não levava a nada, talvez tivesse sido erro meu juntamente com o de vários outros, apenas queria viver mais e mais, um dia de cada vez, aqui em Lisboa, onde me atravessavam certos e determinados pensamentos e sentimentos que eu procurava para sobreviver intelectualmente.

69.

A minha família era como todas as outras. Num certo ponto, os irmãos começam falando menos e desligam-se progressivamente. Eu estava farto de segurar o meu irmão e minha irmã. Estava farto de apajar o meu cunhado, que só dava respostas aziagas. Mesmo os pequenos, de um lado e do outro, não se interessavam especialmente pelo tio...

Ao mesmo tempo encerrado no convento da minha casa e livre com a presença de Milly, eu divertia-me com o espetáculo televisivo da CMTV, que constituía uma das fontes da minha reflexão-mais-do-que-protó filosófica, antropológica e filosófica, uma espécie de patenteamento de uma "natura naturans" do que é ser-se português. Depois, percebia muito bem a atitude da minha irmã, ela havia-me salvo de muita coisa, talvez até a vida e era, como eu, até mais do que, pouco agarrada ao dinheiro, eu era bastante, só que andava sempre teso. O meu irmão, por outro lado, era mais agarrado, como o meu pai, de resto. Nesse mundo de então, mundo demopolis, o dinheiro era essencial até ao lazer, sem grande elaboração filosófica nem cientificidade, enquanto uns tentavam deixar marca nesta sua (deles) existência, outros não se preocupavam tanto com isso, sendo questiúnculas mais ou menos diversas em que ninguém ou pouca gente acreditava. Sim, eu ainda vivia sob a voz do sangue que, de certa maneira atraíçara, ou seja, a consciência da hereditariedade, num registo entre as ciências sociais e a filosofia. O o jovem escritor da frente (suponho que seria também filósofo pela maneira como passava longo tempo agarrado à secretária) tinha deixado as persianas fechadas e logo percebi que teria ido embora com sua mulher

70.

O cãozito este ao sol, aproveitando uma fachada de luz que incidia sobre o pátio da sua dona. A CMTV continuava a debitar tragédias e outras coisas mais ou menos funky, pop-up ou jet-set. Eu saí para comprar hormonas para Milly e a farmácia estava fechada. Ainda fui ao Mac e aos Correios, que estavam fechados, mesmo assim comprei um selo e deitei a carta de renovação do meu cartão de militante do Partido Socialista no marco de correio da Gran Avenue. Eu tinha por vezes mau feitio, zangava-me com todos, mas enfim, acho que todos os (bons) filósofos são todos um pouco assim, zangava-me com Milly jogando-lhe na cara que não tinha mamas nem pachcha e depois via pornê, uma vez ou outro, merda, tinha de ir dar uma foda valente num sítio qualquer e depois entrar na Igreja, reflectir sobre a minha vida dez minutos, como toda a boa beata faz, e o bom cristão reitera em sua consciência. Sim, zangava-me com o parvo do meu cunhado, era o meu ódio de estimação, deixava de ser seu amigo no facebook; zangava-me com a minha irmã e como que a manipulava para me dar mais e mais dinheiro, mesmo depois de ter estourado em comida trezentos euros e depois de receber a pensão lhe ter gasto metade num só dia. Eu e o dinheiro...

71.

Um sentimento de agonia invadia o meu espírito, eu sentia as pessoas dizendo-me para ter calma, o meu irmão deu-me os parabéns e eu não percebia se seria pela minha nova relação ou por outra coisa. Ainda aguardava o resultado da discussão da tese, não tanto com tanto entusiasmo quanto antes, talvez com mais serenidade. Retomei a leitura de certas obras e andava entretido nos mais diversos pensamentos, para lá, acima de mim e no futuro, ficavam os artigos em revistas científicas, as leituras em várias bibliotecas especializadas da cidade, os colóquios, a conversa com académicos. Estava como que desligado de certas coisas e ligado a outras, por outra via, num registo mais de senso-comum e quase brejeiro. Eu não estava já decididamente num registo global, mesmo vivendo ali, mas também não estava num registo local, talvez tendesse para isso ou talvez não, dependendo em grande parte do resultado mais ou menos formal da minha tese. Estava cansado e por vezers sentia-me perder os sentidos, mas ainda não desistira de ensinar filosofia, mesmo que tivesse de pedir ainda dinheiro ao meu irmão e à minha irmã, depois de gastar duzentos euros em dois dias.

72.

O que é ser homem? O que é ser mulher? Não será uma ideia, uma coisa muito para além do mero corpo? Sim, ser homem ou mulher é ter um corpo condizente com o que se pensa, o que passa geracionalmente, hereditariamente. Há pessoas que têm mente de mulher mas que nos entanto são homens, fisicamente falando. Eu vivo com uma. Entendo-a perfeitamente, mesmo ainda preferindo estar sexualmente com uma mulher "natural" e não, digamos "social e cultural". Mas o ser mulher, ou homem, não é determinado desde há muito tempo antes do nascimento? A representação do corpo no espaço social é apenas o eclodir de uma forma e conteúdo de identidade pessoal... Sim, em tudo isto, como no meu quotidiano, tenho feito mais psicologia social do que outra coisa...nem toda a gente sabe que vivo com um trans, apenas contei à minha irmã e ao meu irmão, mas decerto que já muita gente sabe, sobretudo em Moscat, mas tudo bem, não tenho recebido grandes insultos, como se tivesse, como disse uma velhota, fazendo uma experiência. Por outro lado, a filosofia nunca será uma "tecnologia", uma "artesanaria", como o é, por exemplo, a psicologia e a antropologia, porque não se entende com o *objectum*, que, para ela, é como que *abjectum*...

73.

Procurava não ceder à ânsia narrativa que me impelia mais e mais sempre para a frente, como que largando palavras pelo caminho e esquecendo o que ficava para trás, como testemunho ou não de mim mesmo. Estava maior parte do meu tempo aguardando o resultado da segunda tentativa da minha tese e ainda duvidava se tinha ou não de pagar propinas, mas tinha de ser confiante e acreditar até ao fim, cria que dentro de duas semanas já teria um resultado definitivo. Sim, não era totalmente um texto de filosofia, mas também não o era de sociologia ou antropologia, ainda que tivesse alguma coisa de psicologia e cinema. Não estava disposto a apresentar o texto na FCSH ou no ISCTE, de modo que tinha de aguardar, a minha aldeia, a aldeia do meu pai, ficara planteada como referência teórico-empírica logo no início do texto, mas nem todo ele andava à volta dela. Eu tinha sido vítima de uma referência a um lugar numa tese pretensamente filosófica, coisa que os filósofos não fazem e tinha teorizado sobre um lugar, coisa que os antropólogos também não fazem. Nessa altura percebi a recusa por parte da Professora Ferro... Era, portanto, nesse tempo, refém da minha própria teoria e elucubração, especulação e imaginação sociológica. Creio que tal teor não tirava valor à minha obra, mas daí a ensinar grandes mestres, ia uma distância considerável, ainda que eu para isso estivesse parcimoniosamente preparado...

74.

Mas, havia em tudo isto qualquer coisa de errado. Eu não sabia do entusiasmo de quase ninguém acerca das coisas que estava fazendo, antes entusiasmava os outros, sei que não me devo queixar, mas porra, afinal, ainda que fosse em idade algo avançada, estava fazendo uma tese, que, em certo sentido, era uma coisa útil à sociedade em geral, e ainda a muitos sujeitos em particular. Fazia um ano sobre os incêndios de Pedrógão. Ironicamente, a seleção conquistara a Liga das Nações... As tragédias são como as feridas, precisam de tempo e cuidado para sararem... enquanto as vitórias e a felicidade contribuem, ironicamente, para isso... Compro uma pizza e duas cervejas Super Bock, juntamente com queijo a pão para ela, além de uma bebida especialmente agradável que compro por preço especialmente baixo, a senhora do supermercado enganou-me e eu não levo a mal, um ou dois euros, tudo se compensa. Prescindo do whisky. Um bocado de pizza cai nas minhas calças e eu limpo com a bucha de esponja embebida em sabão. Fico tonto, quase agoniado, pensando na quantidade de dias que já usei as calças e os dias que ainda vou usar até ficarem realmente sujas, isso porque gosto particularmente delas. Vida ínfima a minha, entre o aeroporto, a Baixa, o Oriente, espero por ela para irmos fazer uma caminhada à beira rio... Talvez, em tudo isto, penso, não haverá leis para o comportamento humano, entre fogos, acidentes de viação, violência doméstica, vagabundagem. Ou haverá, mas é preciso trabalhar nisso e esse conhecimento ajuda a prevenir muitos males e tornar as pessoas mais felizes, com mais qualidade de vida. É esse o meu ponto de vista. Mas, onde se dá mais valor à vida, as ciências sociais e a filosofia emergem como algo de quase imprescindível, noutros locais, onde não se pensa, elas permanecem relativamente secundárias, ignotas...

75.

Depois, percebi que estava sendo criança, um bebê chorão, ou seja, andava sempre a chatear os meus irmãos quando tinha uma vida minha para viver, andar eternamente de um lado para o outro entre Riachos e Lisboa, sem fugir muito disso, isso, esse, era o meu mundo, mas estava ainda confuso, não tinha jeito de ganhar dinheiro algum, sentia-me exaurido e fraco, pensava frequentemente na morte, na minha e dos meus, especialmente do meu pai e da minha mãe, talvez ansioso por desempenhar um papel que em certo sentido me caberia representar, sem que tivesse necessidade alguma de legitimar o que quer que fosse em Riachos. Mas alguma coisa iria acontecer...

Depois, fiquei pensando no cromo Esteves, um tipo que era meu inimigo figadal e que nada de especial tinha feito na vida. O certo é que os parvos e falhados juntam-se todos uns com os outros para tirar conclusões igualmente tôlas sobre a vida... Enquanto isso, tive uma assomo de alegria e felicidade no passeio pelas ruas de Moscat, tendo ido comprar um frango de churrasco num dia e no outro, ao supermercado, trazendo comigo para mim e para a minha pitanga e senti um afago quase invisível, sobrenatural, no estar e pertencer aqui a esta gente, se me é permitido dizê-lo. Continuava telefonando à minha mãe e percebia que estava por dias uma resposta à minha tese interposta.

Depois de almoçar, fumei um cigarro, a minha mente pairava pela casa, no chão da cozinha, sob a possibilidade ainda de sair naquele dia de Moscat.

76.

Depois, vou até ao aeroporto. Logo que saio porta fora, as obsessões começam, impendo-me de progredir, mas eu, aqui, forço, ali, deixo elas morderem no teu espírito e acabam por desaparecer à medida que deixo de estar parado e começo a caminhar. Estou sem saldo para contactar o meu irmão a fim de pôr lá algum dinheiro. Não me sinto mal por ter pouco dinheiro, por andar sempre a pedir, pelos ajustes. As pessoas olham para mim como se me admirasse, mas nenhuma começa uma conversa comigo. É o reino do consumismo, as pessoas são na sua grande parte estúpidas, comendadas por duas, três ideias, que conduzem toda a sua vida. Não se vê ninguém a refletir, excepto alguns turistas. Acerco-me de um telefone público, o mínimo para uma chamada é 14 cêntimos, eu tenho 12. Ainda contato a assistência da companhia para consertar um dos telefones que está cheio de moedas atravancadas, umas encavalitadas nas outras. Vou ao Starbuck's pedir um copo de água, uma loira olha para mim e mexe o cabelo, entro no metro e vejo o tipo que me provocou logo que acendi um cigarro, no átrio das Chegadas. Quando páro em Moscavide, dirigi-lhe a ele e digo-lhe duas ou três coisa. Ainda no metro, uma loira, sueca ou alemã, olha para mim, sentadas que está a meu lado. Cehgo a casa e dou um beijo à minha mulher... A liberdade e felicidade de muitos custou a morte e o sacrificio de alguns, isso pouca gente entende. Grande parte dos jovens acham que a vida é uma brincadeira, festivais, não se levam a sério. Depois, com o advento da sociedade que se vê a si própria, aumentou a estupidez e a troça entre as pessoas. O mais importante da vida são os laços que tecemos com outras pessoas, não é verdadeiramente o nosso ego e a nossa visão da vida, a nossa literatura e a nossa ciência. Muitos, hoje em dia, não criam laços, outros criam com gente que não interessa nem ao menino Jesus. Outros, apagam os laços de um momento para o outro, como se a vida fosse um

jogo virtual de computador, na expectativa de criar ou manter mais e mais para escalar socialmente uma posição, um posto...A sociedade como que está militarizada, fazem-se todos os disparates, e eu sempre estou subindo, sempre, aconteça o que acontecer, serei promovido...A pouco e pouco, eu estava fora da tese, fora da caixa em que estivera longo tempo e isso fazia-me sentir mais vivo do que muitos académicos, do que muitos homens do senso-comum...

De um momento para o outro, as coisas mudaram de configuração: eu não estava disposto a ter uma relação com uma transsexual, odiava o meu pai, odiava o Pimentinha, a minha irmã e o meu cunhado não me falavam, esta num ruído surdo dentro de mim mesmo e não conseguia sair disso, da flata de apoio do meu pai, apoio que fora prestado ao meu irmão e ao meu cunhado em toda a linha, para todos os efeitos, só porque tinham filhos para criar, coisa que censuravam em mim não ter. De repente estava numa situação mais ou menos implicada, mas não ousava ser falso para com as pessoas, pois tinha uma ideia aguda da minha finitude, como outros tinham, como outros não tinham.

77.

Nunca o desafio do papel em branco fora tão grande. Eu preferia uma mulher de carne e osso, completa, com vagina e seios, mas não tinha, não estava disposto a esperar por nenhuma cirurgia nem aceitaria por completo uma mulher que o era, obviamente, mentalmente, mas fisicamente não o era nem nunca seria, o que quer quer seja ser-se mulher...

Enquanto isso, eu ainda fazia planos para ser filosofia, mesmo não conversando com ninguém, via-me com uma falta de dinheiro extraordinária, que ia de resto para mim e para a minha inquilina Milly. Por vezes sentia imensa tristeza em o meu pai não me ter ajudado no passado nem me ajudar no presente, a minha irmã não podia mais, o meu irmão era a conta-gotas e castigava-me por não ser como ele, sabendo eu bem que ele nunca nesta vida havia passado metade do que eu passeia, em diversos lugares, em diversas circunstâncias. A minha família, se eu encarasse isso, estava me abandonando e mesmo a minha mãe parecia não se importar grande coisa com isso, mas eu compreendia, dado a sua idade, sempre tivera de fazer grandes esforços por ser aceite e mesmo assim não chegava. Talvez fosse o melhor escritor português, talvez o melhor filósofo, o melhor antropólogo e sociólogo e não apenas português, mas isso não impedia que fosse sendo esquecido pela sociedade, pelos media, que para mim se tornava cada vez mais estúpida. Seria esse o preço da verdade?... Sim, ninguém me telefonava, quer de Pombais, quer de Leiria, quer mesmo de Lisboa. Parecia um fantasma, deslocando-me nas ruas para oportunidade dos outros. Os humanos são assim, quando vêm alguém que se preocupa com eles, penduram-se a isso e descarregam a possibilidade e responsabilidade dos seus actos em ti...

78.

Enviei dois emails para a faculdade, telefonei, não perdia o interesse, ainda queria dar aulas, embora tivesse chegado bem perto de Entre-Campos e decidira sanar as minhas dívidas às finanças em vez de alimentar uma confiança cega na Faculdade e na tese. Ela dormia, cansada e confusa, eu telefonara a dois dos meus sobrinhos, estava bem-disposto e de repente fiquei mal, zangado, com vontade de ir ao aeroporto fazer coisa nenhuma, como todos fazem. Comprei uma garrafa de Rum e em poucos tempo, poucas horas, arrumei com ela. No fundo, sentia-me sózinho, a vida académica podia vir, podia não vir, não me espantava muito a vida que tinha, estava farto de dar o braço a torcer em troco de um lugar como professor que só favorecia os outros, pois pito não havia. Detestava bastantes humanos, em suas coisa tão simples quanto interesseiras. Estava assim, logo pela manhã, pensando se iria a Riachos, onde haviam morrido duas pessoas atropeladas, se haveria de ficar por cá, quando soube que iria ficar uma hora à espera de ligação no Entroncamento ,resolvi ficar, fui ao chinês comprar comida para ela e acabei por comer eu mesmo os noodles que comprara, depois ainda fui à Avenida de Moscat e comprei uma jardineira por pouco mais de um euro e acabei o rum, ainda tive tempo de ir ao aeroporto, encontrei dois seguranças quando cheguei a Moscat de metro, já estou habituado, admiram-se de eu falar abertamente com as pessoas e, na verdade, nas minhas voltas, apenas tento desanuviar do estar em casa e encontrei, no passeio de uma rua, uma vizinha à espera do autocarro que me mandou uma boca, bem, o parvo fui eu em ter-lhe falado, hoje em dia as pessoas não precisam umas das outras, estão na sua maior parte doentes, nem um guindaste as levanta e eu sou também um pouco assim, mas não gostei da boca dela, dizendo que eu "nada fazia"... Liguei à minha mãe e mais uma discussão, o dinheiro acabou-se e eu, além de

escrever, não sabia mais o que fazer, procurava estar calmo, via televisão e talvez viesse a sair de novo para desanuviar... Depois, lidava com a ignomínia do meu irmão, a minha irmã não me podia dar mais dinheiro e o meu irmão estava em tudo contra mim, dizendo que não me podia ajudar, mas eu percebia, para ele e a mulher, como para a minha vizinha, eu não fazia nada, nunca fizera nada, na verdade apenas e ainda quem me compreendia era a minha irmã, ainda que se fartasse de dizer mal de mim e me ofender. Claro que eu também a ofendia...em resposta. Em tudo isto, o meu pai não queria saber de nada, para ele era indiferente e eu ensaiava mais uma forma de ficar nesse fim de semana por Lisboa. E lia no MSN: "Não queiram ver o lado obscuro de uma boa pessoa"...

79.

Parecia que a minha demanda não tinha fim. Ia quase em um mês e nenhuma novidade quanto à tese, por vezes pensava que havia má-vontade contra mim ou talvez apenas simples discriminação, por mais meritória que fosse a minha obra. E então, lá no centro comercial, o meu espírito começou a libertar-se, como que a levitar, talvez ao mesmo tempo que o da minha mãe e do meu pai, como que ansiando por deixar esta terra, esta superfície composta por grãos de areia e terra. As mesmo tempo, ganhava gosto em estar aqui e descobria novas coisas acerca do mundo, coisas do mundo, deste e do outro, por assim dizer. Eu era, ainda que discretamente, um sis neste mundo de experimentações sexuais e de géenro...

Creio que nem a minha irmão nem o meu irmão calculassem que eu recuperasse do estado em que estive vários anos. Ou não, talvez sempre tivessem confiado em mim...não sei bem dizer, mas nesses dias em que chegou Milly, estava cada vez mais feliz, dia após dia, depois de ter sido bastante feliz nos primeiros dias...

80.

Não quero saber de gajas portuguesas, andei todo o tempo de um lado para o outro, buscando-as e elas, nada, vai em Moscat mais de dois anos e nada e agora, depois de tanto tempo, vêm ter comigo? Eu sou antropólogo, tanto estou aqui como ali, destesto o vosso provincialismo, as vossas piadas de quantal e a vossa vontade de sres felizes numa quintinha à beira-mar plantada, porque eu sempre fui daqui nãa o sendo e não apostaram em mim, por isso eu não aposto em vocês, não sou eu que tenho de dar (mais ainda?), são vocês e ainda assim eu não aceito nada de vós. Quem sois vós? A amada que nunca chegou, nunca assumia, chegou, assumiu...O Arménio era um tipo que desistiu da matemática e de tudo e mais e era tão somente o melhor aluno da turma, um dos melhores da escola. Eu fui persistindo, como outros, indo mais além ou ficando pelo caminho. Isso diz muito da propulsão e força que cada um tem consigo mesmo, no seu âmago, no seu núcleo e sobretudo a inveja que os outros têm, com ou sem comentários.

81.

Sim, havia uma "Névoa" sobre o meu pensamento, sobre a minha memória e os meus dias, andava procurando retirar essa pelica da frente dos olhos como se fosse um nevoeiro à frente do carro logo pela manhã, como se fosse uma doença das cataratas entrevada nos olhos, como se andasse para a frente de rosto voltado para trás, falando com alguém que caminhava atrás de mim e esse alguém fosse eu mesmo, em outro tempo, sob outra capa de personagem ou meramente ator. Creio que, noutra sentido, muitos antropólogos não entendem que há mensagens sem sentido, quer no comportamento (reservado aos etnoetnólogos), como no discurso, ou seja, Lévi-Strauss falava disso, da deriva do pensamento, como se as pessoas estivessem sonhando acordadas, por exemplo, em alguns programas de TV isso acontece, como se tivessem sido hipnotizadas, reiterando um comportamento típico da atitude reiterativa de certas formas de masculinidade. É claro que a démarche antropológica não tem somente a ver com o romantismo ou o safari ou mesmo o exótico, é talvez um olhar reiterativo passe a um passado remoto pleno de raízes mais ou menos primitivas, mesmo na grande maçã, ou seja, não só o sujeito se reitera para o passado de si mesmo quanto ao passado de toda a sua espécie, como e também a tentativa de exaltar a humanidade que todos temos no nosso ADN, digamos assim, nos "preparasse" para o devir, para a ideia de futuro "diante, ante, nós", ou seja, como a enchada que para ser cavada, cravada, na terra, precisa de dar uma volta pelas costas do homem que vive da terra. Quando perdemos Deus, perdemos o chão, a terra, e então andamos zangados na procura de terra, só a terra nos suaviza o pensamento, o temperamento, a vontade, e nos dá alento para os projetos, para esse olhar pousado no futuro sem pressas de viver o presente, no presente. Diversas vezes reitero os meus livros favoritos: "Totalidade e Infinito", de Emmanuel Lévinas,

"O Terceiro Excluído", de Roger Caillois, e o resto dos outros todos que estão perto de mim, ao meu redor, junto à minha cama. Sim, quando morrer quero que ponham livros, espalhados sobre a minha cama, não no sentido da biblioteca mas do "bookcrossing", para que @s visitantes possam levar um ou outro e trazer um ou outro, porque o estado de uma segunda vida, de uma eterna ou terminada vida é a ler, sendo que ler livros nos faz mais eternos, digamos assim... Sim, dizem que a maior parte dos antropólogos não escreve bem, pois deveriam, especialmente os eruditos de letras e humanidades, até os economistas e juristas, estar mais preocupados com uma escrita com sentido, com conteúdo, ao invés dos formalismos teóricos e literariamente bacôcos, como se quisesse a todo o momento eternizar o momento e o tosco lavrar do etnógrafo que se disfarça entre as coisas e as pessoas. É claro que o filósofo se preocupa com as ideias, de um insecto reitera uma obra reiteradamente convexa e especulativamente certa, uns sim outros não, mas que se esquece dos factos. O facto é especialmente alheio ao filósofo, nomeadamente os factos sociais, porque a filosofia se faz ou se fez, em sua grande parte, como veículo e afã de revolta contra a sociedade, por isso o filósofo não compreende o tom profiláctico quer da antropologia quer da sociologia ou psicologina (que tem, certamente, um teor mais clínico...)...

82.

Há pessoas que gostam de perder, não pensam noutra coisa. Há pessoas que só pensam em ganhar. Ganhando ou perdendo, a vitória ou a derrota nunca é só apenas e exclusivamente nossa, ou seja, estamos sós neste mundo mas interdependentes. Na minha vida, por vezes, por baixa auto-estima, gostava de perder, talvez por não ter gostado de mim próprio nessas alturas. Porque ninguém nasceu para perder, mais ou menos, estamos sempre progredindo, nem que seja para a cova. Aí é que entra a ciência, ela pode ser útil tanto na culinária quanto na estética. Sim, ganhei o gosto de ganhar, a vitória é responsabilidade e tensão, peso, mas confere alegria, alívio e realização. Nada de cosnegue sem esforço. Mas descansando também, procrastinando, também se consegue muita coisa. Depois, há aqueles que foram ganhando, que pouco perderam e tornam-se ora tontos ora animalzinhos de palco, cheio de criancices nas suas atitudes, tomando uma atitude de gozo à qual só apetece dar um murro na cabeça. Os franceses, são, neste aspecto, mais responsáveis, masi sérios mas mais loucos que nós, um pouco como os italianos. O português, face a este e outros, foi sempre perdendo e desenvolveu uma cultura da perda, do perder, e quando ganha pensa que ganha tudo em definitivo. Por isso muitos são bobos ou bolbos que não resistem a uma boa agulha ou alfinete de dama...

Sobre a expressão corrente "Tua não és nada". Nada, no sentido filosófico, é mesmo Nada, mas não é o Nada. Porque, se disser "Tu és nada", digo que não és Nada, ou seja, que és nada e o Nada ao mesmo tempo, porque o nada é coisa que não podes conceber, é "aquilo" que está para além do que Tu Mesmo És. Ou, noutro sentido, não És.

83.

Neste sentido, qual o valor da ciência social? Antes de mais, ajuda-nos, ainda que sob certa tensão, a viver melhor, a precavermo-nos de surpresas. Mas há quem goste de surpresas. Há quem viva a vida despreocupado e já tenha ou não *sido preocupado*. A idade tudo traz, por vezes a doença, outras vezes a intolerância, quando nos fartamos de bater na mesma tecla a revolta e a sede de justiça que tal implica. Vejamos as coisas como a mera moeda que temos no bolso, mesmo a de um cêntimo, tem duas faces. Também o homem, a cultura, a civilização, as tem e é a moral que calibra o tempo que uma ou outra pode estar à luz, do sol, das estrelas, do firmamento. No nosso contexto, ainda se julga ao "Deus-dará, ous eja, ainda se espera, como se tivéssemos desistido sem nunca ter realmente desistido, como se esperássemos uma certa justiça divina à esfera do social. Mas isto está a mudar, também entre nós, também connosco e aprendemos que pouco ou nada se consegue sem esforço, reiteração de sentido, de interrogação, de filosofia...

84.

Capilé capilé/Capelão Capelão/Mão Mão Mão/Mé mé mé

Sim, talvez estivesse no fim de qualquer coisa, ao fim de mais de vinte anos estudando filosofia. Reiterei o pedido de discussão pública da tese e comecei a rezar para que não me pedissem o dinheiro das propinas. De resto, se se complicasse a coisa, que mais iria fazer? Ficar eternamente em Riachos ou em Lisboa, num emprego que não me satisfazia e para o qual estava já cansado? Depois, mais adiante nas minhas indagações e elucubrações, percebi que o ateísmo estava, na história e na essência do homem, essencialmente ligado ao individualismo. O senso-comum é o sentido de todos, ao passo que a erudição é só de alguns. Talvez, do ponto de vista shopenhaueriano, a felicidade seja a privação dela mesma, a in-felicidade. O que é a felicidade senão a consciência de um estado que sempre existiu e que está disponível na natura naturans de nós mesmos?

Esperar, esperar, esperar. Gastava o meu tempo esperando por um sinal, um gesto que me desse um diploma para finalmente, ao fim de tanto tempo de espera e ao mesmo tempo de investigação, poder exercer uma profissão, coisa que deixei para trás por volta dos trinta e cinco anos. Dois dias em Riachos, enquanto Milly estava no apartamento, aparentemente segura, mas sabia que inquieta e expectante. Mudar de terra exige toda uma reconfiguração das crenças e da percepção. Mudar de terra e mudar de sexo é um acto heróico que pouco compreendem... Ninie havia estado comigo, era a mulher perfeita e ideal para mim, vivia com um velho de setenta e cinco anos suíço, a coisa estava quase a dar quando ela me pergunta pela minha condição económica, aí percebi que era mais uma brasileira em busca de partido, árvore, achego, sustento. Não a consigo esquecer, martela-me o seu corpo constantemente na cabeça, mesmo quando estou com Milly. Descubro inúmeras

histórias nos locais onde vou, nas casas que habito. Estava à espera do café e entra o Procópio e nada diz mesmo chegando ao balcão, nem um boa tarde, e é logo servido. Eu nada digo, parece que não é comigo, mas fico pensando no assunto, no fundo, a culpada é Brígida, que o serviu. Chego a casa bem disposto, apesar de tudo, mas logo a irmã me enerva com suas bocas secas de má-disposição. E o pior é que a minha mãe está sempre do lado dela. Com a minha irmã, sempre foi assim: chateava-me ao máximo porque eu nunca lhe batia, mas com o meu irmão era diferente. Tás a perceber, ó pá?

A psiquiatria tende a explicar tudo, a atribuir a culpa do seu estado ao indivíduo, enquanto nenhum psiquiatra tem noções de antropologia e sociologia... o estado do sujeito é só da sua culpa e da sua psique? Não será também a culpa da sociedade, ou pelo menos, de alguns indivíduos? Era para ir ao café essa noite e esclarecer o assunto com Brígida, mas depois pensei, ela também está metida com eles, com a malta que já muito me chateou nesta vida, decidi dar a mim próprio o benefício da vida. O rapaz brincava lá fora. Depois lembrei-me que o Aribum apareceu por lá ao mesmo tempo e foi servido ao mesmo tempo. Podia estar a pensar o mesmo que eu... Nesses dias, eu ouvias o rumor do mundo, das gentes, a propósito de mim, quer dizendo mal, quer dizendo bem. A minha consciência (do mundo, de mim), confundia-se com isso. Quando percebi que essa consciência, em Riachos, vinha de um vizinho, fiquei contente, quer pela empatia quer pela solidariedade, mas quando colocaram uma carrinha em frente à porta de entrada, tapando o que os vidros deixavam ver, num dia e no dia seguinte, percebi que estes vizinhos e esta gente era mais invejosa do que outra coisa e que a solidariedade era puramente fictício, estando todos mais ou menos vendo televisão, quando em redor havia belos campos para, nas tardes, fazer belas caminhadas, desprender-se de um registo viciante e anódino. O mesmo servia para o café, um vício que não importava nem levava a nada. Mas, serão essencialmente culpadas as pessoas pelo mal ou bem que lhes acontece? Eu creio que muitas não se interrogam-se têm medo de parecer parvas só por refletir, imitação gera imitação, macaco gera macaco, a maneira de ser do português comum tem a ver com isso, com a inveja do vizinho do lado e com o fulgor da imitação ante o outro

para não parecer mal face ao grupo. Creio que a grande parte de nós somos fantoches, de uma coisa ou de outra, de um povo estrangeito, com ideias estrangeiras, estranhas, ou mesmo de Deus, manietados e organizados por Ele, quando não temos nem competência de auto-reflexividade. Eu não tinha artigos em revistas científicas, nem participação em colóquios, mas havia feito qualquer coisa de assinalável praticamente sózinho e sem grande apoio, da família ou de uma qualquer instituição. Talvez acabasse a dar aulas numa escola secundária. O certo é que fui baixando as expectativas, apesar do meu esforço e mérito, talvez o meu mérito em vida teria alguma coisa a ver com o mérito depois da vida, *au-delà* dos mais diversos escritores...

Depois, perdi o fio. Depois de tanto autocontrole, de tanto querer para os outros, Bem e Mal, perdi o controle, comecei a andar à deriva e desprotegido, afoito às críticas dos outros, sabendo que um dia, talvez um dia, com ou sem Milly, acabaria por me encontrar, por encontrar uma qualquer ilha onde pudesse ser tão feliz quanto fora nessas duas semanas. Portanto, temos aqueles que vivem o momento e não se preocupam com qualquer tipo de inscrição da sua conduta e do seu destino, seja nas estrelas (do futuro) seja numa esfera divínica... Acho que a vida e o status tem essencialmente a ver com estes dois tipos de atitude face à vida. Acho até que a consciência da finitude é sábia, torna-nos tanto mais sábios quanto mais felizes. Fumo um cigarro. Abro uma mini. Lembro-me de ter evitado naquele dia o Colinas e Danny, que jogavam bilhar, de certa maneira estou ferido por várias coisas, não só me pela minha irmã, que me trata constantemente mal. Quando estive internado nunca me tratou mal e nesses dias não fazia outra coisa. Tive de pagar um preço alto: depois de seis internamentos e muitos mais medicamentos, o meu pai não mostrava sinais de me querer ajudar, a minha vida continuava dependente dos outros, embora eu, em pouco mais de dois anos, tivesse dado uma resposta peremptória a todos e mais alguns... Mas continuava sem dinheiro meu, ou seja, sem trabalho. Candidatara-me a várias ofertas e continuava como que rojando o chão que outros pisavam, por um lado, e com o pensamento acima das nuvens, para outros. Eu entendia sobejamente bem as pessoas e o funcionamento do mundo, por isso não me aproveitava, não era

oportunista. Se isto fosse ser antropólogo, eu o era na verdade, ainda que um pouco filósofo também. Talvez tivesse falta de jeito para trabalhar numa coisa que não fosse pré-determinada, alguns poderiam achar-me doente mental e a aprovação da tese iria dar uma resposta a isso tudo, a tudo o que me apoquentava. Claro que queria ter uma miúda com grandes mamas e um belo pito, ou pita. Mas não era possível, a ver veríamos como corriam as coisas, o afecto de Milly era bastante importante para mim, sabia que ela gostava de mim, não só em termos físicos, mas também em termos intelectuais e isso dava-me grande afago e reconhecimento dela e de mim mesmo. Corria na rádio "Purple Rain", do outrora chamado Prince...Eu estava saturado, saturado de fazer tanto esforço intelectual fora do âmbito da academia, o que tornava frustre todo o meu esforço, farto e saturado de trabalhar para acumular uma obra que raramente, como o pirilampo, via a luz do dia, isto em detrimento da minha sociabilidade, da minha vida afectiva e social, quando outro, apenas por citar os autores, conseguem impacto, só que isso, esse impacto, dura pouco tempo, eu alimentava a minha luz através da escuridão e a minha amada gostava da escuridão, estaria lá por casa, em Moscat, conspirando qualquer coisa como uma menira segura de se tornar mulher. Fiquei, de resto, pensando em Tóinito e nos porcos que ele apascentava e matava e na chamada de uma tipa que trabalhava com doentes mentais adultos. Talvez ficasse pensando que eu seria também doente mental, coisa que não duvido que Toinito acreditasse. Por isso e por outras coisas esperava pelo resultado da tese, mesmo sabendo que esse tipo de acusações jamais findaria, haveria sempre alguém que me quisesse pôr abaixo, ainda que eu apenas fizesse, ou talvez por isso, uma teoria da sociedade. Tinha ainda comigo "A Casa do Terror" e "Premeditação", de Strong-Ross e Dick Haskins, dois dos primeiros livros que li em pequeno, prepara-me para ir para o seminário, tinha doze ou treze anos, juntamente com as histórias de Júlio Verne que o meu tio marinheiro me trazia, para além das Seleções do Readers Digest e da revista Panorama e Vida Mundial. De um momento para o outro, vi a minha vida passar-me à frente do espírito e fiquei amargurado por gente tão cruel e até aborrecido comigo por tanto investimento na filosofia...que só faria sentido com um diploma. Noutros tempos, levantava-me cedo por não aguentar a ansiedade face à

vinda do correio, ainda que só fosse pelas dez horas. Hoje em dia, nos dias que estava em Riachos, nem dava conta disso, estava a maior parte do tempo no estúdio com os livros, ouvindo música e ele podia vir às duas horas e eu nem dava conta disso...tudo isto no mesmo lugar, ainda que num lugar diferente da minha mente... A vida tem destas coisas, Danny decerto que era gay, de resto, tanto tempo na mesma geografia, com fobia dos lugares que não lhe fossem familiares, sem constituir família, ainda que tivesse carros e fortuna para tal, não (se) conseguira encontrar a pessoa com quem...talvez devesse ter sido um gajo, mas ele não tinha coragem....aliás, arrependo-me de o ter ajudado em diversas ocasiões com o meu ânimo, sobretudo quando estava para ser despedido e quando tinha desistido já da tese...hoje era doutor e a forma como ele conduzia a nossa amizade merecia-me censura e estranheza, porque ele queria era estar com o Colinas, eu apenas era um meio para chegar a um mundo que ele ambicionava habitar, um mundo que eu desprezava, feito de tipos que nada fizeram na vida, que não foram a lado algum, que não arriscaram coisa nenhuma na vida, que viviam obcecados com o outro, comigo alguns. Um grande calor percorria o meu corpo e eu sentia que finalmente poderia explodir, sem que ninguém precisasse de saber alguma coisa sobre isso. Essa era a minha maior vitória: era tão evidente ser um ser vitorioso que não o precisava de propagandear a ninguém. Por vezes, a nossa cegueira, a mesma cegueira de que falava Saramago, impede-nos de ver além dos outros, vemos os outros como obstáculos de nós mesmos e deitamos aqui que não serve para o Deus que adoramos, o que nos serve de desculpa maior, portanto, se não viajamos, tornamo-nos mesquinhos e a vida não se transforma. As pessoas iluminadas...está nos angue, nos genes, na cultura, na socialização? Não sei, está ao acaso, por aí, quem quiser que toma o quiser...

85.

Em certo sentido, eu seria o melhor escritor (português) vivo, não só porque a minha produção ultrapassava a minha idade biológica, para além da qualidade inerente à minha obra. Mas continuava atreito ao rumor (social) do mundo e da sociedade, pouca gente lia a minha obra e continuava desempregado, apesar de doze obras e uma (ou duas) tese em dois pouco menos de três anos. Mas eu não conseguia descansar, a minha mente estava habituada aos mais diversos dilemas e preocupações, conclusões e resoluções. Sim, sentia falta do afago de um mulher com rata e mamas na minha vida. Ao menos confesso isso, não sou fingido nem hipócrita, não procuro vitória senão sobre mim mesmo, os outros não representam grande desafio para mim. Tudo funcionava como se eu, por falta de capital, lógico, simbólico, económicos, social, não pudesse possuir uma mulher pela vagina e acariciar as suas mamas, como se eu ficasse pelo fellatio, uma grande frustração para muitos homens... Ela chega e diz que quer ser minha discípula...chama-me de mestre...que hei-de eu fazer, rechassá-la, iludi-la, negar o meu mérito? Muitos outros virão e ainda bem, é sinal que há juventude que precisa de ser orientada, assim como eu precisei....cheguei aqui com mérito próprio, mas também com mérito deles, tanmtos, tantos, os professores do ISCTE, o Padre Américo, o Frei Borges, o Padre Adelino, o Padre Costa, professor de Filosofia, os professores da Católica em Braga, os professores da FCSH, da Clássica, o Padre Adelino e o Padre Álvaro, dos franciscanos, o Frei Boléo, dos dominicanos, tantos, tantos outros que permitiram que chegasse aqui, onde estou, consciente do meu destino...até o Frei Faria, que se cagava todo até chegar à sanita, os meus companheiros que hoje são padres, o Sales e o seu amigo de que não lembro agora o nome. Os meus companheiros em Leiria, o Branco, que hoje tem dois filhos, o Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, o Barreirinhas,

o Jacinto, o Bertolino, o Batista, tanto e tantos outros...valeu a pena ter chegado aqui, ainda que com alguma dificuldade...A Igreja será sempre necessária, porque são pessoas que se dedicam às causas últimas e como que amortecem a tragédia e a morte, tanto individual quanto colectiva. Talvez suplantem a psiquiatria porque dão uma resposta cabal que remete para a dinâmica da própria sociedade, mesmo que a psiquiatria seja mais honesta, pois dá a escolher ao sujeito, no leque da vida social, o que pode ser, o caminho a seguir...Bebo uma cerveja...preparo-me para dormir...o Oceano Pacífico está no ar. Tenho de voltar à corrida, pois tenho a barriga grande...até parece mal...Ela chama-me vagabundo, diz que sou mole...que devo pensar? Mesmo que vá ficando com ela, nunca será uma verdadeira mulher, do ponto de vista meramente anatómico. E não é isso que interessa, que todo o homem procura? Vim a Riachos para visitar os meus pais e descansar um pouco, Lisboa estava fazendo confusão à minha cabeça, meu território e minha pátria. E para pensar sobre Milly: ela irá embora em breve, não posso ter uma mulher que, mesmo e apenas fisicamente, já foi homem, não posso ter uma mulher que mudou de sexo, ainda que apenas fisicamente, ainda que acredite que ela terá sido sempre uma mulher, desde o nascimento até aqui e agora... Parece que vivo num mundo de simulacros, esforço-me em direcção a algo e ao mesmo tempo há inúmeras forças que obstam à concretização dos meus sonhos, ser um autor de grande sucesso, o que ao mesmo tempo colide com a discrição e sabedoria do ser antropólogo. Pode ser que me oiçam, além desta língua, lá fora, pode ser que tenha muitos anos de produção, pois que não necessito de muito aplauso ou audiência para continuar, a produzir...

86.

Eu procurava ainda qualquer coisa, qualquer tarefa, que me permitisse dizer que teria valido a pena viver, entre o registo erudito e o do senso comum. Nessa noite adormecia pensando em Milly e na viagem que teria de fazer a uma cidade onde era já reconhecido pelo meu trabalho e pela minha postura social e política. Claro que tinha responsabilidades cívicas, mas isso pouco me dizia face à ainda existente vontade de ir aos EUA. Secretamente, pensei para mim mesmo: "és o maior". Mas isso de pouco ou nada me servia, sobretudo porque eu não sabia aproveitar-me disso...

Não há ideia mais perigosa e hedionda do que aquela que diz que quem faz o Bem sempre o faz com alguma intenção... sim, podia estar feliz, ser feliz, sou-o por vezes, dentro das minhas condições, dentro das minhas possibilidades, passo algumas noites em claro, creio que podia fazer muito mais do que faço, mas estou já um pouco frágil e, na verdade, não vou entregar o meu corpo ao desbarato da metafísica de uma forma totalmente aleatória. Sorvo um pouco de vinho. Milly está em Lisboa, no apartamento. Dei quatro voltas à chave, não sei porquê, talvez quisesse apenas que ficasse segura. Não tem comida, não tem dinheiro. E precisa de mudar de sexo para ser, consoante o seu gosto próprio, aceite pela sociedade e, quem sabe, como deve ser, arranjar um rapaz que goste dela. Sinto-me a acabar. Não consigo dormir. Vejo umas merdas de porno, a mesma coisa de sempre. Volto para Riachos e não consigo dormir, de novo. Fumo um cigarro, oiço música. Sinto-me só, apesar de ter uma família maravilhosa, que não condiz com as merdas que penso, que sinto, que penso. Ainda assim, tento fazer-me duro. O meu pai faz um comentário lateral. A noite cai como o pano de um palco de uma quase tragi-comédia. Claro que, tendo status e antecedentes familiares culturais, o jovem pode chegar mais longe, mas também há

muitos de origem bastante humilde que dão valor a uma vida mais ou menos altruísta. Então, neste sentido, se o altruísmo não faz sentido, o que faz sentido, neste mundo e nesta vida? O que liga verdadeiramente os humanos? E precisarão eles de estar ligados uns com os outros? Este é o fundamento de uma sociologia, de uma antropologia, de uma geografia humana e o maior desafio da filosofia. A meu ver, assim como a música aparece na rádio por ondas, tal como a voz nos telemóveis, assim os humanos estão ligados, e, de certa maneira, pelo pensamento, em termos de cinestesia, de telecinése, também. Sim, somos uma espécie alienígena que veio aterrar neste planeta para o habitar e se revestiu, esse espírito, de uma forma humana, quando, creio, nem humanos somos, no sentido em que somos pretendentemente e pretesamente, muito mais do que humanos. Eu podia ser um tipo brilhante num país que não me dava valor, mas eu não dava muito valor a isso, apenas estava farto de fazer muita coisa sózinho, sem falar com ninguém. Sim, talvez estivesse a ver tudo mal, o deserto dos dias em Riachos talvez fosse uma forma de estender a minha biografia no tempo, como toda a gente, afinal o que queremos todos talvez seja isso, aumentar a vida, a felicidade, decapar a in-felicidade, porvir o mais possível no tempo, entre Bem e Mal, entre normalidade e patologia. Depois, fui-me, dado o meu TOC, especializando em sentimentos mais ou menos bizarro, no fundo talvez estivesse apenas estudando psicologia disfarçada de prosa e ficção, talvez quisesse guardar alguma coisa, fosse isto uma elegia ou elogio a mim próprio contendo mil e uma mínimas proezas (o orçamento não previa muito mais), pela primeira vez, nesses dias, senti necessidade de não divulgar os meus escritos, pelo menos os mais recentes, pois sempre há gente, durante mais ou menos tempo, mais ou menos perigosa. Optei por passar a andar arrebetado e não ligar muito às coisas, não me querer meter em tudo. Ainda assim, concorri a mais propostas de emprego, e esperava nessa semana saber uma resposta definitiva quanto à minha tese. Se tivesse de pagar dois mil e quinhentos euros, tudo iria por água abaixo... Não devia dizer isto, devia guardar para mim, deixá-lo esquecer nas areias dos tempos, nós na realidade não casamos, não temos mulheres ou homens, lembro-me do Victor, já ido, de olhar para a sua campa e sair do cemitério com Danny, arrumo os livros da sala a altas horas da

noite e deparo-me com uma obra de Sade, "Justine". Penso em emprestá-la ao meu sobrinho e lembro o destino de Sade e dos Sades que há neste Portugal e, enfim, do seu papel social, digamos assim, num certo equilíbrio mais ou menos lógico entre libido e violência interna do tempo (interno) em nós. Na verdade, em minha opinião, ser escritor é interpretar a consciência do mundo, que num sempre é uma consciência colectiva, na maior parte das vezes é desordenadamente dual quando unida com qualquer coisa que há de comum entre as pessoas, atravessadas por vozes e lamurientos desejos de superação do circuito interno e concatenados do Si. Depois, chegando a Riachos, vi um programa sobre o Vermute de uma região de Espanha, Réus, muito ligada ao hóquei em patins, tipo homem da Regisconta e fiquei pensando nas miúdas do Portimonense, jogadoras de vóleibol e lembrei-me da minha pitinha, encerrada em casa, jogando Age of Legends, pouco se importando para o seu puff dady... Depois, decidi mudar o título desta obra de "Mustang" ou "Hidalgo", para "Available Night"...Noite Disponível...melhor, "Noite Prazenteira".... Mesmo na psiquiatria, é o doente que repara o médico e não o contrário...

Sim, há já alguns anos que deveria estar a dar aulas, tranquilamente, mas eu não escolhi uma vida tranquila, o mundo, para quem está atento e inquieto, não é um plano tranquilo, a tranquila felicidade dá imenso trabalho. Ao fim de tanto anos, estava ainda dependente de um concurso público para dar aulas, três ou cinco anos numa universidade, não estava disposto a ser troçado numa escola secundária e mesmo não tendo artigos científicos em revistas, tinha uma volumosa obra literária que importava divulgar. Eram altas horas da noite, quase manhã, e tal como no dia anterior, estava andando às voltas com os outros e pensei comigo mesmo, o melhor cientista social português, o melhor escrito, é mesmo aquele que não é lido nem estudado nas universidades...pelo menos durante alguns anos em sua vida.

87.

Mesmo Lusida Costa Fomes, a quem andei a cheirar o cú, não sei porquê, fodeu-se, não percebe o funcionamento da sociedade, aliás, bem como várias outras pessoas a quem andei a sondar para me darem umas luzes sobre uma ou outra coisa, tantas são elas, que se foderam ao fim de tanto tempo, um antropólogo não tem que dar confiança a ninguém...muito menos a burros da literatura e filósofos.

Porque o maior não precisa de audiência, dá as suas aulas gratuitamente, desatento a sofistas e leva a sua vida como se não ambicionasse nada, sendo no entanto o maior e o melhor, lembrar-me-ia de Zaratustra, mas Nietzsche nunca estudou Marx ou Comte, nem grande literatura, ele estava essencialmente preocupado com a moral e com certas questões morais que o afligiam pessoalmente. E que tem o Boaventura a ver com isto? Decerto que não é São Boaventura.. Tudo o que escrevi, as minhas investigações, foram à custa da minha mãe e da minha irmã, muito pouco à custa do meu irmão, nada à custa do meu pai, que deu à minha irmã a casa em que moro, onde está o meu amor, nada à custa do Estado, ou seja, dos outros, quando o meu intento foi sempre contrinuir para os outros, portanto, há muita gente que me tem dívidas, muito mais do que fiscais...

Sim, tinha uma intuição muito forte de que, quando o país se encontrasse de novo no fundo, assolado pela globalização, iriam pedir-me ajuda, tal como dissera o meu amigo Victor pouco antes de morrer. Tenho (ou tinha) pena...não estaria já lá, quando precisarem de mim, estaria a fazer outras coisas, sendo feliz para mim mesmo e os meus, procurando dar sentido a uma vida quase sempre sacrificada a interesses dos outros, em certo sentido públicos, muito mais meritória do que a de vários políticos...

Sim, não estou essencialmente preocupado em dar aulas, porque sei que seria quase desnecessário, estou mais preocupado em viver a minha vida e ganhar ainda a vida, sabendo que descobri uma forma, uma fórmula, de ser feliz, coisa que ninguém poderá tirar de mim até que me vá deste mundo... Ainda assim, espero a atribuição de um grau em Filosofia como sinal de que possa continuar qualquer coisa... Até que me fartei de escrever...de algum modo o escritor está ao serviço, ou é cúmplice, de um grupo, de um estrato social, eu estava farto de tentar, não iria acontecer oferecerem-me ou convidarem-me para alguma coisa, não é usual nestas áreas, tens de ir tu à frente, desbravando terreno com uma catana, e ainda que se aproveitem do teu esforço, não podes ter isso em conta, não podes ter tudo em conta...importa mais o modo como te vais sentindo, com a consciência de que homens como tu aparecem de mil em mil anos...para não dizer mais...

Fui sedimentando a ideia de que a experiência humana é só uma, independentemente da geografia e do tempo, ou seja, aquilo que os cientistas sociais e filósofos tentam ligar, está já de certo modo ligado...só a literatura transmite uma ideia de exactidão que está para além do (seu) texto, e mesmo a sociologia não consegue dar conta da experiência humana, pelo menos tanto quanto a antropologia (filosófica, em certo sentido) o consegue dar... O português tem isso... não sabe estar calado ante a evidência, talvez seja essa tolice que o salva, para mais adiante embater contra um poste ou um camião, desaparecendo para sempre, morte feliz, morte alegre, como se nada importante, enquanto o inglês é mais acutilante porque é industrioso e menos comedido do que o dinamarquês, que pensa no futuro, daí se poder ter em conta que o português apenas pensa no momento e mal, daí um certo sentido de tolice e universalidade neles mesmo, coisa que o brasileiro leva ao extremo, mantendo sempre um fundo ao mesmo tempo erótico e moral da coisa...

88.

Acordo. Continuo a arrumar os livros, a sala, o quarto, a cozinha onde estão várias prateleiras e inclusivé o piso de baixo, para onde o meu pai colocou um grande móveis cheio de prateleiras de alto a baixo. Cai uma coisa lá fora, será uma porta fechando violentamente, será o sombrero que se estatela no chão. A imagem insistente do ventre de uma melhor, estando em diante dela, em pose de arremesso, não me deixa desde há algumas horas, já não penso tanto em seios, mais duvido que mais tarde não venha a pensar. Depois, a secretaria da faculdade nada dizia e eu até pensei "estão a gozar comigo", sei que a coisa está por lá esquecida até que apareça alguém perguntando por mim, no outro dia cheguei perto da faculdade, mas voltei para trás, julgando que seria inútil lá ir, aquela gente não me compreende. Depois, lembrei-me da Mena e enviei-lhe um sms. Vem Bia e estarga tudo com sua má disposição, que me contagia me vira do avesso em termos de humor. É claro que não podemos estar sempre bem-dispostos, isso só um monge extremamente feliz que, no fundo é um bobo. Bobos são também o casal de vizinhos que vivem na casa que eu ajudei a construir e que nem bom-dia me dizem, mas a culpa é do meu pai, vendeu aquilo e nada me disse, aliás, sabe mais sobre as coisas do meu pai o meu cunhado do que eu, o meu irmão, que está longe, do que eu, por irónico que parece, certo que também nunca quis saber grande coisa, mas merecia saber mais. Quando o pescoço dele estalar e for para a cova, tudo há-de cair, enquanto isso ele brinca comigo, como outros, como se fosse um boneco, um espantalho. Nada mais conveniente do que ter um filho filósofo a quem bater como um saco de porrada, o mesmos e estende à opinião pública portuguesa, como se eu fosse a solução para os mais diversos problemas e não fosse pago por isso. Aguardo pacientemente. Farto disto. Danny distancia-se no meu imaginário afectivo. Se os meus pais me recebem mal e mal

dizem ao que eu digo, é de ficar aqui muito tempo? Se os meus amigos nada me dizem, não telefonam, não aparecem, no café nem sequer falam, eu fico pensando, será que eu inventei tudo isto? Sim, será que eu inventei o mundo? Este meu mundo? Considerando a finitude, a vida é ao mesmo tempo necessária e desnecessária, é esse o leitmotiv da existência sábia. As pessoas, com este governo de esquerda, ainda não perceberam que exageraram na festa e que vai ser muito pior do que em 2011 daqui a algum tempo, não muito tempo a partir daqui. Eu vivia numa casa em Lisboa que custara mais do que a casa em que esse casal estava, o casal que não (me) dizia bom dia ou boa tarde e o meu amigo Tobias com esposa e dois filhos, mas isso tudo bem, ele era meu amigo, o meu pai, descobri, andava a brincar comigo e por mais boa intenção que eu tivesse, parecia que nada chegava e a minha mãe estava sempre com ele, seria até à morte dele um castigo, ou seja, talvez fosse boa altura para rumar para os EUA com algum dinheiro, pegar na trouxa e zarpar, a vontade de ficar em Riachos para sempre era de todo ausente, viria ali de vez em quando, estaria em Lisboa, mesmo Lisboa deprimia-me, mas por outro lado, eu via as coisas noutra sentida, ou seja, tudo o que conseguira até então, aqui, mesmo os vinte e dois anos de estudo da filosofia, com escrita vária e lassa, era uma conquista, não podia, não ia, desistir disso. Fui até à Igreja Nova, vi Tancredo e Tó Mané, falei com eles um pouco, recebi um email da faculdade dizendo que a minha tese estava em análise, a menina aperaltou-se e vestiu uma saia de velhota, pintou os lábios, telefonei à mulher que me disse estar com saudades minhas, logo no dia seguinte iria para baixo, ou para cima, como alguns dizem. Esses dias custavam bastante, mas talvez já estivesse apenas em velocidade de cruzeiro, procurando uma faculdade onde dar aulas, em último recurso, iria parar a um liceu ou escola secundária, seria complicado um colégio, embora tivesse cada vez mais apetência para estudar religião e teologia, não somente do ponto de vista da antropologia da religião...

89.

Naquele entardecer, peguei nas Seleções do Reader's Digest e, a páginas tantas, li uma perturbante e enternecedora história. Falava de um homem de meia-idade que foi sugado pela televisão quando estava vendo filmes eróticos, só porque precisava de se aliviar e não conseguia adormecer, depois a tv expulsou-o de novo para a sala, para o sofá onde estava, por um fio de vida a que ainda resistia a sua alma perturbada. Mas...estaria ele verdadeiramente perturbado? Ele não tomava quase nada como certo e não tinha um sentido territorial devidamente apurado para ter parceira. No entanto, ela estava ao lado dele e foi-se embora pouco depois de ele ter sido sugado. Lá conseguiu dormir, é como tomar um comprimido, de repente o subconsciente começa a processar coisas devidamente sociais, quando, concluindo o verdadeiro facto social da modernidade, da hiperrealidade e pós-modernidade não é senão a socialização do corpo, ou seja, o corpo é a verdadeira mercadoria, valor, fim em si mesmo, au-delá da moeda e outros produtos financeiro-monetários. O corpo tornou-se, assim, de privado e íntimo, a social, mais, o intercurso é não só social mas também público e daí também ainda o desejo. Em certo sentido, tudo é mercadoria, sob o signo do signo e do símbolo, tudo é canal, mensagem e meio, ou seja, chegámos à homeostática comunicação social global, onde estamos mais felizes mas ao mesmo tempo mais frágeis e a única forma de o homem aplacar o seu medo de mortalidade e desejo de imortalidade é "marcar" neste mundo qualquer coisa, ou seja, ao mesmo tempo ser feliz numa ilha ou num iate durante duas semanas, como Ronaldo, pagando duzentos mil euros à semana e ser um êxito social. Isso é, elementarmente, ser-se feliz, ou seja,. Ser-se bem-sucedido socialmente (no JetSet e, de alguma forma, socialite) e ao mesmo tempo intimamente só, ao mesmo tempo que ocupado com as figuras, as marionetas, máscaras e sombras chinesas conceptuais que derrimam e constituem o

sonhos dos sonhos, ou seja, o sonho da razão onde a loucura e a normalidade se articulam com os regimes diurno e noturno, com as fases de vigência do sol e da lua...

Do ponto de vista estritamente filosófico, mas nem só, antes de mais do ponto de vista antropológico e médico, se o fim não existe, ou seja, é apenas ou um princípio (de outra coisa), o início também não existe, logo nunca chegámos a existir, existe sim a duração, que perpassa pelo Ser e este é uma inscrição no Real ou apenas uma ficção? Nas cores, o preto e branco tem a ver com na luz e a sombra, com níveis de luz e níveis de sombra e água mais ou menos iluminada. As restantes cores têm a ver com a terra, os vulcões e forças que vêm do alto e do dentro-baixo, do interior da terra, do interior da alma e dos corpos do Ser... Esta seria sem dúvida uma boa conclusão a apresentar ao meu irmão-filósofo amigos dos cavalos alados. A felicidade, portanto, tanto pode ser a supressão do tempo quanto a identificação do Eu ante a realidade, ou seja, uma osmose com o Tempo, o Real e a circunstância, a falicidade tanto pode ser algo de extremamente íntimo e privado, sob todos os pontos de vista (um manicómio, uma prisão, um convento) e algo de perfeitamente público, enquanto o delírio efusivo de uma *rave* é, por exemplo, a explosão mais ou menos descontrolada do íntimo e do social, um *éclatement* da razão ante a resrazão do adestramento do Tempo *a la mano*.

Por vezes, nos nossos dias, as coisas correm bem, andamos mais ou menos tempo animados, pensamos em trabalhar, em continuar a estudar e vem que o nosso pai chega a casa e logo ficamos tristes, porque ele não diz nada, não ajuda nada, não pergunta por nada, mas ao mesmo tempo quer saber e ficas pensando no Victor e no pai dele, afinal, são pessoas que não interessam. Ficas esperando pacientemente dias e dias a fim, esperando que algo aconteça, que ele mude, que alguém venha, como dantes, falar contigo, em Riachos como em Lisboa...passam-se dias e dias e isso nem tão pouco outra coisa, acontece. Depois, delineias uma estratégia e aproveitas a tua paciência para te mudares e mudares a realidade a teu favor, fazendo acontecer... Sim, podia ficar eternamente dizendo mal do meu pai, porque por vezes o odeio, como podia dizer mal do tipo que diz mal de mim desde pequeno em Riachos, arrastado

pelos outros que se juntam desde sempre em grupo, uma comandita mais ou menos homogénea a que pertence Danny e eu não, nunca pertenci nem quero pertencer, sempre andei mais ou menos sózinho pela aldeia, como por Lisboa, isso também acontece. O meu pai é do tipo de criticar um político que lê o discurso em vez de o dizer sem o papel. Como nunca estudou, não entende, como muitos outros, talvez a grande maioria da população portuguesa. Nunca percebeu que o saber precisa de ser fixado para ser reproduzido e a oralidade é própria de sociedades mais ou menos primitivas, embora haja um conhecimento oral e todos os contextos, tal como há um conhecimento escrito em quase todos os contextos, sob a forma de sinais ou símbolos. Depois, vi na tv Hermínio, um antigo colega do ISCTE e o jornalista não o tratou por Doutor, mas pelo nome próprio e eu, então, compreendi que não precisava de tal título, que era igual a ele, enfim, estava com o sangue no cérebro todo coagulado, precisava de praticar qualquer coisa de física e menos intelectual, ainda que procurasse emprego numa universidade e, nesses momentos, ao olhar para o chapéu no banco do jardim, percebi que a minha recuperação teria começado aí, quando trouxe o chapéu abandonado do hospital...

Ainda pensei em Maria Carlos, a minha primeira namorada a sério, de como chorava no cinema, de como tinha um corpo perfeito, de como deixou de responder aos meus telefonemas. Venci a doença também a partir do momento em que ela, chegando a minha casa, via tudo arrumadinho, tudo limpo e no "seu" lugar, talvez precisasse ou estivesse à espera de improviso, de informalidade. Quase que não a teria cativado, mas arrisquei, mesmo nos meus últimos dias na universidade, na sala das fotocópias da biblioteca, vivia já na Morais Soares. Depois, noutro dia, no alvorecer, depois de ter estado com Márcio, bebendo um café e dizendo umas verdades e larachas mais ou menos difundidas, cheguei a uma santa conclusão: quando vamos roubar fruta em pequeno, temos de ser despachados e convém não subir aos ramos, sejam cerejas sejam nêspersas, temos de nos servir à vontade, o problema é que temos de comer tudo mais ou menos depressa e encher a mula, porque não há saco, não é como na horta. Os meus pais foram com a pequenita ao terreno, ver as batatas, quis ir ver o Dicky e acabei por pregar o olhar nos porquinhos

da índia, vi a boazinha da vizinha mexendo no contador da água e nem boa tarde disse, o brasileiro que parecia drogado fazia a limpeza do terreno do Artur Mendes e da sua velha raposa que venderam o terreno e a casa de uma das mais importantes casas de Riachos, com direito a poço com escada e tudo, uma garrafeira dentro de um poço, quero dizer, e amplo terreno quer para horta quer para jardim, fiquei cansado e confundido, a resposta da tese nunca mais chegava para eu sossegar e ser um dos mais brilhantes doutores, professores doutores, quero dizer, cá do burgo, modéstia à parte. Reparei que o Mercedez tinha chave e fui a Vila Verle beber um copo de água, pois não tinha dinheiro, mas fui à mesma, quando cheguei pouco depois chegavam eles do terreno, a minha mãe não reparou e creio que o meu pai não terá levado a mal, foi seguiu logo para os copos com a carrinha, logo que chegou. Claro que estou desalentado, ninguém me diz nada, nem uma palavra de afago e apoio, vale-me a minha pequena que está em Lisboa...

Desde pequeno que Matias me tem ódio, ele nunca fez nada especial, nunca estudou nem trabalhou por conta de ninguém, sempre fez umas merdas na agricultura e recebeu subsídios para a minhoca, eu andei muito tempo sem perceber que aquele era o meu maior inimigo, na terra, mesmo que naquele tempo a terra já não me importasse, de certa maneira metia-me confusão porque o tipo armava-se em esperto e era picado por uma comandita que estava sempre no café sem fazer nada. Sim, eu era o maior, tanto em Riachos quanto em Lisboa, e continuava sem namorada e emprego, sem grande dinheiro e sem carro. Mas tinha alguma paciência ainda de réstia à tanta que tinha tido por aqueles dias. Desejei ir a Paris de novo, vendo o tampo da mesa do jardim, adiei a minha ida para Lisboa, alheio ao que se passava com Milly, talvez estivesse deprimida e com fome, mas no dia seguinte lá iria para cima, colar este resto de escrito às já idas oitenta e duas páginas. Estávamos em Riachos, num cantinho insolente e maravilhoso, que bem podia ser único no mundo, na minha casa havia discussões constantes, a minha mãe dizia que era uma miséria, mas nas outras casas a miséria era maior, pois já haviam desistido, advogados e engenheiros, doutores e sapateiros...

90.

Depois, pensei, posso não ter artigos científicos em revistas de grande formulação internacional, mas tenho duas teses e uma obra literária colossal que nem precisa de ser premiada, de resto. Podia estar calado e não dizer nada, que a coisa iria fermentar, mas eu sou extrovertido, sempre fui, por isso me lixaram por onde andei e não vou olhar para trás, porque domestiquei para mim mesmo a voz do mundo e não preciso de dar explicações, porque continuo sem emprego e apenas com um grau, que me faz ser o maior mas do qual todos se aproveitam, famintos...Depois, havia um excesso de sentido, uma saturação e ainda que desejasse dar aulas, a coisa estava perdendo graça, porque, efectivamente, ninguém se dirigia mim, nem a associação americana de antropólogos ou psicólogo, ou sociólogos... Entretanto, na RFM, corria um chorrilho de besteiras e eu aguentava todas as bocas sem grandes conflitos...Depois, fiquei pensando que a minha mãe queria a minha desgraça, o meu pai e a minha irmã estavam a envelhecer e se seria assim com eles, como seria com os outros...discriminação por ser antropólogo, ou filósofo, os que me criticavam nem notas tomavam...queriam tanto a minha desgraça quanto o meu sucesso, porque estavam dependentes de mim... Vejo a minha mãe torcendo para o meu desastre, a minha irmã nada dizendo, o meu pai estando-se a cagar, quando eu puxo todos para cima, puxam-me para baixo, vejo o meu irmão fazendo uma espécie de talepatia comigo, ninguém me responde, afinal, se sou o maior, que não sou nem quero ser, porque me deixam sem respostas? É, simplesmente, porque as respostas estão comigo... Vejo um tipo como o danny, que passam semanas e semanas e nada diz, acha que a amizade não tem de ser alimentada, como um planta, que é uma espécie de plácida fixidez, quando eu dou e dou e ninguém me dá...nada, mesmo nada, nem um olhar complacente e cúmplice como o da menina... Ainda assim, estive com o Caetano no café, enquanto o Colinas passava uma noite com uma bruta na casa de

praia do Danny, ehehhehe....Mesmo assim, estava preocupado com Milly, era novinha, estava confusa e provavelmente bastante deprimida e com fome, teria de ir no dia seguinte...Chego a pensar, finalmente, que, na minha vida, o problema nunca fui eu, foram os outros, ou seja, eu esforcei-me ao máximo nas mais variadas circunstâncias e temas, raramente consegui apoio para o que estava a fazer e o facto de ter insistido mesmo sózinho deixou-me numa situação celeremente célebre mas sem apoio direto algum. Ainda pensava em Danny, de quando em vez, tinha ainda uma certa obrigatoriedade territorial face a ele, mas como ele, passavam meses, nada dizia, fui esquecendo, esquecendo, ao ponto de não mais querer saber dele, que preferia andar com o Colinas e pensamento fácil e festas de consagração académica balofa. Isso não me dizia grande coisa, dizia-me mais ter o meu sobrinho na sala e a minha afilhada na caminha dormindo e chegar perto da minha mãe, vendo-a vestindo-se para dormir, enquanto via a telenovela, mesmo que ela me tratasse mal a toda a hora, ante o silêncio do meu pai, que se agarrava a tudo o que tinha ganho, as casas, os carros e nada dizia ao filho do meio, que terá sido o melhor de todos ainda que o menos bem re-compensado...

91.

A maior parte das vezes procuramos viver uma vida que não vivemos, a vida que queremos viver e tarde nos apercebemos que estamos vivendo a vida que vivemos, que podemos viver, *Vivei a Vida*, eis o título do livro do padre jesuíta Arami...

Lembrava-me do seminário, em Leirena, do entusiasmo em ter um quarto só para mim, na mania das torneiras abertas na casa de banho e no próprio quarto, que não me deixavam dormir, na mania das sanitas limpas nas retretes comuns do piso, e nas várias idas ao Padre Arlindo para lhe pedir calma, porque a um certo ponto já não estava aguentando, e lembrava-me na mania das limpezas das retretes em Montarvol, na merda espalhada pela retrete pelo Frei Frias junto ao quarto do orientador, tendo eu tirado os óculos para, precisamente, não ver a tanta merda que acabei por ver e limpar, mal, segundo ele, tóino, a vida não é perfeição, é contração e realxamento, relação. Depois, as noites que não aguentava no Alto de São João, sem ver a sanita limpa, como se a quisesse apagar com uma borracha gigante, com panos, lixívia, wc pato, cif e tantas outras merdas, só para parecer americana, porque apesar de todo o meu esforço e preocupação, nunca me apareceu nenhuma açoriana, quanto mais americana, do norte, posso em abono de mim mesmo dizer, então porque continuo querendo ir aos EUA?, será masoquismo, quando já estive na FLAD, na CCLA e outras merdas americanas que nunca mais acabam? É complicado tentar recomeçar-se por si mesmo, sem a ajuda de ninguém, quando todos te põem abaixo pela crítica e pela indiferença. No fundo, eu tentava escapar ao meu destino, ou seja, ser um tipo secundário e aproveitador, ou seja, escapava lentamente à sorte de ser preterido para tudo e mais alguma coisa, tornando-me a esperança de uma nação que nada me dava, que pedia mais e mais de mim sem nada me dar, nem sequer um mísero lugar de professor onde pudesse ganhar pouco mais de mil euros...se não desse graças por estar vivo, diria que este país seria, se eu não puxasse por eles, uma merda pegada

sem fim... Mas tudo bem, embora tenha passado a infância em Riachos e a adolescência em Palumbar, também pertencia a isto tudo, desde a comunhão solene ao crisma, em que Jonas foi meu padrinho, até ao Grupo recreativo, onde cantei em playback o Radio Gaga dos Queen, entre outras coisas, sim, eu sempre seria o miúdo do Radio Gaga, não mais do que isso, apenas o actor de um videoclip dos anos 80, um miúdo que tratava bem a bola e podia ter sido um Futre, mas que foi começando a ler uns livritos e se tornou num filósofo de registo. Porém, eu, quando estava em Riachos, ouvia bocas, mas tudo passava, mas nunca realmente nunca me mandou embora de lá, a não ser a minha mãe, por diversas vezes, eu podia passar por pretensioso, mas também era discriminado por ter estado num seminário, num convento, mas também muitas portas se abriam por causa disso e o meu vizinho empregado dos Jesuítas bem podia dar testemunho disso, era feliz no seu canto, no seu redil, com sua esposa e a paz descia sobre Riachos, depois de um ou outro crime, depois de uma ou outra chatice, sim, este epónimo era rela, Riachos era uma aldeia do ribatejo que eu achei por direito tornar antropónimo de Vermoil, ou Imutite, como diz o meu pequeno sobrinho, podia ser Vermont, podia ser o local de fabricação-sede do Vermute...

Em termos finais, quase terminando este livro, eu posso dizer que amava uma mulher sem pito e sem mamas, isso poderia parecer bem intelectual, internacional, cosmopolista, nova-iorquino, altruísta, mas não tinha jeito nenhum para mim, pois teria de esperar um par de anos até ter umas mamas e um pito, ainda que artificial e, por isso, viver para sempre frustrado enquanto fazia figura de duro, ou seja, a felicidade é uma forma do mais puro e perfeito egoísmo, uma vingança secreta face aos outros...Ainda, antes de dormir a voltar para a minha garota lá na capital, tive um pouco de tempo para ver o programa Só Golos, enquanto o miúdo estava entregue ao livre-arbítrio da net e do Meetin. Provavelmente a minha miúda estaria a jogar Age of Legends ou a falar com a mãe dela, era esta a minha sina, não ser reconhecido senão no quase fim da minha vida, ainda assim, dormia descansado e não tinha grandes problemas, depois de ter ido ao Café Central provar o lote atual de café e pensando nas coisas do meu irmão, na sua responsabilidade ante os alentejanos e nas coisas de

droga que se passavam no centro da cidade de Elvas, quando o fornecimento era em Badajoz e o meu irmão, que ainda que esporadicamente me dava dinheiro, estava no centro de tudo isso. Na RFM, tipo Oceano Pacífico, passava "Save a Prayer", dos Duran Duran e eu entrava na noite ao som dos anos oitenta, de onde vim, ansiando por apanhar a Rádio 80 lá em cima...

Depois, dali a dias, regressei a Riachos. Era difícil manter o bom humor, a minha chateava-me a todo o tempo, o meu pai nada dizia, a minha irmã insultava-me abaixo de cão e eu não tinha confiança em ninguém depois de Milly me ter traído com um assistente social. O pornô não existe, existe sim a política do corpo, segundo Baudrillard. Ante as dificuldades e a falta de cumprimento do desejo, o homem tende a fugir ou a entrar em pressão, por isso eu procuro o meio termo... Procuramos, neste mundo, que nos puxa para cima, algo que nos puxe para baixo, para a matéria, com aquela obra daquele filósofo que li ontem... Sim, depois andei pensando na questão da elevação de Riachos a vila... Depois, eu não percebia em mim como não era já padre e já há bastante tempo e isso talvez tivesse a ver com uma certa vocação, ou ausência de vocação, pois os padres, por norma, não podem casar ou, pelo menos, ter namoradas...

Por vezes ainda pensava nisso, ao lembrar o apelo para o sacerdócio, enquanto sublimação, paz, vocação, viragem, arrancada, para o sacerdócio ou a fraternidade, nos termos de São Francisco. Isso, essa experiência juvenil, trazia-me uma paz que me permitia, desde há dois meses, com Milly, ter uma paz extraordinária no meu coração, mesmo que ainda, de certo modo, estivesse só, entre luzes, livros, música do rádio e os velhotes dormindo, os pequenos dormindo, excepto o maior, no computador. Isto seria o paraíso, se eu acreditasse, muito mais do que possuir uma mulher... Sim, preocupava-me o êxito literário, em pequeno, tinha treze anos, as revistas do Charréu tinham um nome de mulher, passados anos e mais anos, na mesma aldeia, a miúda mais bela de Riachos tinha esse mesmo nome, pode parecer escabroso, mas eu via algo de maravilhoso nisso e o meu pensamento pousava sob o aspeto didático de tudo isso...só em nova Iorque poderia acontecer coisa semelhante, sei disso como uma vantagem e certeza íntima, como se estivesse lá no dia seguinte a

dispôr de mil euros paara lá estar uma noite, pelo menos, no mínimo, uma noite... Quanto a mim, tomara desaparecer, mas não posso, tenho muita gente a ajudar, quando deixar de pensar por palavras, porque cada palavra é um conceito, deixo de pensar e logo morro...

Porque é que no cinema americano, a felicidade só aparece fugazmente no início e definitivamente no fim? Porque a felicidade não é dada, é intencionalidade, trabalho, processo, é o resultado de um esforço, tal como o atleta, tal como o religioso que medita, tal como o académico que estuda. Julgo eu, não estou certo disso, talvez me tenha dito isto apenas o Manuel João Vieira, candidato *sine qua non* à presidência da républica...

Quando li, em Bernardo Bernardi, a expressão "antropemas", estava perto ou longe de deixar (para sempre) a antropologia...

Brígida pareceu-me especialmente bela, ainda que tivesse a dar papo a dois tipos mastodontes, senti a sua electricidade e uma pequena entumescência cresceu entre as calças. Anseava por cobri-la, por beijá-la e esse sentimento era perfeitamente racional, não media as consequências, não era calculista, era sincero, corpo por corpo, corpo contra corpo, honestamente, numa entrega animal que só nos libertaria aos dois... Depois pensei, se tenho razão, porque estou triste? Dany queria desistir de tudo, usar o direito ao esquecimento, e eu disse-lhe que não, que não podia desistir enquanto houvesse outros. Mesmo sabendo que os Outros havia desistido já de mim, a não ser que me desse sinal positivo, eu desistiria também e usaria esse direito, compraria como ele uma casa junto à praia, talvez em São Pedro...

E pensava nela antes de me deitar, sabia que não dormiria tão cedo quanto isso, cheguei a levar uma garrafa de tinto para a Casita, sob pena da contagem do meu pai no dia seguinte e dos chateamentos da minha mãe. Pensamento sobre os seus seios, as suas curvas, o seu cabelo negro, o seu amplexo perfeito de uma mulher de quarenta anos... E então, o sénior Tom Tom de Riachos pareceu-me, por momentos, o próprio Louis de Funès...

92.

O problema do brasileiro, como do americano, é que não tem tento nenhuma, não tem travão, não sabe ficar de boca calada em certas situações (de liberdade). Milly, nesses dias, havia-me traído com o tal assistente social e eu estava ferido com isso, mesmo que não tivesse grande coisa com ela. Sim, não podia ter mais anda com Milly, era demais, embora ela tivesse imensas qualidades, eu não podia viver com ela, sob crescente inimizade e teria de levar um chutinho no rabo dentro de duas semanas dali então, procurar um tipo que a sustentasse, porque eu não tinha arcaboijo para tal, não era nem engenheiro nem advogado, nem sequer tinha trabalho e havia-a alimentado praticamente desde o dia em que chegara a minha casa, a saber, um mês e meio...era muito querida, sim, as coisas podia dar um volte-face, ela podia ficar, mas eu nunca levaria uma mulher para casa estando ela por lá...

Era já madrugada de Sexta-Feira...pensava na nega da Professora Mámá, achava sinceramente, naqueles dias, que ela tinha feito merda ao negar a aceitação da minha tese, fora mais papista do que o papa, talvez se tivesse assustado ou, apenas, se sentisse ameaçada, violada intelectualmente, talvez, porque a minha inovação na Filosofia era enorme, talvez do tamanho do mundo, tais eram as minhas ideias e eu sofria a bom sofrer enquanto uma resposta definitiva não viesse, a fim de que pudesse resolver a minha vida, continuar a estudar filosofia ou deixar para sempre...

Enfim, não muitas ações restariam na minha existência. Procurava evitar conflitos, descansar a cabeça, que o corpo se ia aguentando, zelar pela saúde, comprar livros e continuar a estudar, a escrever, a ouvir música, a sair despreocupado de casa sem ter nenhum lugar em especial onde ir, esculpindo a minha mente na realidade social como se de um diamante negro se se tratasse. Não se recusa uma tese de doutoramento em Filosofia da mão para o pé, a não se que haja um motivo pessoal

bastante forte, um medo, uma inimizade, um sentimento de uma ameaça intelectual...mas tudo bem, eu não iria fazer ponto disso, afinal, no dia seguinte, iria dar uma volta de bicicleta, pelo menos, e com alguma sorte iria dar uma volta conduzindo um experiente Mercedes... Grande parte dos autores está se danando para o mundo, por isso constróem obras premiadas, e a minha, como a de outros, nunca terá grandes prémios, porque respeita o ardor e o vagar do mundo, é superior, perfeita, inexcédível, aqui e na América... É isto que eu penso, afinal sou o autor que tem mais obras do que anos de vida...

Sim, podia ficar com Milly, quer dizer, ela ainda por cima me pagava o quarto, era uma miúda calma, limpa, estava-se fazendo uma grande mulher. Telefonavam várias miúdas a respeito do anúncio do quarto, isso podia ou não funcionar, em termos de uma relação de amigos ou não, ou algo mais. Eu sentia menos desejo do que anteriormente e estava bastante mais madura, apenas me apetecia andar de lá para cá, como diziam os tipos da estação do Entroncamento, lendo, pratica e virtualmente só, no caminho que medeava entre Riachos (epónimo) e Lisboa...

Depois, a América e o princípio da dispensabilidade dela mesma. Bastava olhar o meu quarto em segunda mão, ao espelho, parecia um requintado quarto de hotel de quatro estrelas...algures no Minesota, melhor diria José Rodrigues Miguéis ou Vitoriuno Nemésio...Sim, bastanva-me andar entre Riachos e Lisboa, uns dias cá e outros lá, sem grandes ondas, lendo os meus livritos do Instituto Piaget e das editoras francesas de filósofos, nem precisava de dar aulas, de me esforçar, continuaria a escrever os meus livros e arranjaría coragem para voltar às livrarias universitárias de Lisboa mais a biblioteca dos Dominicanos... Sim, tinha estado todo esse tempo, duas semanas, em Lisboa, sem escrever grande coisa, tinha nesta obra já passado as cem páginas e dava-me uma pontada do lado esquerdo da cabeça, voltei a usar o sistema de som que tinha comprado ao Ferro por mais de cem contos de réis, na verdade verdadeira fora o meu pai quem dera o dinheiro e frequentemente pensava no Victor, ele estava comigo em diversas situações, especialmente quando me sentia mais só ou, até, mais feliz... Merda, mil vezes merda, agora que tinha a mulher perfeita para mim, na mente, o corpo dela não condizia, nunca conduziria, seria sempre um corpo, como

hei-de dizer, "adaptado". Desculpa, Milly, mas tens de te ir embora... Sim, estava ali rendido a Riachos, às manias frenéticas do meu pai, às neuroses da minha mãe e da minha irmã, ambos quase tendo Parkinson ou demência de outro género, ou não, não sei, estaria louco eu, como Fernão Mendes Pinto ou Fernão Lopes e lembro-me do indiano que saíu em Santarém e do negro a quem dei um euro à saída do café Jasmim.

Sim, ouvia muitos comentários ao entardecer, logo pela manhã, não era carraça nenhuma, apenas não tinha dinheiro para ir embora e ainda que fosse, ficava de certo modo e sei que não agradaria a todos, nem queria isso, ou talvez quisesse e isso nunca iria acontecer e talvez fosse esse o meu grande defeito, querer agradar a todos e procurar subterfúgios nos subterrâneos escondidos das mentes (da minha, especialmente), com vista a resolver problemas explicita e implicitamente humanos.

Depois, lembrei-me da Lena d'Água e do seu romance com o Pedro Paixão e do facto de que eu era mais ou menos da mesma onda. Não foi assim tão mau. Foi até muito bom. Deveras. Podia ainda ter AIDS. Podia não ter. Não fizera o exame, nesses dias...

Depois, a meio da noite, não conseguindo dormir, tive uma ideia genial: voltar à religião enquanto capa protectora, talvez disfarçe. E doía-me o coração. E fumei mais um cigarro, não sei porquê nem como...

Olhando para trás, se me é permitido filosoficamente, os melhores anos da minha vida foram quando o pessoal amigo do meu irmão me convidou a fazer parte do grupo de amigos do Borges, um tipo, aliás, bastante parecido comigo, para fazer parte do seu grupo, andando de café em café bebendo cerveja, de discoteca em discoteca, desde a Brondby, a Cóquete, a Kyav e tantas outras, naquela noite apetecia-me mais presunto...enquanto o pequeno já dormia ou, bandido, via merdas non computador, que era a sua ligação ao resto do mundo....é assim a vida, uma vida, não é só assim, mas é também assim, desculpem-me...

93.

As pessoas, desiludidas das relações humanas, arranjam um cão ou um gato. Talvez fosse melhor cuidarem das plantas ou arranjar um cacto...Andava às voltas disto quando tinha uma carreira académica por (quase) começar, ou reiniciar, artigos científicos para entregar a revistas de certas especialidades, aulas para dar a grande audiências...e nada disso acontecia, porque eu estava amarrado à minha terra, ao meu epónimo e isso agradava-me bastante....

Se não tivesse já encontrado o amor em Milly, estaria bastante perto, segundo um ponto de vista progressista por relação ao tempo biográfico. Notei que ninguém me interpelou, me condenou, antes pelo contrário, isso dizia muito da abertura das pessoas, surpreendente até para mim...

O dia passou. Fui comprar tabaco, Marlboro Soft, dei uns cigarros ao Tavares, acordei cansado com a mão batendo à janela, o velhote andava às noras e horas procurando a carteira, andei azambuado umas horas e depois recuperei o espanto ante o mundo, os pássaros andavam todos embrulhados uns nos outros, comecei a habituar-me a ver o lado positivo e belo até das coisas do dia, do mundo. Até o meu inimigo visceral, que encontrei no café, me parecia plenamente humano, vulgar, até, feio, digamos assim...

Cansado, fumei um cigarro e fui dormir, pensando nas estruturas do esquecimento nesta sociedade. Depois, voltei a mim mesmo, ganhando um pouco de alento, o pequeno estava enfronhado nos computadores e a pequenita junto a minha mãe, que, apesar de ser dura comigo todo o tempo, contou-me que íamos ficar com uma casa numa aldeia vizinha resultante de uma dívida sobre essa mesma casa. Por momentos pensei que seria para mim, mas não querendo abusar, não quis nem perguntar. Fui buscar a bicicleta do meu cunhado no armazém e fechei o Mercedes, deixando a chave do lado de dentro depois de fechar a porta. Meu pai apareceu, todo danado,

rogou uma praga e eu deixei-me estar calado, depois de lhe dizer que a chave estava do lado de dentro, em cima do móvel, junto à parede...Vi o cãozito várias vezes e lá parti para mais um passeio de bicicleta, que me deu para reflectir um pouco. Mas preciso de mais, de me abstrair, de deixar de pensar tanto nas coisas. Nada acerca da tese, já no final da tarde.

Não sabia bem o que faria depois de saber o sim ou não da minha tese. Sabia que tinha vontade de comprar uns livros de filosofia no Instituto Piaget, completar a coleção preta de Antropologia e encomendar uns volumes a editoras francesas. Talvez continuasse a estudar, podia ter uma vida diferente, mas o trabalho tardava e, digamos assim, podia estudar nos dois espaços que o meu espírito preenchia nesses tempos, entre Lisboa e Riachos. Por vezes as pessoas falavam, outras vezes sentia-me a mais, com vontade de fugir, como em adolescente, mas deixava-me estar, quando estava chateado ia até ao café e bebia um café ou uma imperial, procurando ver um ou outro amigo. Eram assim os meus dias, enquanto Milly estava lá no apartamento, a comer massas e sandes de açúcar, apostava que ainda não havia saído...

Sim, Riachos era um lugar demasiado pequeno para mim, que eu pisava e repisava, via pessoas com as mesmas afinidades temáticas do que eu serem entrevistadas a torto e a direito e eu há anos que não falava com um advogado, com uma jornalista, com um escritor, seria notável e triste se não fosse descomunamente fenomenal a minha vida e obra, sendo esquecido mesmo em jovem, continuando a produzir, esperando uma ajuda do pai, que nunca chegava, teso, sem carro, pisava e repisava o mesmo chão, os mesmos caminhos, bebia água das mesmas fontes, sim, se Lisboa era pequena para mim, o que seria de Riachos. De modo que, sózinho, de repente, pensei numa série de coisas, continuei a procurar emprego e vi o email...nada dos serviços de secretaria da faculdade, mais um fim de semana de ansiedade, depois tinha de esperar pela discussão, caso tivesse sido aceite, caso tivesse ainda dinheiro para pagar, se fosse caso disso e ceria certamente... Enquanto uns me admirava, outros riam-se a bandeiras despregadas, especialmente elas, mas também eles, não me equívoco, geralmente, o filósofo é muito gozado por estas bandas, o antropólogo é mais respeitado, mas com desconfiança porque pensam que está munido de uma

qualquer armadilha para saber uma coisa (sobre a vida das pessoas), para fazer uma coisa.

Eu estava ficando demasiado gasto, sabia que noutras circunstâncias, podia ter dado mais, com outros meios, mas não era tarde, embora tivesse bastante desgastado destes dois anos. Nem sabia bem o que precisaria. E continuava, prometi a mim mesmo que passaria dos cinquenta, depois logo se veria, tinha por convicção chegar a idade avançada, porque embora tivesse perdendo o gosto de viver, procurá-lo-ia e sabia bem que, mesmo face à finitude, ao medo de morrer, literalmente, acabaria por extrair da minha existência mais ou o mesmo que já havia extraído. Passavam-se dias e mais dias e nada de interesse surgiu, não que eu estivesse à espera que as coisas acontecessem de mão-beijada, mas nenhum telefonema, de pessoa amiga ou menos conhecida...nada. Via no email e nenhuma mensagem, teria de me ocupar de outras coisas, eu bem tentava, mas não conseguia arranjar nada que verdadeiramente me interessasse, mesmo tendo feito tanta coisa, mesmo tendo palmilhado muitos lugares, particularmente em Lisboa...Sim, talvez estivesse perdendo o entusiasmo...só me apetecia deitar cedo, naquele dia quase fresco de verão. Há pessoas que passam por este mundo e nem dão conta de que cá estiveram, talvez estejam a dormir, outras estão tão alarmadas que tudo e mais alguma coisa tem uma grande importância. A mim, já nada me causa grande espanto, acho que dei conta da minha presença neste planeta, dei-me conta e dei conta aos outros de que estive por cá.

Estava eu nisto tudo e quase descobri um final para este livro. Iria para uma casa nova numa aldeia vizinha, que um cliente do meu pai lhe deixara como pagamento de uma dívida e esqueceria Lisboa, ou lá iria de quando em vez, duas vezes por semana, dar as minhas aulas, num carro que arranjasse. Estava hesitante entre mandar Milly embora e ficar com ela, trazê-la para Riachos. Pensamento nisto enquanto passeio de bicicleta. Mas lembrava-me que ainda tinha a América e tinha ainda Lisboa, por cujas ruas ainda queria andar vestido de fato, como um autêntico Doutor...Pensava nisto nesses dias de calor, enquanto bebia um pouco de vinho tinto...

94.

Com Madeu Ruah acontecera o mesmo. Passara entre os seus como um cometa, brilhante, e sua mulher. Eu havia escrito mais de cinquenta livros e feito duas teses e não acontecera praticamente nada, passara pelo meio da multidão anónima e pelo meio cultural, como um estrangeiro, um anónimo, um desconhecido. Bem, ao menos tinha feito essa proeza... Agora... teria de mudar mais uma vez, teria de ser eu a mudar para que acontecesse alguma coisa? Se viesse a dar aulas, podia perfeitamente as coisas mudar...

Sentia uma necessidade orgânica, quase vital, de dar aulas. E...depois de algum desalento e esforço, concluí o meu sistema (de pensamento, filosófico): o último reduto, o retorno ao corpo enquanto sentido, tem a ver com o comer, o manducare, ou seja, por exemplo, na expressão tradicional e relativamente obscena, dizemos, sobretudo na aldeia, "comer o cú". Comer é sobreviver e ir ao cú é sobreviver existencialmente em termos de felicidade prazenteira...Portanto, a boca (do corpo, nas mulheres) está associação ao lugar onde, por onde, se dejecta, ou seja, o exutório individual está ligado ao exutório social das emoções ritmadas.

Depois, percebi que a minha tese não passara, à primeira, porque à segunda ainda estava à espera, porqueseria demasiado inovativa, diria até revolucionária, apesar da sua linguagem conceptualmente simples. Sim,l só podia ter sido isso e eu fora, desde sempre um teórico indomado e indomável, ainda que no início tenha sido o melhor dos discípulos. Talvez devido a isso mesmo, é tudo uma questão de equilíbrio. Depois de ter conquistado o mundo, o meu e o dos outros, eu fui chatear um vizinho que nem bom dia me dizia, que guardava ressentimento por mim e dizia, entre outras coisas, que eu não chegava aos calcanhares do meu pai. O tipo ficou confuso,m começou logo a responder abortoejas e a mulher dele, dita puta à vista desarmada, apareceu logo para gravar a discussão para divulgar no facebook ou até para me incriminar

tendo em vista um processo judicial, mas eu não dei oportunidade para tal, acho piada a estes saloios que habitam no espaço que eu ajudei a construir e que pensam que por serem engenheiros chegam a algum lado, parvas são as tipas que estão com eles, mas eu arranjei num motivo para vir chatear um gajo a Riachos e a coisa ia ficando animadita, mesmo depois de eu ter discutido com a minha irmã e o tipo me ter chamado de esquizofrénico, pera aí que já te vou foder, usas o espaço em frente a casa como estacionamento e só por me chamar esquizofrénico teria direito a ofensar morais, como o outro, o tipo ia levar um processo pensa que por ter comprado por ali aparatamento pode fazer o que quer sem dar cartucho a ninguém, ainda pra mais as putas que lá entram sem dizer nem bom dia nem boa tarde. A minha ideia seria tirar o tipo dali alegando compra barata, eu sei que ele ou alguém deu a volta ao meu velhote, não sei como nem porquê e isso seria só um princípio da razão porque o meu pai não me dizia nada. Estava desistindo da casa na aldeia vizinha e apetecia-me desistir de tudo, o meu pai não investia em mim, a minha mãe batia-me, tal como a minha irmã e o meu pai tinha vontade disso. Aldeia triste essa, em que vizinhos não falavam uns com os outros, aldeia fascista, tida por obediente a um tal Ilídio da Mota, meu amigo de infância, a quem dera dois volumes das Romarias de Portugal, livros que me faziam imensa falta e a partir dos quais ou antes dos quais investira muita coisa. Pensei em telefonar-lhe e pedir-lhe essas obras, que não via expostas em lugar algum, mas pensei melhor e achei que seria melhor manter esse trunfo, muito para além da minha chatice devido ao facto de ele ter posto dois processos aos meus pais por causa de pinhais. Voltando ao cromo engenheiro e sua mulher puta, o gajo podia pedir desculpa, sabia bem quem eu era e nada me impede de pensar que o tipo veio para cá para me foder o juízo, para gozar com a minha cara, vindo não sei de onde, perguntei e ele não disse. Entrei no armazém e senti a raivo do puto, dois andares acima, sentia que ele queria entrar no armazém e fazer-me alguma coisa, mas não o pôde fazer por ela ou por ele mesmo, porque afinal tinha medo, sobretudo daquilo que desconhecia, como acontece com muitos e por muito que se lhes abram os olhos os mantêm sempre fechados...Finalmente percebi, porque o tipo era engenheiro, talvez de Coimbra, o Aveiro, achava que o meu pai era melhor do que eu...coisas de

tanocos, de técnica, que eu nem sequer respeitava, porque se tivesse querido também o tinha sido, além de saúde e desporto e prezava muito bem a minha profissão e a mim mesmo, que ia além de tudo isso e que não precisava de demonstração ante o vulgo...

Eu cá, por mim continuo, com este sofrimento duvido que qualquer filósofo, cientista social ou escritor tenha passado o que eu tenho passado nestes tempo. Isso permite-me dar aulas? Decerto que sim e discuto com a minha mãe, sinto-me genial, decerto que o sou, mostra-o a minha obra, já esqueci o engenheiro e a casa em são Bartolomeu, quero estar em Lisboa, nem que seja sofrendo, a minha mãe diz que sou mau, logo o que dirão os outros? Talvez a minha única e última esperança seja Milly, ou outras que hão-de vir, caso ela venha a sair do quarto que aluguei, mas pronto, dado que procuro explicação para tudo, e isso é uma vantagem minha, sinto-me uma pessoa boa, sempre, quase sempre, o fui e sinto constante consciência disso. Afinla, temos os sis, temos os binários e eu comecei pensando muito além disso, da lei, da étipa, do discurso, do comportamento e via os meus meninos como autenticamente básicos. A minha irmã já não era inimiga, era apenas uma parva que teria tentando destruir-me, em tempos....Depois, fiquei pensando que, para além do que o tipo me chamo, esquizofrénico, a minha irmão sempre pensara que eu o seria, bem como muita gente, por isso me toleravam, ainda para mais, o meu pai pensaria o mesmo, bem como a minha mãe. Que fazer nesta situação? Mais uma vez, a tese justificaria tudo e eu enviei um email aos serviços académicos perguntando se vinte mil euros chegariam para pagar a tese...

95.

Pode parecer fácil, mas estou farto de defender o meu pai, a minha intenção seria morar na casa onde está aquele bebézito com a sua putinha e as outras que por lá param, o meu pai, ao vender por tuta e meia, não sei bem para quê, atraiçoou-me, não me disse nada de nada a propósito de nada, prefere falar com o meu cunhado e a minha irmã e a minha mãe tem culpa nisto tudo, porque o apoia em tudo e me antagoniza a todo o tempo, queria ter uma certa suvidade sobre estas coisas, mas parece que por ser antropólogo e filósofo, toda a gente me quer foder o juízo, pior, numa cruz, para cumprirem os seus desideratos neuróticos, psicóticos ou puramente pulsionais. O tipo pagou a casa, mas isso não lhe dá direito de se exhibir a torto e a direito, afinal ele nem ao meu pai diz bom dia, ou boa tarde, mas a culpa é do meu pai, pois eu podia ter arranajdos um casal de noruegueses que tivessem ficado com a casa, seria mais interessados e mais comunitários do que quaisquer outros, esses mesmos que lá estão e talvez tivessem dado o dobro do dinheiro. Mas o meu cunhado também é culpado nisto...Sim, esta história continua...ou será uma estória? Estou em Riachos, pelo menos por mais uns dias, enquanto enquanto na minha casa está uma transsexual morta...que poderei fazer eu? Bem, tenho de ligar à polícia, a minha mãe passa-se, não sigo o caminho certo, quando sigo o meu próprio caminho e estou farto de aturar gente burra e doida, mesmo em sua simplicidade confrangedora.

Depois percebi, depois das ofensas da minha irmã e das chapadas...ela e ele estão parados no tempo, algures nos anos noventa, num certo registo em que faz sentido precisarem de assentimento de uns e outros numa qualquer festa parola. Sim, estou deitando tudo fora, muitos anos de ofensas, muito sofrimento em hospitais psiquiátricos e um grande recuperação notável, academicamente, praticamewnte, notável, depois disso, pois estou bastante lúcido, o mundo evolui, evoluiu, tu precisas

de dar aulas, está tudo bem, que importa que tua mãe esteja cansada, vendo telenovela, já a caminho da cama e teu pai ainda esteja a caminho dos copos, a caminho da cama e que nunca mais chega, o que é ser resolvido? Para mim é tudo trata, é uma questão vocacional, muitos têm pressa em mostrar e desesperam por isso, eu levo o meu tempo e hei-de lá chegar, entretanto Danny, mesmo depois de ter falado com a sua mãe e de ter chamado por ele na sua casa, subido aquelas escadas, não apareceu nem disse mais nada, o caminho solitário é o do vencedor, enquanto estás com os outros nada mais interessa, a vida não tem destino, no entanto a minha missão é dar destino a isto (tudo)... Mas a coisa era ingenuamente simples: insultas o filho do tipo a quem compras a casa? É ridículo. Tóino. Sim, enquanto eu estava severamente doente, a minha irmã fodia a torto e a direito não sei bem com quem, nem me interessa, o meu cunhado e o Lionel das ambulâncias gozavam comigo a torto e a direito e ela, quase me queria bater ainda por cima, pensando que era meu pai, o tipo avançou bastante, pensando que não tinha nada até conhecer a minha irmã e que eu continuo com nada, o meu pai ainda não apareceu, anda nervoso não sei bem com quem, comigo não é de certeza, nunca contou comigo, tomara estar em Lisboa, pois aqui até a minha mãe me trata mal...Só depois percebi que Clinto estava também contra mim...

Nunca preteri a estupidez à sabedoria, ou vice-versa. Gosto mais das plantas e dos pássaros e talvez seja essa a ordem da santa sapiência, segundo Victor Domingues. Acordo, no dia seguinte à minha mãe ter chorado pela enésima vez, como um estranho na minha própria casa. Penso em Milly. Arrumo-me decentemente, mais do que muita gente, que se fica apearaltando para uma vida social a qual nem sequer teoriza ou observa, da qual não percebe todas as incidências porque está por dentro e fico pensando que o tipo me chamou vários nomes, entre os quais "esquizofrénico". Não era de lhe saltar em cima? Merda de aldeia. Fascistas da merda. Estão mortos e ainda não se aperceberam. Mas bem, na cidade é igual, ou ainda pior. Aqui ao menos há paz. E o tipo não se descozeu, nem desculpa pediu por não ter dado os bons dias, mas pronto, já vi que está tudo contra mim, mas eu vou, com calma, mas vejo logo que elesw não estão ali com bom instinto, a tipa dele puxa logo do telemóvel para

gravar, mas eu não lhe dei esse prazer. Sim, eu tinha um ponto e um viés de percepção dos sentimentos e razões das pessoas que seria, em minha opinião, absolutamente fenomenal e perfeito, mas não fazia alarde disso, depois de ter dois epílogos em vista para este livro, continuava e fui até ao café comprar tabaco a sério...

Quando escrevi *Terra Seca*, acho que tinha alguma razão. Os brasileiros foram mais depressa do que nós ao eleger um fascista ditador. Por cá, abusou-se com este governo de extrema esquerda e as pessoas vão pagar por isso, pelos seus excessos. Virá uma nova crise para a população em geral, nomeadamente para a classe média, porque a população pobre permanece desinformada, sem acesso a grandes meios para se promover. Aqueles que hoje fazem a festa, mais tarde hão-de chorar e acordar sós, desamparados, ainda assim procurarão ajuda e hã-de tê-la para poder continuar com a sua lamentável vida. Há muitos assim, nesta terra, levando as coisas para o lado negro. Porque o lado brilhante não é assim tão brilhante quanto isso. Sim, estava pensando no senhor Idídio, que tinha posto, juntamente com a sua mamãzinha baeta e beata, dois processos ao meu pai, que tinha uma filha advogada só pra defender a família, que estivera no poder da junta vários anos, como aliás o meu tio Tótó, sim, estava pensando nele, então ele odeia o meu pai, fazem-lhe a vida negra e depois ainda lhe vou oferecer dois livros, resultado de trabalho de campo que fiz e ele, como a maioria dos da junta ou da aldeia, nem o décimo segundo ano tem? E o tipo nem uma satisfação dá do que fez aos livros, se os levou para a Biblioteca de Pombal ou o quê? Sim, se eu caíra no esquecimento em nome, era preciso fazer abanar as coisas, abanar as pessoas, para que se lembrasse que não só existia como havia dado uma volta do caraças...era preciso fazer isso... A mesma coisa aconteceu com Danny, está bem, o pai dele havia morrido há pouco tempo, mas agora quem estava desistindo dessa amizade era eu, pois ele não investia nem um pouco, passavam semanas que nada dizia, estando eu em Lisboa ou mesmo em Riachos. Empréstara-lhe o volume 8 da Enciclopédia (quem é que empresta uma enciclopédia, é preciso ser grande amigo), mas ele desistiu, talvez tivesse lido *A Dívida* na academia em vez de falar francamente comigo. Depois, o volume das obras completas de Drummond de Andrade, desaparecera...só ficou a caixa que o protegia contra choques....

96.

Nunca mais esqueci, mesmo estando em Lisboa, que eu odiava cada vez mais, o olhar de desprezo de Conti, atribuído a mim, eu que já andava pela relva dos campos da aldeia e ele nem sequer ainda era bebé. Dava-lhe confiança, demasiada confiança, e ele nem sequer bocejava meia dúzia de palavras, Riachos era feito de gente triste, como Lisboa, e eu ainda esperava por uma aprovação de uma tese, que já não me dizia nada. Desistir não é perder. Para escrever, precisas de um certo conforto económico, muitos escrevem à custa de prémios, por isso não fazem coisa de grande jeito. Outros escrevem por prazer, outros por necessidade, como eu, embora não tenha ganho grande coisa com isso até agora. A RFM dava-lhe ainda, quanto mais polidos mais maldosos, para um ou outro alvo, juntamente com os caroços que tinham no rabo, ou então não tinham nada, não era um buraco plissado, era um orifício metálico (rapado, noc aso dos homens) como início de um tubo que levava ao depósito, ou seja ao estômago. Calrao, não complicado ou inacessível concluir que os motores dos carros reproduzem os corpos humanos por dentro...

Enquanto uns falavam e troçavam de mim, que quase estava fisicamente só, ninguém me insultava à vista, era o que faltava, e notava que muita gente se espantava onde tinha chegado. Podia perfeitamente andar de fato, pavonear-me, e xibir a minha filosofia e o meu pensamento, mas não estava para fingimentos nem diarreias mentais...de modo que andava, saía de casa, ia a um lugar ou outro, praticamente só. Depois de bons momentos com Milly, discutimos e ela fechou-se mais e mais, cada vez mais, para mim, enquanto se abria para a League of Legends e a internet... E outras coisas não conto, porque nunca fui bufo...

97.

Lendo Julian Marias. Lendo Xavier Mariás. Um pouco de dor no meu pensamento por via da filosofia. Um solicitador deixa na minha caixa do correio um convite a pagar quatrocentos e tal euros para o Novo Banco, que continua a roubar. Depois de muita coisa. O benfica despede-se de Jonas com um jogo com o Anderlech. Sim, a carta vem de Porto. Eu, simplesmente, não posso pagar, por isso tento não me preocupar. Aliás, tenho outras coisas para fazer, como procurar trabalho e liberar uma conta através da qual possa ter um cartão, sim, pode ser do Banco Novo, pode ser da Caixa, pode ser do Santander, vejo tanta pessoa que abusa dos outros por meios de cálculo monetário e financeiro e eu é que tenho de paagr por isso. Não faço questão de pagar as minhas dívidas aos bancos, por volta de cinco mil euros, talvez pague às finanças, porque, claro, tenho medo que me apareça um fiscal com um polícia para me penhorar os bens que tenho nesta casa, mas não vivo em pânico, aliás, já recorri dessa dívida, que é injusta, várias vezes, o melhor é não dares importância a advogados, bem como a engenheiros e arquitectos, porque a profissão essencial deles é gerar dinheiro para proveito próprio, não lhe reconheço nenhuns entido comunitário (que, em mim, os cobre) nem sequer nacional, para não falar de outros níveis. São essencialmente garotos, como o que mora na casa que eu deveria ocupar junto aos meus pais, porque a ajudei a construir e essencialmente, me seria teoricamente atribuída.

98.

Sim, naquele dia tinha-me deixado ficar em casa, cada vez mais confiante comigo mesmo, até fui ao guarda-fa(c)tos buscar o casado negro de bombazina, enquanto recebia mais uma resposta de Idício, a que julguei não dar crédito algum. Para muitos, por defeito de formação, sobretudo entre os jovens, o Direito era superior á antropologia ou à filosofia, ou mesmo à sociologia. A maior parte dos jovens estava tapado, viajava para fora tapado e viveria a maior parte da vida tapado. Mas, de resto, os cientistas sociais não eram, na sua grande maioria, grande espingarda, muito menos os filósofos e não os estava a substimar, era uma observação-resultado da minha experiência e vivência... Na verdade, fiz uma obra maior do que muitos autores, em vários domínios e ainda tinha de estudar esses autores para rebater as minhas teoris. Danny produziu apenas um livro e vários artigos em revistas rascas nacionais. Eu tinha razão: ele nunca tinha arriscado nada na vida, talvez até apenas ter ido para França, mas isso fora tudo muito fingido, porque se ele quisesse ter casado não me teria eprguntado oq ue havia de fazer, tê-lo-ia feito por ele próprio. Assim, fui esquecendo-o a pouco e pouco, pela raiva que lhe tinha.

99.

Eu fazia tudo para tentar a independência econômica, o que não era fácil, mas mantinha uma rota de muito interesse, muito mais válida do que qualquer meu contemporâneo, produzindo, refletindo, há anos, sem ter qualquer amparo pessoal ou institucional, apenas a partir da vivência e dos dados da consciência, para além da internet. Mas não era fácil manter-me ativo e esperançoso, positivo, quando ninguém sequer me dirigia uma palavra acerca do que eu queria que fosse, aliás, o meu irmão só me criticava, a minha irmã pior, a minha mãe estava sempre mal-disposta e problemática. Apenas o meu pai parecia conformado e superior e surpreendentemente lúcido, animado com a nova casa numa aldeia vizinha. Milly não tinha dinheiro para a segunda renda, mas não a via muito atrapalhada, característica notável de mais ou menos todos os brasileiros, estarem descontraídos mesmo ante a maior das tragédias, enfim, eu também era um pouco assim. Em termos práticos, eu podia sustentá-la, se bem me apetecesse, porque ela comia barato e rico em nutrientes, essencialmente fruta, para emagrecer, sim, comia bem melhor do que eu e tinha um particular conhecimento gastronômico. Na prática, o dinheiro de que eu podia dispor dava para os dois e achei por bem não a pressionar, para não alterar o seu frágil estado psíquico. Ela corria, de noite, nesses dias e acho que era como eu: dava tudo...

100.

Os dias passavam. Podia nada dizer, nada pensar, ir além do papel de vítima. Talvez tivesse boas razões para isso, afinal ninguém em Lisboa me dirigia a palavra, a não ser para me servir um café ou um pastel de Nata. O velho do condomínio voltava a estar zangado, coitado, não tinha mais com quem falar, falara com alguns filósofos e antropólogos não sei de onde que lhe disseram coisas de mim, boas não eram de certeza, eles tinham como que um feudo conquistado. Este país já não me enervava, aborrecia-me, nem sequer me anjoava, porque eu era indiferente. Mas não deixara de lutar. Tinha todas as razões para ser o bombo da festa: antecedentes psiquiátrico, herança religiosa que nesses tempos quase toda a gente desprezava, como se o secularismo fosse uma forma de afirmação mais ou menos dominante de uma certa superioridade moral, intelectual, como se tendo morto Deus, os homens se tivessem tornado aparentemente mais forte. Mas quão fraqueinhos e mesquinhos eram! Quem fazia bem seria o meu pai, entretido na nova casa, a minha mãe, sempre rodeada de plantas, pássaros e roupas. Quanto a estes, iam à Igreja falar de um Deus morto, essencialmente para eles, como se contemplassem um cadáver sendo eles mesmo num tempo dali a pouco. Bizarro? Não, patético, lamentável, porque havia uma certa sabedoria esperara, bastante descarada, em muitas pessoas de Lisboa. Enquanto tomava banho, deixava cair a água sobre os ombros e os cabelos e relaxava absoluta e profundamente. Todos os dias me tornava limpo, novo e me lavava das críticas. Podia levar a sério o misto de comportamento indiferente e crítico das pessoas, à mistura de alguma ingnorância e descaramente, a aroçar as ameaças de morte. Claro, quanto tudo está bem é bonito. Mas nunca está bem para toda a gente durante muito tempo. E eu com isso? Esses ponto (a religião, a condição psíquica) talvez fossem a pedra de toque,

por isso, da minha força, da vontade que tinha de me levantar todos os dias sem dever nada a ninguém, nem contas nem justificação a respeito de nada. A vida social desencantava-me, estas pessoas nada tinham de bom, na sua maioria. Diziam uma coisa e faziam outra. Anadavam todos encavalitados uns aos outros para subir numa qualquer torre de marfim e aí exercer poder ou simplesmente criar vitória. Ainda que com quase mil anos de história, os portugueses eram, pode dizer-se, primitivos. Fora disto, o meu amigo Charréu morreu, de ataque do coração. O senhor que costumava estar sentado junto ao Cine-Teatro foi espancado na cara, ou caíu, não sei bem, e não estou a dar causalidade ao facto de o cumprimentar e falar com ele. Vi-o ontem, remexendo no lixo, já um pouco recuperado. Há por aí muita pancada. Estas coisas enervam e eu evito ao máximo problemas, não respondendo a críticas e insultos, a comentários, mas podia estar perfeitamente a dar as minhas aulas fazendo com isso um mundo melhor. Nem que fosse apenas o meu.

101.

Por essa altura, em que me sentia bastante cansado, física e mentalmente, era tentado a ver mais porno e (há mais de um mês que via via nada), os meus inimigos figadais não me saíam da cabeça, nem o pessoa de Moscat, que era bastante conflituoso e primário na sua maioria, aqui e ali sentia um certo apoio ("É assim mesmo", "Força"), enquanto dava força a alguns dos demais e conhecia na conversação uma forma simultaneamente bela e estranha de entendimento e descompressão, numa terra onde ninguém se parecia entender, por isso ficando tudo na mesma. Por vezes sentia-me morrer, ao acordar, ao deitar e esse sentimento (muito físico, mas mental também), talvez tivesse a ver com os meus familiares, a vida a volver, a desenvolver, a progredir, ainda que em direcção à morte. Estava mais maduro e continuava a depender da internet para falar com uma ou outra pessoa. Ao mesmo tempo, sentia-me conseguindo e o meu braço prático vinha ao de cima no quotidiano, o que me trazia cansaço, dores de cabeça, no sentido da responsabilidade, enquanto a filosofia puxava por mim e eu puxava pela filosofia. O jovem do apartamento em frente regressara e parecia estar ainda fazendo alguma coisa, suponho que uma tese, como eu. Teria ele algum livro naquela casa?

102.

Talvez o segredo da vida esteja no esforço e no brincar, mas tal depende dos mais variados povos e contextos. Só a solidão faz sentido depois de tantas e tantas vitórias. Para mim, sou um vencedor nato. E não preciso de companhias nem grandes multidões, porque sei que não é isso que me traz a continuidade do que faço. Mas isso também não importa. Não me importa. Neste lugar onde estou, mais só ainda. Mais uma noite só. Sé me falta ir ao café comprar tabaco, enquanto Millie está lá em baixo, talvez com a porta aberta, talvez na cozinha, não na sala, porque a deixei fechada. Mas o meu quarto está aberto. Ela ficou com as chaves. Nada restará disto, depois disto. Apenas a impressão de meio copo de vinho por beber. Lá, como cá. E o reconhecimento da academia e da sociedade por qualquer coisa, por muita coisa. Ainda que não precise disso, ainda que seja feliz no metro, saído de casa, andando anónimo, que a minha profissão não é ser célere nem célebre. O ser não descansa enquanto não encontra o seu equivalente, só se for tolo. Não descansa, por isso eu, ainda que descansando, não descanso. Em tudo o que tenho passado, terei sido bastante mais do que americano... Venho a casa dos meus pais, a minha mãe não tolera que fale com ela, não quer saber, a minha irmã põe-me abaixo de cão, eu acho que esta gente está toda doida, que estão todos contra mim, quando eu sou o único garante não só da sua continuidade bem como da sua boa disposição. E ainda assim não querem. Não é melhor deixá-los andar como querem, ou não querem, ou fazer como os políticos, enganá-los? Eu não sou tipo para isso, acredito que no seu humano há sempre forças de reserva para a boa disposição e regeneração. Por isso, ainda acredito na minha tese. É uma boa tese. Talvez das melhores que se tem feito nos últimos anos neste país. Depois, percebi que a questão não era já com Danny, tipo insignificante e trocista, empata-fodas, era

com o poder em Lisboa, tomar de assalto aquilo, sem que ninguém soubesse, sem que ninguém se apercebesse, controlar os drogados e as putas e bêbados, controlar tudo até que mais não chegasse, até que mais não houvesse, porque a solidão era atroz e elas não se chegavam perto, até porque não tinha carro por onde ir, por onde dar vazão ao meu desejo na noite. Sim, confio demasiado no leitor, porque sei que quando for, nunca mais serei eu, talvez apenas na memória de alguns, mas mesmo assim, ainda quero fazer umas tantas coisas, talvez em nome do Victor e do pessoal com quem saía, os primos do Mostak, porque no meio da noite continuo a acreditar, em mim e nos humanos, porque na realidade, não só me toleram como gostam de mim, aproximam-se de mim porque gostam de mim, porque sabem que sou como eles e não lhes faço mal algum, o meu assunto é a palavra, ainda que se desvele sob a forma de pensamento. Sim, tomar de assalto o poder em Lisboa. Um só homem. Fazia sentido. Mas, mesmo assim, não me dizia nada. Despejam tudo para cima de mim e deixa-me sózinho e eu nem sequer sou padre, franciscano ou secular, na verdade, sou apenas e tão brilhantemente um professor de filosofia com quatro automóveis e imensos bens, um tipo tão brilhante que não precisa de iluminar nem ser iluminado. Sim, este sou eu. Noutros meus livros hei-de falar de outra gente, como já falei em alguns.

O professor universitário apanha as miúdas, depois elas casam com o engenheiro. Só o drifter percebe a vida a vida, provavelmente escreve um conto, nunca uma tese, porque isso é coisa de diarreia mental politicamente usufruída, suja, só o hitchhicker entende as pessoas e conta boas histórias. Sé ele.

Ela está no Algarve. A pessoa que me salvou. A ela devo estar ainda aqui, ainda que lhe dê por vezes pontapés e a insulto. Era merece estar por lá, naquelas praias paradisíacas. Eu apenas estou por aqui, talvez onde deva estar, talvez à espera de voltar para Lisboa e procurar um loira norueguesa ou americana...

Depois, não podia conceber, a minha mãe tinha arrumado a sala para que estivesse cá o pequenito e os seus amigos e reparei que ela limpou o vidro da salamandra, quando não era preciso limpar, a minha mãe era como eu, uma pessoa limpa, bela, brilhante, pura, por isso eu vejo que esse tipo de pessoas merece viver mais do que as outras, ainda que se confunda com a maldade da maior parte das pessoas...

De modo que eu, decididamente, prefiro ser um tipo plácido, como aquele jogador do FCPorto que se chamava Jorge Plácido e que se deitava sobre a bola enquanto a passava, sem forçosamente ser uma estrela, porque a estrela vive do seu público e é feliz à sua maneira, enquanto que o plácido aprecia a vida na sua placidez, como que se retirando e ao mesmo tempo fazendo parte....

Atenção. Não custa nada neste país ser professor universitário de ciências sociais e humanidades, absta seguir os ditêmes e autores dos professores que lá estão, obedientes aos franceses, nem mais, não custa nada, enquanto que fundar uma universidade com ideias próprias custa mais, porque é lugar a-político da manifestação da descoberta do que é ser humano, poucas são as universidades que apostam na inovação das ideias, porque vão contra o interesse de quem está agarrado ao sistema, compreendo esses pobres, como Danny, que se querem manter à tona, nem que seja pela simples manifestação de uma banalidade, de saber, vamos lá. Porque o António variações era marginal, hoje é ultrapassado. Dói, não dói?

Enfim, o Colinas chega à aldeia, vindo de França, onde esteve de tratamento de um cancro na cabeça, o maior burro, porque faz as vontades de toda a gente, é como um boi sacrificial da aldeia, que todos admiram, mas que se há-de lixar mais cedo ou mais tarde, um tipo que nem do oitavo ano passou, que nem trabalhava nada, arranjou meia-dúzia de namoradas porque na verdade elas pouco valiam, neste país isto vale muito, deixar-se andar na roda, triste país que se deixa seguir e andar atrás dos outros e não olha o que é seu. Ele chamou-me de burro. Pois, burro porquê? É mais burro aquele que nunca acerta, que não dá conta disso, do que aquele que faz o que lhe dizem as vozes viscerais e responde, acertando, em toda a via, em toda a linha. Há muito tempo que percebi que Riachos nada tinha de interesse, a não ser uma

quantidade de seres indefinidos que se espasmam de um lado para o outro, só para passar o tempo. Sim, se tivesse tido financiamento, estaria bem longe daqui, mas não me importo, porque estes já os tenho domesticados há muito tempo.

Naquela noite, percebi que Brígida tinha mais sentimentos do que eu, embora não tivesse grandes estudos, eu apenas queria o seu corpo e uma eventual relação, enquanto ela queria ser tratada como uma senhora. Os seres superiores precisam de reflexão e elevam-se a partir disso, não precisando de estar em festas ou grandes parangonas sociais para preencherem um vazio do que a percepção da inteligência do mundo lhes traz de felicidade. Sim, continuava este enésimo livro. Da tese, nada, talvez ficasse para Setembro e, se eu não provocasse uma reação, ficasse esquecida na secretaria da faculdade. O meu registo quotidiano estava nos limites da brejeirice, mas as dores de cabeça não haviam terminado, a tensão psíquica por causa essencialmente de uma situação pessoal e profissional indefinida persistia e também devido a certos tipos que insistiam me chatear-me por saberem precisamente que eu era melhor do que eles. Mas, ao mesmo tempo, acordava mais feliz, só de ouvir a pequenita a falar, sabendo que o rapaz estava nos computadores e, mesmo que sempre contrariada comigo, a minha mãe lá andava mais bem disposta, enquanto o meu pai se preparava para uma operação à próstata. Eram estas as coisas de que eu falava, que me ocupavam nesses dias, não sabendo de nada de Milly, que nem sequer me telefonava em dias. Sim, este livro terminaria episodicamente com a saída de Milly de minha casa e o fim de um romance a breve trecho. Mas a história ainda estava para durar. Não conseguia deixar de pensar em Danny, muito mais do que ele poderia pensar em mim, um colega que me abandonava, aos poucos, que tecia um ódio sobre mim que nunca eu lhe tivera, pior, uma indiferença e depois um desprezo, como se eu lhe tivesse inveja de ser professor universitário, como se não me conseguisse realizar de outra maneira, como tantas outras pessoas. Apetecia-me bater-lhe, bastante. Ao outro também. E ainda ao outro. Aliás, a universidade era uma escola de burrice, como a rua, de resto. Acordo, fumo um cigarro. No frontispício do maço da tabaco ainda está a imagem do meu pé, ferido, de quando fui a França. Se

pudesse provar que sou eu. Tremenda gozação comigo. Tenho não sentir nem raiva nem revolta e continuo o meu dia.

Sim, estava numa fase muito física, por vezes sentia uma enorme revolta contra o ISCTE enquanto instituição e eventualmente contra vários meus professores, que não me estenderam a mão, entre outros. Sentia-me (a partir do passado) um patinho feio de quem todos se servem e aproveitam, uma prostituta, de certo modo, de quem todos se servem e logo vão embora para os seus papéis sociais aos quais limpam o cú. Podia dizer nomes, já disse alguns, ficticiamente ou realmente, em alguns dos meus livros. Mas a coisa já me aprecia de todo em todo indiferente. A maior parte dos filósofos dava pouco valor à filosofia, por isso a fazia, a maior parte conhecia poucos desaires sentimentais ou existenciais, eu sei disso, porque conhecia como poucos o ambiente social (nomeadamente em Lisboa, porque andava nas ruas e falava com as pessoas e além disso sentia certas impressões, psíquicas, vibrações, a maior parte negativas, de gente que, tendo ou não culpa, deitava, para um contexto de circo, a culpa para os outros de seus males). Viveriam os habitantes em distopia? Não creio. A maior parte deles viviam, uma parte, em algazarra constante, cacofonia, até, enquanto que outros se deixavam voluntariamente abater. Não podia dizer que em Paris ou em Espanha teria sido melhor. Ou noutra país. Para mim bastava-me estar e correr, sentado no comboio, entre Riachos e Lisboa. Não tinha grandes planos nem ambições. Talvez vir a dar aulas, se a tese fosse aprovada. E a professora Serrão assemelhava-se a Videira na indiferença no tratamento à minha produção antro-po-filosófica, na negação ou alheamento ao meu voluntarismo. Eu via as coisas (do mundo, deste tarado mundo), neste viés. Mas tudo isto eram factos para mim e atormentavam-me perfeitamente, para mais não tendo ajuda de ninguém, uma esperança e continuava a lutar, a produzir imensamente e com bastante qualidade, face a outros que davam aulas há bastante tempo... Sim, afinal, procurava sobreviver além disto tudo e não tinha nem tempo nem dinheiro para a maior parte das histórias tolas de grande parte dos escritores que por aí andava. Mas bom, servia-me de consolo ter sido o primeiro autor português a

produzir uma Antropologia Filosófica, contendo ideais inovativas acerca da metodologia desta ciência híbrida, coisa que talvez tivesse constituído ameaça à Professora Serrão. Daí a recusa. Mas como insisti, a minha vida, naqueles dias, ainda fazia bastante sentido. Tinha comigo uma companhia especial que me enchia de sentido o coração. Não era serviçal nem indiferente, era um carinho meu com que me entendia bastante bem, além das questões político partidárias, apanhem lá esta.

103.

A única questão pertinente desses meus dias de verão na companhia de Milly era a seguinte: vale a pena manter a vida, social e individual (sujeital) a todo o custo quando ela deixa de fazer sentido? Sim, podemos ver a questão em termos filosóficos, tendo em conta questões diversas como a guerra ou a eutanásia, o que entra no domínio da bioética. Aliás, creio que a questão essencial da bioética e de resto de todo o debate sobre a eutanásia, tem a ver com essa mesma questão, quando a vida deixa de fazer sentido, quando estamos cansados de lutar, quando já não há forças, quando já não há sentido, não faz sentido. Mas eu vejo e até vislumbro, na minha biografia e até adolescência, uma ponta de esperança (por isso sou Benfica) em tudo o que se faz, em todo o sofrimento e o maior lema do católico (ainda que seja também Bahá'í), é nunca desistir, porque não somos masoquistas, o mundo pode ser tão pequeno quanto grande, dando-nos a esperança de procurar outras vias, outro sentido, outros sentido, nos termos do significado e nos termos da nossa relação com o espaço e o tempo enquanto produto e produtores de cultura e, nomeadamente, no âmbito das relações sociais, coisa e surpresa que dá sentido à vida, ou seja, o homem é um animal repetensamente simbólico (como as variadas espécies de plantas e animais, para não falar dos minerais). Depois, é divertido esse movimento de relação dos homens entre si e para com as instituições. Simplesmente, o homem está abandonando a terra em direção à Lua e Marte, porque "isto vai ficar pior", vai ficar bera. Resta saber se serão mais homens os que partem para fora do planeta se aqueles que aqui ficam. Na verdade, acho que esse movimento, motivo, é essencialmente uma questão de antropologia de dupla hélice, ou seja, os que vão puxam pelos que cá estão. Os que ficam tornam-se antropemas e os que vão técnicos da arte de sobreviver com ilusão, ou seja, na sua maior parte, filósofos.

Mas o homem, verdadeiramente, no seu âmago, não quer isso, pois se encontra essencialmente dividido entre ideias de Bem e Mal, de Profano e Sagrado, ainda não percebendo que para articular essa relação é preciso dinheiro. Uma grande, para não dizer enorme, quantidade de dinheiro. Se o não houvesse, o homem não teria deixado a terra, pois que vivendo em terra não precisa dele, como o demonstra a antropologia económica...

104.

A noite tinha sido terrível. Oscilava entre pessimista extremo, roçando a morte e um otimismo que eu próprio propulsionava ao meu Ego. Mas conseguia que estava conseguir qualquer coisa de importante. Se a coisa tivesse ficado por ali, já teria sido bom, mas eu, se bem me conhecesse, não descansaria por ali, por aqui, perto ou longe. Finalmente, depois de ter entregue a tese, que foi readmitida, voltei a passar pela faculdade, falar com uns amigos, beber um cerveja, apanhar umas ideias, ver a Mena e a Ana, o David e os homens dos livros, prometendo que por lá passaria quando tivesse algum dinheiro, pois por lá havia as mais diversas precisosidades, à mistura de vários clássicos em língua inglesa, alemã e portuguesa. Não tinha grande noção de que precisava de ajuda, precisava de muito descanso, mas não a iria recusar caso tivesse a oportunidade de a ter, dentro de dias. A minha cabeça estava em frangalhos, a fonte esquerda doem-me imenso à noite e ao deitar, mas depois desapareceu, não sabia como nem porquê, talvez não quisesse saber e mesmo o reconhecimento da tese não me preocupava mais, o objetivo seria ter uma vida bem alimentada e continuar fazendo qualquer coisa, com fé e esforço, continuar a sair de casa falando com as pessoas, ser e permanecer o tipo simplesmente genial que sempre fora. Milly continuava frágil psicologicamente, mas eu sabia que ela era bem forte e em certo sentido, como qualquer jovem, sabia mais do que eu e, miúda como era, nos seus 24 anos, iria singrar, disso tinha mais do que fé, a certeza, porque eu ia acertando as coisas com ela, coisas que fazia, sem a procurar chatear muito. Nem me preocupava muito com a renda, ela, nesses dias, quase meses, ensinara-me bastante, talvez mais pudesse conter a minha mente, fosse ela um receptáculo de saber, ou uma esponja, o animal mais remoto do planeta...

105.

De repente, quero dizer, depois de beber uma cerveja alemã relativamente barata e estar já apreciando um rosé gaseificado bastante barato, não sei bem de onde, Fasião de seu nome, lembrei-me do Sales e do Batista, os decanos seniores que encontrei em Leiria e Braga. Lembrei-me do ar maduro e sábio do Sales, sabia que estava safo, lembrei do ar tenso, como se estivesse a explodir, do batista, que fazia lembrar o lutador de *wrestling* do mesmo nome e comecei a procurá-lo no facebook... De repente, ou não , a minha disposição de espírito alterou-se, fui comprar uma fruta para ela e escolhi um restaurante grego onde iríamos no dia seguinte...

106.

De novo em Riachos, a minha mãe atira-se a mim enquanto venho da casa do jardim para ver um filme. O miúdo nem liga. Meu país está fulo comigo, mas não ousa dirigir-me a palavra. Acordo em Lisboa, é quase meio-dia e tenho imensa fome. Ela somente comeu um pouco de arroz nestes dias. Trouxe-lhe alguma fruta, que comeu. Aproveita a fome para fazer dieta. Desisti de procurar as pessoas, chateá-las para que se lembrem de mim enquanto fazedor deles mesmo enquanto personagens dos meus livros. É verão, não estou com uma mulher há seis meses. Ontem, andei a fechar tudo porque ela levou as coisas da sua higiene e beleza para dentro do quarto e fechou-se por lá. Inclusivé fechou o quarto à chave quando foi correr. Estas brasileiras...não sente atração po mim, nenhuma, não sei bem qual a ideia dela. Tudo foi um pouco abaixo hoje e voltei a pôr tudo em casa. Não sei o que irá acontecer. Apenas quero uma refeição quente, um pouco de carne para me recompôr.

107.

Sim, procurava a esperança neste universo de ideias e sensações incerto, onde cada um procurava insidiosamente a sua obscenidade particular sem se preocupar com o Outro. Ainda assim, era insultado no metro e no aeroporto. Ouvia um helicóptero ronando a minha casa, o meu teto, o vizinho do condomínio andava de um lado para o outro com parangonas mentais, enquanto que para mim era simples, fazer ou não dinheiro, ir ou não ir à América. Era terça-feira, em meu do verão, não havia muito por onde lutar, apenas gozar um pouco a vida e depois logo se veria. Sim, talvez fosse o meu homem mais importante do planeta, nesses dias. E não há falsa modéstia. Era mesmo.

Ainda pensando em Tété, o tipo que constituía família na casa que era para ser para mim e que o meu pai vendeu, o facto de ela não me ter cumprimentado por duas vezes, até as contei e, numa terceira, estando eu na companhia do meu cunhado, o ter cumprimentado e a mim nada me ter dito, como se fosse um monte de merda. Andei fulo uma série de tempo por causa do gajo. Voltei a vomitar, deitava-me mal disposto e acaordava ainda pior, cansado. Milly passara de amada, de paixão, a uma boa companhia e eu não me podia negar que vivia uma certa facilidade. O dinheiro que os meus irmãos me davam chegava para a sustentar, aliás, recebi em média vinte euros e para ela bastavam dois ou três, porque comia essencialmente fruta, não tendo vício algum. Sentia-a feliz, ao fim de algum tempo de sofrimento, ela podia estar morta, lá no Brasil, onde o governo tinha aberto uma caça às bruxas, isso podia fazer com que ela sentiasse mais vontade de ser a mulher que já era...

108.

Não encontrei, perdido nas minhas palavras, o novo título que daria, desde "Mustang" ou "Higaldo" (Fidalgo, "filho de algo") a este livro e decidi dar-lhe um outro, Montanha Azul, cujo sentido me reservo enunciar.

Acordo bem-disposto. Ponho-me a descarregar livros de Jacques Rancière, Alain Badiou e outros. Como uma salada com kiwi, cenoura, tomate e maionese. Ligo para o meu irmão, que raramente que põe dinheiro, descarta-se de me ajudar, a minha irmã está fula. Vamos passar, eu e Milly, o dia com dez euros. Tiro o som da televisão e fico pensando no que hei-de fazer ,procuro não me chatear, não entrar em pânico seja porque razão fôr. A minha mãe trata-me abaixo de cão, revejo o tratamento que os meus pais, essencialmente o meu pai, tem dado ao meu irmão e à minha irmã, especialmente ao meu cunhado. Pela morte do sogro do meu irmão, o meio-irmão da minha cunhada pediu-lhe dez mil euros. É sociólogo. Parece que tenho de ser tratado pela mesma bitola quando nem sequer isso pedi, apenas vou pedindo dez, vinte euros por dia, para poder sobreviver. Enquanto isso, o meu cunhado contrai empréstimos para uma nova loja e o meu irmão igualmente, para fazer uma casa que ainda não mostrou à família. Apetecia-me ligeiramente deixar de ser amigo destas pessoas no facebook, às quais sempre dei a mão à palmatória. O meu irmão inspeciona a minha vida ao milímetro e da última vez que veio a esta casa, que não está em meu nome mas do meu cunhado e da minha irmã, isto enerva-me, o meu cunhado tomar conta de tudo e eu fico com migalhas...

109.

Os cãesinhos haviam desaparecido. A sua dona fizera obras em casa, ou vendera a casa, não sabia bem ao certo. O jovem da tese ou do portfolio, em frente, continuava a aparecer de vez em quando, o que prefaciava que havia mesmo comprado a casa. Eu ouvia Erasure, teso como um carapau, desejava imensamente uma mulher, com seios reais, e uma "pachecha", como dizia carinhosamente a Milly. Eu avançava para ela do único modo possível, o fellatio, mas ela evitava-me, refugiava-se no quarto e por vezes, até, fechava-se à chave no seu mundo pós-adolescente. Nisto tudo, já não queria as merdas que muitos outros têm, apenas queria, um dia, pegar no Mercedes e sair porta fora, descontraído, de encontro à paisagem, para um final possivelmente feliz e libertador de toda esta cena, de todo este filme que começou em 1989, em Lisboa. De quando em vez, em Lisboa, seria raiva de Tatan, o engenheiro que ocupara com a sua megera o piso que me pertencia, e lembrava-me das várias coisas que ele dissera, entre as quais "nunca serás como teu pai" e "esquizofrénico". Dava-me vontade de lhe bater, mas pensava, não merecia sequer a minha atenção tal tipo, ainda que fosse uma atenção negativa. Afinal, era esta a parangona daqueles dias pós-modernos, hiper-modernos, sobremodernos, a *atenção negativa* em relação a alguém, sem que isso trouxesse benefício algum, chatear só por chatear. Assim, eu não estava aguentando mais, preferia esatr só. Mas ela fechava-se no quarto e nada dizia, eu perguntava-lhe pela renda e ela nada dizia, desviava a face. Percebi que ela tinha de ir embora quando ela deixou de se interessar por mim, eu aproximava-me dela e ela mostrava-se fria, tentei inclusivé beijá-la mas ela parecia frígida, não correspondia. Sinceramente, não percebia mais a sua atitude.

110.

Fiquei sem internet, telefone e televisão. Aquilo que era a minha distração enquanto aguardava por uma resposta da faculdade, o meu maior entretém, foi-se por água abaixo, depois de ter sido restabelecido o serviço após uma semana de avaria. Milly continuava no seu quarto, fechada à chave, desta vez recolheu todas as chaves de todas as portas, não sei por que razão, com receio que eu fizesse alguma coisa, para controlar as coisas, talvez tivesse medo que eu a fechasse no WC ou no quarto, mas era ela quem se fechava!... Estavam quase chegando dois meses e ela não saía, depois de passado o tempo por aquilo que eu lhe tinha pago. Estava obviamente deprimida, eu puxava por ela todos os dias, mas não estava disposto a continuar, tinha de pedir dinheiro à mãe para regressar ao Brasil, obviamente. Sim, andava às voltas de um lado para o outro, pela sala, pelo corredor, pela cozinha. Procurava café, comprar tabaco e tomara o pequeno almoço. Voltaram os dias em que acordava pesado, quase lânguido, extremamente cansado, lá tomava banho, um dia ou outro, não tinha sintômas de AIDS, já lá iam uns sete meses desde a última relação. Tivera duas, de risco, mas havia perguntado às parceiras se tinham alguma coisa, em princípio estava tudo bem, mas queria jogar pelo seguro, de facto nem passe tinha, ou seja, tinha, mas estava descarregado, era impossível ir à Baixa, de modo que ia de quando em vez ao aeroporto, beber um café ou uma cerveja, ou ao Oriente, dar uma volta, obviamente sem falar com quase ninguém. Por vezes mordida os lábios e a língua, alongava o queixo, como se quisesse ter sexo esporádico com alguém e queria mesmo, dado que com Milly tinha acabado ia duas semanas, sim queria ainda uma relação formal. Confiava mais uma vez na medicina e fui marcar um consulta. Tinha pedido uma receita de medicamentos e no Centro Médico de Moscat não ma haviam dado, disseram para passar na semana seguinte, fiquei

com a suposição mental de que não queriam dar a receita, mas tudo bem, voltei a casa e voltei a andar de um lado para o outro, esperando por algum dinheiro do meu irmão para comprar uma bebida e alguma comida. Em tudo isto, ao mesmo tempo, estava ciente, sem necessidade de controlar tudo e mais alguma coisa, estava calmo e em paz e gostava de mim em quase todos os momentos, e até me sentia feliz, no meio de todas estas agruras tinha outras coisas que me faziam sentir bem.

Nesses dias comeria umas merdas, umas frutas misturadas com alface com maionese, a coisa ficou-me atravancada no estômago, nem podia obrar, parecia que me tinham ido ao rabo e suspeitava que podia ter sido ela, porque tinha a merda das chaves, de noite ou a merda, pois ela ainda tinha piço. Passei uma noite mais violente nesses dias que até fechei o quarto por dentro para poder dormir, tive receio que ela chamasse a polícia e alegando os meus antecedentes, me levasse de casa e ficasse ela por cá, no seu novo domínio, pois tinha todas as chaves. Mas continuava fechada no quarto e parecia que evitava o diálogo comigo, até que cheguei a perceber que ela era tola, tinha problemas e ainda por cima era má, pois não falava nada. A miúda estava doente, estas brasileiras vêm para a Europa e pensam que a mentalidade é a mesma e enganam-se, apanham desilusões e depressões, como esta, que foi logo foder com um tipo da associação de putas e paneleiros. Coitada da bicha.

111.

Estava de novo entalado, com setenta cêntimos liguei ao meu irmão e à minha irmã para que me colocassem algum dinheiro na conta, mas há mais de duas semanas que não tinha cartão Visa Eletron, parecia a mesma merda que aconteceu em Paris, ouvir "One Moment in Time", de uma cantora americana que de tão brilhante era, a cabou por morrer no meio das drogas. Eu não estava para tragédias nem dramas, queria levar a minha vida para a frente, sentia que estava à frente de muita gente, inclusive em termos práticos, sobretudo pelo pouco dinheiro de que dispunha, ia, ponto a ponto, migalha a migalha, fazendo o meu dia-a-dia e construindo as minhas coisas, o meu Castelo. Sim, talvez devesse mudar de novo o título deste livro para Castelo Azul. Esta próximo de um emprego definitivo...

Os meus dois telemóveis tinham o saldo negativo, três e quatro euros, respectivamente, pelo que não podia pedir um crédito, mais os números dos meus irmãos não permitiam chamadas a pagar no estimo. Teriam feito eles isso? Teria muito boa gente falado mal de mim a eles? À minha irmã é certo, ao meu irmão também, acredito nisso, sempre foram mais passados do que eu. Render-me de novo às opiniões dos outros acerca de mim e entregar-me de novo à psiquiatria? Essa é que era essa! Nunca mais, já chegara o tempo que por lá passei, confiando em médicos e tudo o mais, sem acreditar em mim, isso nunca mais iria acontecer. Um estudo, citado na rádio, dividia pessoas entre as quais desfiavam o papel higiénico ora por baixo ora por cima, sendo as primeiras passivas, as segundas dominantes. Bem, eu não era uma coisa nem outra, nunca fui muito passivo, mas talvez o fosse em certo sentido, mas no final reagia sempre, o que faz de mim um ser misto. Aliás, o rolo do papel no meu WC estava em pé e saía para fora, pelo que talvez fossem poucos aqueles que tinham a minha personalidade, se é que

esse "estudo" reflete a personalidade, sendo que esta é, em algumas pessoas, extremamente mutável e adaptativa ao meio, social e físico. Depois, dado o meu avanço, ela não quis, estive um pouco dormindo na sala escuro, com a cabeça deitada para trás e eu fui para o fundo da cozinha fumar um cigarro. Apetecia-me sair, fugir, mas não o fiz imediatamente. Estava aguardando pela ligação da televisão, do telefone e da internet, não sabia ao certo quanto iria demorar, podia demorar dias, pelo que me fui convencendo de que iria no dia seguinte de novo para Riachos. Continuava o medo em sair de casa, o receio por certas coisas, o meu pensamento talvez tivesse sido invadido pelos outros, muitos deles não eram meus, nem café tinha em casa, quanto mais comida, a última solução talvez fosse sair de casa e ir a pé até ao centro comercial e telefonar à minha mãe, de modo a pressionar o meu irmão e a minha irmã para porem lá algum dinheiro. Não queria que as coisas mudassem, ainda que estivessem mal. Deixara de amar Milli e ela sabia disso. Por isso se fechou mais uma vez no quarto, a meio da tarde, num quente e solarendo dia de Julho.

112.

Sim, a embrulhada era grande. O trânsito estava congestionado e ainda não era sexta-feira, eu dera uma hora ou duas à operadora de telecomunicações para resolver um problema que me tinha criado, uma semana sem serviço, bati o pé e já pensava em mudar para outra, mas pensava até em aproveitar melhor o móvel da sala e retirar a televisão, mas não sabia o que lhe havia de fazer, pensei até em regressar a um operador anterior com quem tinha uma reduzida dívida, pois tinham uns aparelhos e uma configuração novos, talvez mudasse para outro operador, novo na casa, ou mesmo, dado que queria manter o telefone fixo, uma ligação de net e outra de telefone. Mas bastava ter um iphone com ligação à internet, pois a partir daí se podia fazer tudo. Sim, a treta era o dinheiro, eu podia pôr no móvel uns livros e fazer um bar, como fazia o vizinho, mais ou menos isso. Procurava não pensar, estava ansioso, apetecia-me sair, talvez devesse ficar em casa, estava à espera dos míseros dez euros do meu irmão mas, sabendo como ele é e como está sempre absorto no trabalho, certamente se iria esquecer e eu não tinha meio de lhe ligar, nem que fosse de uma cabine telefónica, ao fim de vinte anos ainda estava dependente das cabines, tinha tentado ligar à minha mãe com uma chamada a pagar no destino mas ela não a aceitou, por duas vezes, devia ter desligado assim que ouvira uma voz automática...ou teria mesmo desligado, nãoa crédito, os meus irmãos não aceitavam chamadas a pagar no destino...Sem saber, era a minha mãe que me segurava. Um telefonema lá para casa podia resolver tudo, pelo menos naquele dia, como um castelo de cartas. Sim, e estava muito além de Milli, ela dormia no seu quarto, fechada na porta, fechada em sim, parecia-me estar bastante deprimida e eu não podia, pelo menos por enquanto, trazer-lhe comida, como sempre. Não era fácil, mudar de sexo. EU próprio já pensara nisso. Mas ficara por aqui, deste lado da vida, da minha vida e

da dos outros. Ela parecia estar farta de mim, talvez ainda gostasse de mim (senão talvez tivesse arranjado uma maneira de ir embora, de uma maneira ou de outra), eu estava confuso, o tempo passava lentamente e quanto mais fazia, mais esbracejava, mais me afundava. Sim, há uma maneira de fazer as coisas não fazendo nada, fazendo assentar a poeira. Uma (grande, até) maneira de resolver um problema talvez fosse não o resolver. Ele desapareceria. Isto era uma verdade absoluta. Havia pessoas com problemas maiores do que o meu, não havia em casa nenhuma doença (pensando otimisticamente), por isso, o dia seguinte era mais um dia. Apenas um só dia que poderia vir a ser uma eternidade se as coisas mudasse para melhor...

113.

Depois, percebi, por intuição mista de dedução, que muitos dos realizadores de cinema americano e europeu usavam os seus actores para realizar os seus anseios mais ou menos teóricos, mais ou menos cinematográficos. As actrizes sentia-me frustradas, essencialmente as mulheres, que se quixavam de abusos em nome de um argumento que por vezes nem sequer existia, em nome de um realizador que usava o meio para um fim específico. Duvido que a maior parte deles tivesse uma mera ideia do que é escrever, do que é passar as passas do algarve, o pão que o diabo amassou, para escrever. Muitos cientistas sociais jogavam com as coisas para a frente, enquanto a sua vida particular era uma miséria. Eu era um pouco assim. Os filósofos, sobretudo nos EUA e em alguma Europa, eram trapaceiros, estes sim, humilhavam as suas mulheres e, na verdade, não passavam de sofistas, ou seja, faziam filosofia em nome do dinheiro.

Outras vezes, a realidade, a do nosso interior, desamparado, despedaçado, é tão atroz, que negamos, bem como a realidade que está diante de nós, no exterior da nossa pessoa e subjetividade. Pode chamar-se a isto "enfiar a cabeça na areia". Mas há muitos stresses, ataques cardíacos, aneurismas, AVC's, por tentar resolver as questões à força. Nunca mais me esqueci de um professor meu, o Presto e um professor de yoga, que nunca mais me esquecia, o primeiro falava nos paninhos quentes, o segundo, da cabeça na areia. Passei a odiá-los absolutamente, bem como outros, de que noutra altura poderei falar.

114.

A minha irmã lá me ajudou, depois de ter enviado um sms à minha irmão pelo ihpone dela. Trouxe um Lambrusco e umas coisas para ela. Por vezes fartava-me, melhor, zangava-me, por estar por aqui. Mas, ao ver as bebidas de um indiano, há pouco tempo, passeia a ter vontade de ficar mais um tempo. Licores, whiskys, bebidas várias e de vários teor a rondar uma simples nota de cinco euros... Mas...para mim acabou. Tinha acabado. Esta guerra surda e muda com o ISCTE, a NOVA, a Católica tudo o mais, com os outros, todos os outros, é fácil falar, mas não era por ter sido candidato a uma ida (académica) aos EUA que eu iria tratar mal as pessoas. Se o emprego ansiado viesse, tudo bem, eu já tinha a minha dama, sim, porque Millie saíu do quarto e veio ter comigo, eu apreciava particularmente aquele espécimen de mulher que ainda tinha um pendrugalho...acabava a guerra com o meu pai, o meu cunhado, a minha irmã e a minha mãe, eu ia vivendo entre Riachos e Lisboa, nem que fosse de comboio, não me importava, apenas queria ler os meus livritos, escrever os meus livritos, andar de um lado para o outro, se for ter à América, um dia, decerto que apreciaria essa ida. Muito mais iria acontecer, eu sabia disso. Bastava ter um pouco de paciência. Podia ser até que que a tese fosse, à segunda, aprovada, podia ser até que me convidassem para dar aulas num certo lugar, mas eu não queria muito saber disso, apenas queria sonhar com as minhas voltas em Mercedes em Riachos e à volta disso, em Leirena, Conímbriga, Pombais e tudo o mais...

115.

Andava eu às voltas, desesperado, esperando por muita coisa e ao mesmo tempo investindo para muita coisa, mesmo sem absolutamente meios alguns, encontrei, na ponta do quarto, uma chave e dois euros, ou seja, quanto mais concentrado e obcecado com as respostas estamos, pior é, digamos que é preciso perdermo-nos para nos encontrarmos...e eu encontrei. Era a chave não do meu quarto, mas da cozinha. Ela era obrigada a falar, pois ficara com as chaves a pretexto de que eu as tinha tirado, mas também as tinha posto, ela nunca seria tão forte psicologicamente quanto eu, isso nada tinha a ver com o sexo. Agora, simplesmente, para comer, precisava de falar comigo. É a paga por não me ter desejado, creio que ela quer outro, outros mais, já me falou em prostituição e eu nem um carinho tenho?...

Saio de casa, fico logo melhor bem disposto, ainda com o pensamento das bolinhas no cú. Não tomo banho. Não quero saber. Ligo ao meu irmão e à minha irmã e lá consigo dela mais dez euros, que logo se vão para o rissol, uma água e tabaco, mais a viagem d emetro. Regresso a casa sme peva, mas ainda tenho tempo d ebeber uma mini no indiano. Ela parece bem disposta, vamos lá ver se tenho sorte mais logo. Fico de me encontrar com Greymas a meio da tarde para bater um papo e devo sacar dez euros do meu irmão com que farei o dia, comprando cebola, cogumelos, água e alface para ela. Vou deixando-a estar, memso que ela tenha a renda atrasada, numa troca estranha de chaves, mas creio que estou melhor do que noutros dias, embora o acordar seja mais ou menos mau, mas enfim, tudo depende da vida que levo. Apetecia-me ir correr e penso no Mercedes e na bicicleta lá em cima, no dia seguinte...

116.

Perdi o sentimento por tipas que só se interessavam por dinheiro e posição. Não tinha pachora. Levei o carro e eu nele comigo até longe. Deixei de ser pessimista, enquanto a mulher que tinha em minha casa por beneplácito nada me dava e achava-se no direito de estar sobre a minha propriedade sem um pingo de ligação comigo. Enquanto isso, o meu império crescia, a este ponto tinha quase três casas e continuava de quase bem com todos, ainda que elas não se atirasse a mim, e se o fizessem assim que eu despachasse esta, talvez não desse a mínima importância, pois estaria na América, não sei porquê nem para quê e isso intrigaria sobremaria os próprios americanos...

Encontrei-me com Greymas e percebi que ela era um pouco comigo, tinha uma problema de acesso a uma universidade, como eu, que já tinha dado aulas e os poderes mais ou menos corruptos ou suspeitos das pessoas que por lá andava. E eu não tinha nenhum problema em sair daqui a pouco para respirar um pouco de ar, isto é do Sargamo, do Lobo Antunes e outros, que não passaram o mesmo que eu passei, nem lá perto, m nunca tinham entrado num hospital psiquiátrico de liteira, como por exemplo, um Joaquim Pais de Brito, um Iturra, um Vale de Almeida, um Francisco ou um Quintais. Eu estava bem longe deles e não queria nada mais com eles, estaria dali a pouco a fumar um cigarro na cozinha e, ainda que tenha feito ume sforzo descomunal, mais-do-que-americano, continuava na mesma situação, talvez como Greymas, ainda que resistindo, ainda que tentando, ainda que fazendo mais e mais...

117.

Fiquei pensando no camandro do puto doutorando em Serviços Sociais que fodeu a minha gaja e a mim não me deu nenhuma satisfação, mas bem, ela é que quis, porque estava uma noite e não lhe queria dar o meu pau e ela queria foder e foi ter com ele, o tóino, bem lhe disse, "se te voltas a meter com ela, faço-te a folha". O certo é que ela não a minha gaja, apenas lhe queria dar uma foda nessa noite, nem que fosse no cú, via muito além uma tipa que pudesse viver um romance comigo, embora não estivesse para aturar gajas daqui, não valiam a pena, eu estava muito além, na América, na Noruega, fosse onde fosse. Sim, esta narrativa estava chegando ao fim, nem sequer era terapia alguma, eu estava há meses sem mulher, nem mamãs via, talvez se devesse a isso ter suplantado um certo autor norueguês, para não dizer um ou dois mais. Eu era um tipo absorvente, como uma esponja, de modo que eu podia, a esta altura, ser um grande professor universitário, sempre puxara por isso, ainda que na maior parte do tempo só, e ainda estava desejando isso, cilindrar esses tipos todos que não sabem ser modestos nem contemporizadores (quanto mais contemporâneos), como o Borges, o Alemida, o Zink e vários mais...

118.

Depois, fiquei pensando, o Victor era um tóino, por isso se foi, não podia alegar razões genéticas e tudo o mais, como o eram os tipos que eram dos termos de Riachos, todos uns tónios, atreitos a ideias conservadoras, tradicionais, que nem percebiam o conteúdo, ou seja, eu esta, quase no fim da minha vida, com uma transsexual e a sociedade portuguesa ainda brincava com isso, se fosse na América, a coisa tinha outros contornos e eu passando o que passei, o que tenho passado, só para um emprego de professor de filosofia numa faculdade em Lisboa, isto era muito mais do que isso, muito mais do que a árvore à qual quase todos estavam preso, como dizia o Emmanuel, desalentado pela mafia que grassava no país, todos procurando uma zona de conforto, dentro da caixa, cagarolas, engenheiros, médicos, arquitectos e até antropólogos, todos uns situacionaistas, que apenas procuravam dar uma queca no Bairro Alto a um travesti, que vis~o do mundo era essa? Era a visão triste que nos apresentavam, uma visão relacionada com os exo e a maledicência, por isso também a França estava fodida, ou seja, tudo está bem quando temos possibilidade de uma queca, malditos humanos, que não vêm além do mais que eles próprios s~o e nem sequer têm consciência disso... Depois, chateara-me bastante, entre Riachos e Lisboa, eu próprio não podia fazer vingar uma força que me possuía e que não era minha, era dos energúmenos que não tinha nada a ver comigo, pois na verdade, não sabia que dinheiro teria no dia seguinte ao desta escrita, porque neste país não se valorizavam os verdadeiros escritores, nem sequer os antropólogos, os melhores dos antropólogos e filósofos, ainda que sem ligação aos doutores das universidades...e ainda bem...

119.

Sim, a teoria de Lilly estava certa: em três irmãos, o irmão do meio está sempre lixado, por mais que faça nunca lhe dão apoio ou o ajudam em algo. Contudo, é aquele que mais faz e é o garante da própria família que o rejeita e ostraciza. Chego a casa, ao pôr a chave na porta, uma velha diz do café: "coitado, ninguém lhe liga". Isto diz tudo de como são as pessoas, não as pessoas em geral, mas as pessoas daqui. Incaracterísticas, críticas, sempre insatisfeitas, não sabem ver além da caverna. Sim, parece que ainda sou antropólogo e que estou lutando com toda a gente, não sei a que propósito nem para quê. Não tenho um interesse financeiro, ao fim de tanto tempo. Procuo não responder às críticas, enquanto me sinto cada vez mais só, enquanto Milly, no reduto do seu quarto, nada diz no fundo do escuro. Gostaria de saber como se foge ao facto de ser bode expiatório. Tomo um banho, faço a barba e saio, não aguento estar em casa. Sim, a vida estava custando, mas eu via em tudo isso que nos estava acontecendo uma oportunidade para fazer mais e melhor. Depois de ter discutido com Milly e ela quase me ter oferecido porrada, enfurecida, voltei a arrumar a casa para a ter por "cá". Reuni três livros que achei por bem continuar a ler, de Vattimo ("Aventuras da Diferença"), Baudrillard ("Crítica da Economia Política do Signo") e Habermas ("Racionalidade e Comunicação". Entretanto, acabei por trazer no dia anterior mais dois livros da coleção negra, para tirar uns tópicos de refelção. E era isso, evitando fumar, beber, ler umas coisas, escrever uns livros, embora cansado, voltei a ter esperança em realizar projetos...

120.

Danny desaparecera do mapa e não deixava de pensar no que me dissera o Colinas, que também ia desaparecendo aos poucos, talvez mais depressa que o próprio Danny, revelando-se seres inferiores dotados de grande capacidade de aproveitamento das situações mas que desperdiçavam logo no imediato. Nunca passou do sétimo ano, ou seja, nunca teve jeito ou empenho para estudar, nem para trabalhar, sempre foi um langão preguiçoso e com as mulheres, nem se fala, foi sempre um desastre. Ou seja, sempre fez merda. "E o burro sou eu?"

Mas bem, o Danny não lhe fugia muito, para trabalhahr só na faculdade, pouco andou nas obras e sempre foi um tipo bem pouco produtivo, um livro, em colaboração, artigos em revistas nacionais, meia dúzia se tanto, nunca nada com o fôlego cá do mamen...ora bem. Consigo imaginar os dois lendo os meus livros e a dizerem mal, como muitos lá nos cafés. Sim, nunca pertenci muito a esse grupo disperso que se junta no café e ao qual Danny sempre aspirou pertencer. Era esse o seu ideal de vida, nada mais, a vida universitária sempre foi um empate para passar tempo, para dizer que fazia alguma. O mesmo com Ribas, que nunca teve experiência místicas ou religiosas. Aliás, nenhum deles naquelas redonzezas. Isso mostra muiuto da falta de rasgo da maior parte dos tipos da minha idade que, em certa parte considero de amigos mas que nada me dão, apenas os vejo, sentados, jogando bilhar, sempre a arrotar postas de pescada para um ou outra miúda desmazelada que por lá aparece. É isso que penso deles. Se formos bem a ver, não há, nem em Riachos nem em Lisboa, um tipo com o meu rasgo. E bem pouco me importa que não sejam amigos, que critiquem, que digam mal, mas não tolero, porque a partir de certo ponto já chateia...

121.

Finalmente, descobri o segredo por que tanto anseava naqueles tempos: deixa-te estar na tua. É esse o segredo, a atitude que te permite prolongar o teu ponto de vista na tua vida e na vida social. Talvez nada mais importe: buscar dinheiro e fama, festas e mulheres também é bem-vindo, mas a sociedade censura sempre, de uma maneira ou de outra e ainda te goza de não gozares caso leves uma vida de monge. Portanto, há que içar velas e levantar vôo, fazer ao mar da vida. Esta minha impressão pode parecer bastante ingénuo. Mas é minha. Já lá vai o tempo dos tempos em que levantava vôo em termos de teoria e filosofia, agora estou mais pesado e ando mais andrajoso, mais rente ao chão, orgulhoso do caminho que percorri. Danny e Tobias vai ficando longe no horizonte, como se ficassem para trás, num bote que é só dele. Espero que encontrem uma ilha, como eu encontrei, de tanto dizerem que eu parecia Robinson Crusóé. Talvez eles não tenham percebido que a vida é para viver e ser exigente com isso, connosco e com os outros. Trago da França um pouco dessa seriedade intensa que me caracteriza por vezes. Sim, foi muito tempo sendo gozado, não só quando estava bastante doente. Talvez tenha esta atitude de exigência para com os outros porque tenha passado bastante mal ou não ser daqui, não lhes desejo que passem o mesmo que eu passei. Se assim fosse, talvez o pessimista não fosse eu. Sim, o ódio que eu lhes tinha, também eles me tinham a mim. E vários outros. Mas, a propósito de nada, de não sei quê senão uma teimosia adolescente de parecer ou ser socialmente o melhor. Tudo se vem desvanecendo no tempo e talvez se conclua ter sido eu o tipo que mais terá acertado. Nem sequer vou dizer porquê. Sim, porque muitos me chamam louco por ter tido frequência de psiquiatria, talvez eivados de preconceitos, de animosidade para comigo, ou de estúpida insistência em padrões de masculinidade bastante acabados e *dèmodés*...

122.

De repente, parece que todos me querem lixar, linchar. Será pela tese? Não sei bem porquê, será talvez pelo crescente poder da minha pessoa em termos sociais. Acredito nisso. Sempre que conto qualquer coisa ao meu irmão, à minha mãe, à minha irmã, parecem não acreditar em mim, um problema com uma pessoa ou outra, parecem estar mais do lado dessa pessoa minha oponente do que de mim. Quando eu terminantemente os defendo em tudo e mais alguma coisa. A aventura e as desventuras continua. Milly trouxe alguém cá a casa, mas não dormiu cá, ou então saiu cedo. Coloquei um pano no espaço vazio que dá para o seu quarto, que é o espaço do vidro que parti. Mais uma vez, sinto que ela não deveria estar aqui, porque não paga renda há vários dias. Mas vou aguentando, essa e outras coisas. Tenho consciência de que já passou, de modo bastante nítido, o "período de carência" face à minha tese. No entanto, nenhuma resposta...nada. Suponho que irá ficar esquecida. Não posso fazer muito mais. Já me esforcei bastante, bastante mais do que era necessário ou até permitido.

E ali estava. O tempo parecia-me uma eternidade. Milly levava quase todas as suas coisas não sei bem para onde e, entretanto apareceu mais uma miúda para o quarto, negra, simpática. Queria um tempo sem ninguém para refletir, o apartamento vazio, mas precisava de algum dinheiro e ela era simpática, ternurenta, talvez procurasse um homem que a compreendesse. Ou não, talvez apenas quisesse um pouco de calma e espaço, um pouco de sossego face aos homens. E talvez eu estivesse disposto a conceder-lhe isso.

Trouxera para perto de mim uma garrafinha de vinho frizante, comprara tabaco, embora não precisasse de todo de fumar, Milly nada dizia eu precisava de dar uma resposta à pequena Frances. Estivera no dia anterior com mais uma febre, Milly havia dito para comer, se quisesse, um pouco das suas frutas e

legumes. Eu havia comido, certamente, mais do que podia, tomate, cogumelos, cebola e tudo o mais. Percebi que esla não tinha dinheiro, tinha ido a uma horta qualquer e sacado legumes e tomates de um horta, só não percebia nada disso, havia trazido uma ou duas couves, muita salsa, cogumelos e tomates. Coitada. Tinha pena dela, talvez ainda gostasse dela, ainda que não dormisse com ela. Toma. Ela deixara ainda alguma roupa, pouco mais. E eu não estava assim muito inclinado para que a miúda viesse, pelos vistos ela havia sido rejeitada onde estava, ainda que pagasse a renda e eu, curiosamente, havia rejeitado Milly por ela não pagar a renda. Estranho, isto, ou não, andavam por aí muitos tipos tremelgados, muito mais do que eu. Lisboa começava num novo ciclo de doidice, o calor fazia as pessoas loucas, para além da gasolina. Milly preparava-se para ir embora, embora a tivesse amado, outra viria no seu lugar, estava num ponto de rutura, não sabia se havia de sair se me deitar nba cama, mas nunca fora muito de cama, mas estava cansado, cansado mentalmente. E ainda não tinha feito o pós-doutoramento, talvez nem contasse em fazê-lo. Em tudo isto, doze obras em dois anos, uma ou duas teses e nada. Se dependesse odo esforço, eu seria o melhor e o maior neste país. Mas dependia de muito mais. Ou muito menos.

123.

Esta é uma história que nunca acaba. Os personagens desfilam, os enredos se desvendam, mas esta é uma história que nunca acaba. Vai além de mim mesmo e das pessoas que vou conhecendo nesta cidade. Vai muito além dos encontros e desencontros, muito além. Sim, o quarto podia ficar vazio, na verdade já tinha saudades da brasileira, da sua presença-ausente, dela no escuro, meia nua, meia *desiderata*. Ainda espero que venha, chegar aqui, por estes dias. Enquanto uma outra moça se prepara para entrar nos meus domínios territoriais que são a casa, as escadas, a caixa do correio e tudo o mais. Cansado. As pessoas são o que pensam? Duvido muito, crer nisso seria retirar da experiência humana da subjetividade o seu valor metafísico. Depois, olhei para o livro de Duclaux, *Do Caos ao Homem*, e as coisas pareciam fazer plenamente sentido. Lá se dizia que os corpos (humanos) são feitos de carbono, hidrogénio, azoto e oxigénio. De certa maneira, a minha teoria do humano fazia sentido, da transmutação dos valores e até da transmutação dos corpos de um lado ao outro, a misceginção dos sentidos e sentimentos. A fim de criar um novo homem? Talvez. Se combinássemos números, símbolos e substâncias, poderíamos chegar a qualquer coisa de novo no homem, mais do que a um homem novo. As teorias de Teilhard de Chardin e, obviamente, Darwin, tinha tudo a ver com isto, não só porque o darwinismo ainda era assunto, bem como a ideia da pedra filosofa, da domaçaõ e dominaçaõ do tempo, da longevidade, da eterna juventude? Mas...a vida é uma corrida, a eternidade decerto que nos cansaria e, a crer em vários sistemas de pensamento, o ser individual apenas morre na sua forma "actual", para dar seguimento a outra forma. Ou desaparecerá por completo? Não será o espírito, mais do que a alma ou a mente, o garante da transposiçaõ do corpo para o outro

lado, ou seja, uma segunda vida? *Moradas*, Teresa d'Ávila...

Sim, isto sou eu, o tipo que vive as mais diversas situações, umas bizarras outras esquisitas e que sabe um par de coisas sobre a natureza humana, não porque tenha um dom especial, o que não seja totalmente mentira, mas porque aprendeu pela experiência a captar a essência das coisas, das linguagens e sentidos da existência e, sobretudo, em termos de parangonas mentais, do sentido metafísico em termos fenomenológicos da não-existência, talvez porque já tenha estado (um pouco) do lado de lá, a propósito de meditação e contemplação da sua acção e teoria na planagem do quotidiano. Estamos, assim, muito tempo pensando, des-fazendo, esboroando a nossa mente, envoltos em razões e desrazões, em justificações, ofendidos ou ofensores, entre a procura de solução para os mais variados problemas e o ímpeto de solucionar, pela acção, esse mesmo problema. Talvez tenha arranjado problemas. Mas os problemas ajudam-nos a crescer, fazem-nos refletir. Porventura tornam-nos mais ricos. Tudo depende do nosso bias, da nossa perspectiva que, quando combinada com intuição e lógos, produz bons sentimentos. A minha teoria essencial é que o homem, face à sua finitude, torna-se boa pessoa, agarra-se, de certa maneira, aos outros. Ao observar muita gente que tem arrepio de gente, eu opto por outra via, agarro-me às pessoas, como o faço em relação à vida, não fico num canto só por ficar, destilando teorias quase inúteis (porque uma teoria nunca é inútil) e embora esteja no meu espaço, embora me confunda a cansa muitas das vezes, prefiro ter companhia a estar só.